

# RUA LARGA





## S U M Á R I O

4 • A caminho de Bolonha • Fernando Seabra Santos

### REITORIA EM MOVIMENTO

6 • De Mar a Mar: VIII Semana Cultural da UC • João Gouveia Monteiro

8 • Captação de novos públicos para a UC • Francisco Veiga

### OFICINA DOS SABERES

#### *A c t u a l*

13 • Dez livros que abalaram o mundo • João Gouveia Monteiro e Carlos Fiolhais

14 • O futuro do TAGV • Manuel Portela

16 • Design. Do chumbo ao pixel • Marco Daniel Duarte

18 • O Alasca em português • Lúcio Cunha, António Rochette e João Santos

20 • Centenário do nascimento de Fernando Lopes-Graça • Teresa Cascudo

#### *I m p r e s s õ e s*

22 • “Professora, porque olham para nós?” • Maria João M. D. Reis Torgal

24 • Fernando Távora: o desafio dos limites • João Mendes Ribeiro

26 • Tempos interessantes? Memórias políticas de Hobsbawm • Vítor Neto

27 • Luigi Pirandello: o regresso a Coimbra • Rita Marnoto

29 • Francisco de Lemos: o Reitor-reformador • Luís Paulo Sousa

31 • Os abismos do mar • Ana Maria Leitão Bandeira

33 • A última obra de Almada Negreiros • Marco Daniel Duarte

#### *B r e v e s*

#### *R i b a l t a*

38 • Tuna Académica da UC

40 • Coro D. Pedro de Cristo

43 • Conselho da Cidade de Coimbra

#### *C i ê n c i a R e f l e c t i d a*

44 • Egas Moniz: história da ciência e cultura científica • Ana Leonor Pereira e João Rui Pita

### A O L A R G O

47 • Entrevista a Fernando Nobre: Missionário contra a indiferença

#### *P o r t f ó l i o*

52 • A UC na expedição fotográfica do Museu de South Kensington • Alexandre Ramires

#### *C r ó n i c a*

60 • O conhecimento como aventura • Rui Bebianco

#### *R e t r a t o d e C o r p o I n t e i r o*

63 • O engenho musical de José Andrade Campos

#### *C r i a ç ã o L i t e r á r i a*

66 • Adónis • Cristóvão de Aguiar

#### *O L u g a r d o s L i v r o s*

#### *A g e n d a*

As alterações introduzidas em 2005 à Lei de Bases do Sistema Educativo com vista à preparação da nossa entrada no chamado Espaço Europeu do Ensino Superior ficaram muito aquém do que seria desejável. Tal como se apresenta, ao remeter, na prática, para cada instituição, a obrigação de fixar objectivos de formação, designações, durações e critérios de acesso, esta Lei está a ser factor de instabilidade e de desarticulação do sistema. Permitindo a concorrência em campos onde ela não deveria existir, facilita a desqualificação e o nivelamento por baixo. Infelizmente, os exemplos estão à nossa volta.

Na ausência de orientações gerais, só a actuação concertada das universidades poderá impedir que o resultado seja uma manta de retalhos e temo que o CRUP não esteja em medida de assegurar essa concertação. Pressinto, com efeito, em algumas escolas, faculdades ou universidades, a vontade de anunciar, autonomamente, um figurino de formação dos cursos de 1º ciclo, antes mesmo de nos terem sido facultados dados essenciais para uma tomada de decisão consciente e informada, e apesar de não ter sido ainda possível encontrar consensos a nível nacional sobre matérias em que eles são fundamentais. Seria, a meu ver, uma precipitação, que procurarei evitar na Universidade de Coimbra.

Tenho defendido que as medidas a tomar para consolidar a oferta educativa ao nível da graduação deveriam procurar conferir maior legibilidade ao sistema de escolha; evitar o recurso a designações apelativas e à facilitação do acesso, como factores de concorrência entre instituições; e conduzir à organização da formação de 1º ciclo em cursos de banda larga, e não em cursos preparatórios. Estes objectivos deverão ser prosseguidos através das seguintes acções:

FERNANDO SEABRA SANTOS\*

### **1.ª • Racionalização da oferta**

Diminuição significativa do número das designações actualmente existentes. Das actuais 825 deveríamos passar para um número próximo de 100.

### **2.ª • Relação biunívoca entre designação e conteúdo**

Com uma margem sempre possível de diversificação da componente não nuclear de cada formação, cursos com um conteúdo nuclear semelhante devem ter a mesma designação e cursos com um conteúdo nuclear diferente devem ter designações diferentes.

### **3.ª • Universalidade do critério de acesso para uma dada formação**

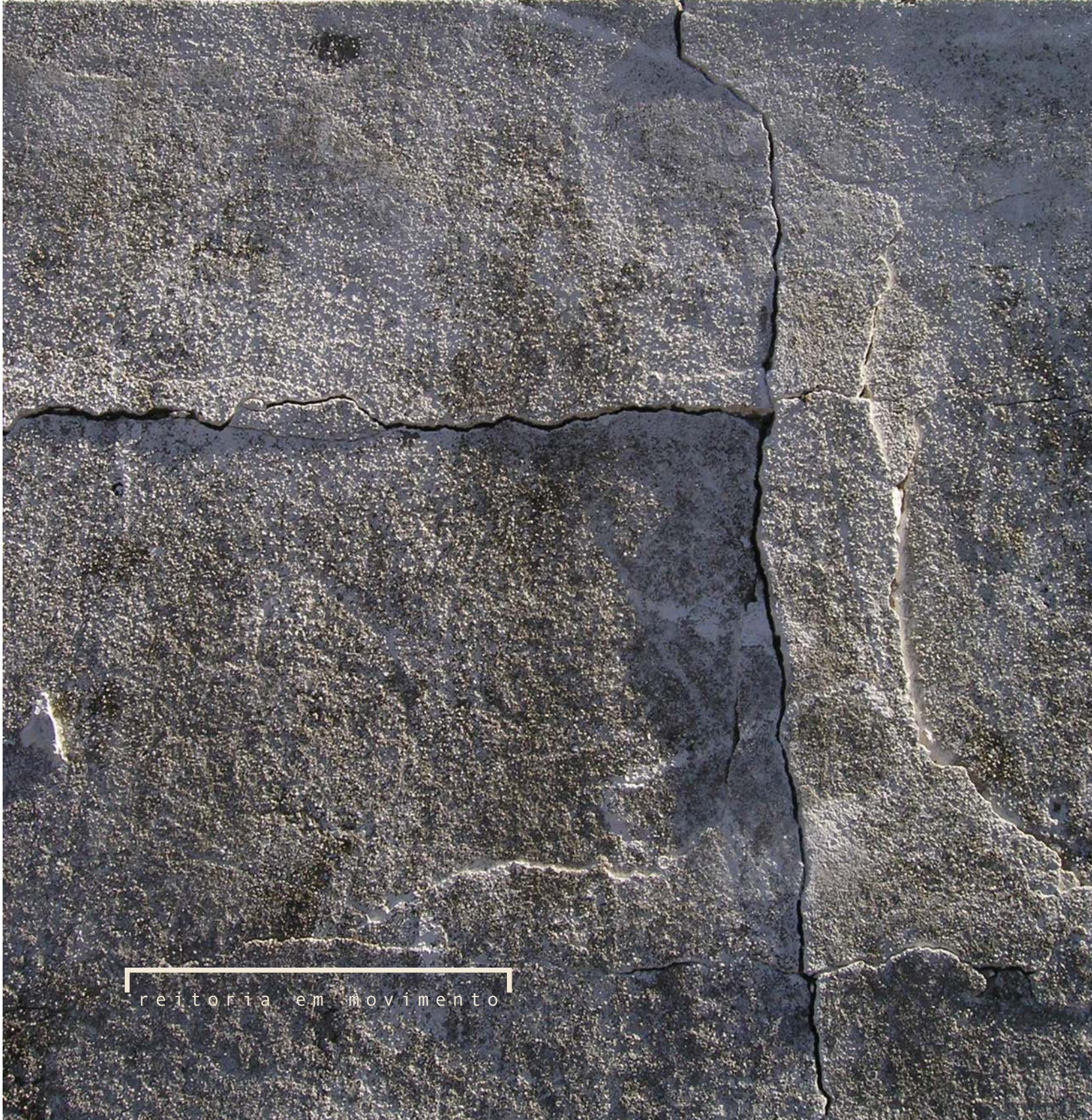
Os cursos com a mesma designação (e portanto com conteúdos idênticos) devem ter o mesmo critério de acesso.

### **4.ª • Universalidade da duração para uma dada formação**

Os cursos com a mesma designação (e portanto com conteúdos idênticos) devem ter a mesma duração.

No documento recentemente aprovado pelo CRUP sobre o “Ordenamento do Ensino Superior” foi possível incorporar algumas destas preocupações. Mais uma vez soube, este Conselho (já o tinha feito em Julho, em matéria de financiamento), tomar a iniciativa e marcar, pela positiva, a sua posição. Ficamos na expectativa de verificar se a regulamentação da Lei de Bases, anunciada para o início do ano, vai contribuir para resolver os problemas acima enunciados ou se, pelo contrário, vai ficar aquém do consenso a que os reitores puderam chegar.

\* Reitor da Universidade de Coimbra  
(2 de Janeiro de 2006)



reitoria em movimento

Entre 1 e 11 de Março de 2006, a Universidade de Coimbra concretizará a oitava edição da sua Semana Cultural. O tema escolhido é “De Mar a Mar”. Não são precisos muitos argumentos para justificar esta escolha. Trata-se de um tema de forte identidade nacional, muito amplo do ponto de vista científico e excelente também no plano das práticas e representações culturais (teatro, cinema, música, dança, artes plásticas, etc.). É, além disso, um tema muito oportuno, pois falar do mar, da água, dos recursos hídricos ou do meio ambiente é discutir um dos problemas mais importantes da nossa vida em sociedade e do futuro do nosso planeta. A presente edição da *Rua Larga* apresenta um caderno temático a este respeito muito sugestivo, assinado por governantes e especialistas de diversas áreas, todos eles com grande ligação à temática do mar.

Na sua programação final, a cuja divulgação procederemos brevemente, tanto junto da comunidade universitária como a nível nacional, a VIII Semana Cultural da UC acolhe perto de 80 eventos, um resultado que só foi possível em consequência da participação entusiástica de todas as Faculdades da UC, do nosso Arquivo, da Biblioteca Geral, do CES e do CD 25 de Abril, da Divisão Técnico-Pedagógica, do Jardim Botânico, da Casa do Pessoal, dos museus universitários e de muitas secções culturais, núcleos de estudantes e organismos autónomos da AAC. O número e a qualidade dos eventos, assim como a circunstância de o dia 1 de Março ser Quarta-feira de Cinzas, acabaram por nos levar a um substancial alargamento do cronograma da Semana Cultural, que assim terá, este ano, a duração, não de seis mas de onze dias (1 a 11 de Março)!

lução do ano anterior, em que a Semana Cultural da UC se alargou visivelmente ao conjunto da cidade (este ano teremos no nosso programa a Cooperativa Bonifrades, a Camaleão, a Escola da Noite, o Museu Nacional de Machado de Castro, o Conselho da Cidade de Coimbra, o Cineclube Fila K e as Associações de Estudantes dos países da CPLP, entre outros), o nosso evento não se circunscreverá a Coimbra. Na verdade, a VIII Semana Cultural da UC também acontecerá na Figueira da Foz (no Centro de Artes e Espectáculos), em Ílhavo (no Museu Marítimo), em Cantanhede (no Museu da Pedra) e ainda numa série de outros pontos do nosso litoral centro (como Óbidos e Peniche), que serão objecto de visitas guiadas.

Nas duas edições anteriores, a Semana Cultural da UC mobilizou entre cinco e sete mil pessoas. Este ano, pelas razões acima expostas, contamos chegar mais longe. A diversidade dos espaços em que decorrerá o evento (mesmo se considerarmos apenas a cidade de Coimbra) contribuirá decerto para um tal resultado. Tudo isto permite configurar o “De Mar a Mar” como o evento cultural mais importante que terá lugar em Coimbra no ano de 2006. É um evento para todos os tipos de público, de todas as idades, cobrindo quase todas as áreas científicas e culturais. Tal como em 2005, é seguro que os seus efeitos se prolongarão muito para além do respectivo encerramento, nomeadamente por via das exposições que continuarão patentes ao público e dos espectáculos que se manterão em cena. Bem-hajam todos aqueles que nos ajudaram a montar um tamanho festival.

#### SEMANA CULTURAL ALARGADA

Mas o “De Mar a Mar” apresenta ainda uma outra novidade interessante: consolidando e ampliando a evo-

\* Pró-Reitor para a Cultura

Do vasto programa do “De Mar a Mar”, podemos desde já destacar algumas iniciativas directamente dinamizadas pela Reitoria da UC:

- **1 de Março** (4.<sup>a</sup> feira), no TAGV (21h30): concerto de aniversário da UC, pela Orquestra Sinfónica da ARTAVE – inclui a apresentação (rara) da peça “História Trágico-Marítima”, de Fernando Lopes-Graça, compositor de que se comemora em 2006 o centenário do nascimento (veja nesta revista o artigo de Teresa Cascudo). Entrada livre.

- **4 de Março** (sábado), no Centro de Artes e Espectáculos da Figueira da Foz: às 17h00 – debate sobre “O Mar como factor de desenvolvimento estratégico de Portugal”, moderado por Duarte Silva (presidente da Câmara da Figueira da Foz) e com a participação de Manuel Lobo Antunes (Secretário de Estado da Defesa e dos Assuntos do Mar), Carlos Sousa Reis (Programa Finisterra), Luís Tadeu (IST), Nuno Vieira Matias (ex-CEMA) e Tiago Pita e Cunha (Comissão Estratégica para os Oceanos). Às 21h30: “Tanto Mar” – recital de poesia portuguesa dos cinco continentes (selecção de Paulo Filipe, direcção musical de Laurent Filipe, com Paulo Filipe, Sílvia Filipe e Nuno Rebelo – vídeo). A Reitoria assegurará o transporte de ida e de regresso (saída às 15h00 do Largo de D. Dinis; inscrições: 239859814) / prcultura@ci.uc.pt). Entrada livre.

- **7 de Março** (3.<sup>a</sup> feira), no Arquivo da UC (Sala D. João III), a partir das 9h30: Colóquio “Mediterrâneo, Orientes e Globalização”. Com Maria de Fátima Silva, Boaventura de Sousa Santos, Maria Jesús Merinero e Djalal Sattari (manhã: “Política e Sociedade”); e com João de Deus Ramos, Cláudio Torres, Lada Eftkhari, Pirouz Eftkhari e Luís Filipe Thomaz (tarde: “Cultura”). Às 18h00: inauguração de uma exposição de caligrafia persa e árabe (Editions Alternatives). Em colaboração com o Grupo de Reflexão sobre Estudos Orientais da FLUC.

- **7 de Março** (3.<sup>a</sup> feira), TAGV (21h30): Espectáculo de música iraniana, com Hushang Djâvid e Ehsan Kavé.

- **2, 5, 8 e 9 de Março**, no TAGV (sempre às 21h30): Ciclo de Cinema “Mar Português”: “Agosto” (de Jorge Silva Melo, 1988), “À Flor do Mar” (de João César Monteiro, 1986), “Zéfiro” (de José Álvares Morais, 1994, seguido de debate com Luís Sousa Martins, Paulo Cunha e Álvaro Garrido) e “Água e Sal” (de Teresa Villaverde, 2001). Uma parceria Reitoria da UC – Fila K Cineclube – TAGV.

- **10 de Março**, na Casa Municipal da Cultura (às 10h00): Fórum da “Água e da Saúde”. Co-organização da FMUC (J. Páscoa Pinheiro) e Reitoria da UC.



Os estudos demográficos realizados nos últimos anos previam uma redução no número de alunos candidatos ao ensino superior, sentindo-se actualmente esta realidade em todas as instituições de ensino, incluindo, naturalmente, a Universidade de Coimbra.

Para contrariar esta tendência e poder manter, ou mesmo aumentar, o número global de alunos, dando resposta à capacidade de ensino e investigação instalada na Universidade de Coimbra, a Reitoria definiu como prioritário, no seu plano estratégico para a consolidação da oferta educativa, o aumento da diversidade de cursos de pós-graduação e a captação de novos públicos, quer através da formação contínua e informal, quer através do desenvolvimento do ensino à distância (*e-learning*). Os Estatutos da Universidade de Coimbra estabelecem que cabe às faculdades a responsabilidade de criar cursos, cabendo à Reitoria a promoção de todas as acções conducentes à implementação de novos produtos educacionais.

Neste âmbito, foi criado um grupo de trabalho com representantes de todas as faculdades, que elaborou o “diagnóstico” da situação real de cada faculdade, das medidas já tomadas e daquelas que se previam que fossem adoptadas, bem como os meios previstos para a sua efectiva implementação.

É hoje possível, em algumas faculdades, frequentar não só cursos de pós-graduação (tais como cursos de especialização, mestrado e doutoramento), mas também disciplinas isoladas, cursos livres e acções de formação contínua reconhecidas pelas associações profissionais. A Reitoria pretende que esta prática se estenda a todas as faculdades, pelo que está a promover e a apoiar todas as iniciativas sustentadas que resultem na diversificação da oferta educativa.

#### APOSTA NO ENSINO À DISTÂNCIA

À semelhança do que acontece noutras universidades de prestígio internacional, a Universidade de Coimbra está decidida a apostar no *e-learning*, como um paradigma alternativo de ensino/aprendizagem particular-

mente vocacionado para a captação de novos públicos. A realidade internacional mostra-nos a existência de muitos casos de sucesso em universidades que se dedicaram ao ensino à distância, mas não esconde também alguns fracassos devidos a erros por falta de estratégia. Reconhecemos que a estratégia de implementação do *e-learning* não assenta nos mesmos pressupostos de uma acção de formação presencial e que carece da avaliação de um conjunto de factores, com enquadramento próprio, que vão, desde a motivação pessoal dos docentes e existência de recursos humanos e financeiros, até à inventariação dos recursos técnicos disponíveis no seio da universidade, como seja a existência de uma plataforma de *e-learning*.

Embora já existam na Universidade de Coimbra alguns casos de formação por *e-learning*, temos ainda um longo caminho a percorrer até que sejam ultrapassados todos os constrangimentos inerentes à implementação generalizada deste novo ambiente de ensino/aprendizagem em todas as faculdades.

Para reforçar o entusiasmo dos mais interessados nestas temáticas, mas que não possuem os conhecimentos e os meios necessários, promovemos a apresentação de duas plataformas de *e-learning*, sendo uma *open-sourcing* e outra existente no mercado comercial. Esta iniciativa permitiu que mais um curso de pós-graduação esteja brevemente disponível em formato de ensino à distância.

#### TECNOLOGIA AO SERVIÇO DO ENSINO

Por considerarmos que estamos ainda longe de atingir as nossas expectativas nesta matéria, temos vindo a actuar, quer ao nível dos órgãos de gestão das faculdades (no sentido de os sensibilizar para esta nova realidade educacional), quer junto do corpo docente (através de acções de formação), de maneira a motivá-los para o uso integrado das tecnologias de informação e comunicação, como ferramenta essencial e precursora de uma nova cultura educativa. Estamos convictos de que a implementação da *Web On Campus* na UC, que



consiste num sistema modular e evolutivo de conteúdos educativos e actividades académicas, não sendo propriamente uma plataforma de *e-learning*, vai favorecer a criação de um ambiente educacional com base nas TIC.

Recentemente, foi estabelecido um Protocolo de Colaboração entre a Universidade de Coimbra e a PT, que prevê a criação de vários projectos de I&D, visando um destes a implementação do conceito de “Universidade Alargada” onde são criadas “várias janelas para o exterior”, incluindo uma delas o desenvolvimento do ensino à distância. É um projecto ainda em fase embrionária, mas que acreditamos que em devido tempo dará os seus frutos, porque estamos convictos de que con-

seguiremos incentivar as pessoas envolvidas e mobilizar os meios materiais necessários.

A Reitoria pretende, num futuro próximo, promover, através de incentivos materiais, o desenvolvimento de projectos integrados de *e-learning* que privilegiem o contexto educativo e se pautem pela interdisciplinaridade, permitindo a criação de cursos inovadores e o fortalecimento das relações interinstitucionais e que se caracterizem, fundamentalmente, por atrair públicos qualificados e exigentes.

\* Pró-Reitor para o *E-learning*,  
Ensino à distância e Captação de novos públicos





oficina  
Dos Saberes





## DEZ LIVROS QUE ABALARAM O MUNDO UMA ESCOLHA, CINCO DEBATES

Não, não se trata apenas de mais um *top ten*... Nem é um vulgar *top ten* de livros de História... Falamos de um jogo, de um desafio que a Reitoria e a Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (BGUC) acharam interessante lançar na comunidade académica de Coimbra e divulgar ao país. Quais são, na opinião de representantes escolhidos dessa comunidade, os livros que mais influência tiveram sobre a história do mundo? A selecção foi simples e é fácil de explicar:

Pedimos a dez conhecidos docentes da Universidade de Coimbra [dois de Letras, dois de Ciências e um de cada uma das outras seis faculdades (ver caixa)] que elaborassem, de forma inteiramente livre, uma lista dos dez livros que, na sua opinião, e independentemente de serem ou não da sua especialidade, mais contribuíram para influenciar o percurso da Humanidade.

Recolhidos os 100 votos solicitados, tratámos de verificar quais eram os "dez mais". A lista final completa, por ordem decrescente de votação foi a seguinte:

- *A origem das espécies* (Charles Darwin): 9 votos
- *A Bíblia*: 7 votos
- *A interpretação dos sonhos* (Sigmund Freud): 6 votos
- *O Capital* (Karl Marx): 6 votos
- *D. Quixote* (Miguel Cervantes): 5 votos
- *Princípios Matemáticos de Filosofia Natural* (Isaac Newton): 5 votos
- *Odisseia* (Homero): 4 votos
- *A Riqueza das Nações* (Adam Smith): 3 votos
- *Diálogo sobre os dois maiores sistemas do mundo* (Galileu): 3 votos
- *Teoria Geral da Relatividade* (Albert Einstein): 3 votos

Júri • António Sousa Ribeiro e João Maria André (Letras); Joaquim Gomes Canotilho (Direito); Manuel Quartilho (Medicina); Paula Oliveira e Paulo Gama Mota (Ciências e Tecnologia); João Rui Pita (Farmácia); Joaquim Feio (Economia); Manuel Viegas Abreu (Psicologia e Ciências da Educação); e Rui Gomes (Desporto e Educação Física).

**1ª Sessão** (7 de Dezembro de 2005) • **17h00**: inauguração da exposição (BGUC, Sala de S. Pedro). Até 15 de Fevereiro de 2006 • **18h00**: "As razões de uma escolha" - comentário geral do resultado da votação, por António Sousa Ribeiro e Rui Gomes, com moderação de Carlos Fiolhais (BGUC, Sala de S. Pedro) • **21h30**: concerto da Padroeira da UC pelo Orfeon Académico (Sé Nova).

**2ª Sessão** (7 de Fevereiro de 2006) • **17h30**: "Aquém da Bíblia e além de Darwin" - com João Rui Pita, Manuel Viegas Abreu e Paulo Gama Mota, e moderação de João Gouveia Monteiro (Anfiteatro do Museu Zoológico - Colégio de Jesus).

**3ª Sessão** (23 de Março de 2006) • **17h30**: "Três livros, três translações físicas - o "avô" (Galileu), o "pai" (Newton) e o "filho" (Einstein)" - com João Maria André, Paula Oliveira e Carlos Fiolhais, que também moderará (Arquivo da UC - Sala D. João III).

**4ª Sessão** (17 de Maio de 2006) • **17h30**: "A actualidade do pensamento de Marx e de Adam Smith", com Joaquim Feio e Joaquim Gomes Canotilho, e moderação de João Gouveia Monteiro (Biblioteca Joanina - Sala 4 A).

**5ª Sessão** (8 de Junho de 2006) • **17h30**: "Virados a Oriente: os livros que ficaram por dizer..." - com Carlos João Correia (FLUL), José Nunes Carreira (FLUL, jubilado) e Luís Filipe Thomaz (Univ. Católica, a confirmar), e moderação de Anselmo Borges (Biblioteca Joanina Sala 4 A) • **21h30**: concerto de encerramento das aulas na UC.

O resultado é tão interessante como discutível. Mas é curioso verificar como há bastantes títulos que coincidem com uma escolha independente feita recentemente no quadro de uma iniciativa similar da Biblioteca Municipal de Oeiras.

### LIVROS ANIMAM INICIATIVAS

A partir daqui, programámos para o ano lectivo de 2005-2006 uma exposição na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra tendo como base estes dez livros (primeiras e outras edições, traduções em português, obras sobre a recepção destes livros em Portugal, etc.) e cinco debates públicos, destinados essencialmente a comentar e a aprofundar a escolha realizada, com a colaboração dos diversos membros do júri. No caso particular do último debate, tratar-se-á de reconhecer (ou não) o carácter "eurocêntrico" da votação e de tentar perceber, com o auxílio de conselheiros avisados, quais seriam, a nascente, as principais obras que porventura mereceriam alinhar ao lado das eleitas. O programa completo deste ciclo, iniciado já a 7 de Dezembro passado, mas que se prolongará até Junho de 2006, pode ser consultado no final deste artigo.

Ora aqui está um excelente pretexto para se voltar a falar da cultura científica, do lugar dos "clássicos" nos debates do mundo contemporâneo e do próprio diálogo entre culturas e civilizações. Estão todos convidados para a exposição (patente até 15 de Fevereiro) e para os debates!

JOÃO GOUVEIA MONTEIRO  
Pró-Reitor para a Cultura  
CARLOS FIOLHAIS  
Director da BGUC

## O FUTURO DO TAGV A PROGRAMAÇÃO COMO SERVIÇO PÚBLICO

Que ciclos de cinema? Que companhias de teatro? Que peças? Que orquestras de câmara? Que solistas? Que bandas de pós-rock? Que música do mundo? Que coreógrafos? Que músicos de jazz? Que espectáculos para crianças? Que performances? Que novo circo? Que produções locais? Que...? Que...? Que...? Mas também: Que formas de financiamento? Qual a responsabilidade da Universidade? Qual a da Câmara Municipal? Qual a do Ministério da Cultura? Que modelo de gestão? Que quadro de pessoal? Que reparações na sala? Que carências de equipamento? Que...? Que...? Que...? A imaginação tem de vogar com o lastro das circunstâncias, que é como quem diz com uma representação ajustada ao real. O dilema de programar e dirigir reside nesta transacção constante entre o trabalho de criação simbólica e o trabalho de produção das condições materiais necessárias a essa criação. Isso significa não tanto confirmar os constrangimentos e os limites, isto é, conformar-nos com esse conhecimento, mas antes alargar esses limites na interacção entre o que é e o que pode vir a ser.

### LUGAR PARTICULAR DO TAGV

A produção artística e cultural intensificou-se nos últimos anos, o que se reflecte também na função das salas de espectáculos nas respectivas cidades. A situação peculiar do TAGV como a principal sala de Coimbra imbricou de forma ainda mais forte a sua dimensão universitária e a sua dimensão pública. Uma análise da programação dos últimos anos permite duas conclusões importantes: primeiro, o TAGV tem servido, de facto, um conjunto de públicos diversos, como se adivinha pela distribuição das produções pelas várias áreas da programação (cinema, música, teatro e dança); segundo, uma observação das produções programadas permite confirmar que a taxa de ocupação da sala foi por vezes alta, mas que este raramente foi o critério determinante na programação, já que uma percentagem significativa de produções continua a ser escolhida atendendo ao valor intrínseco das obras e das criações e, portanto, com a preo-

cupação de dar a conhecer o largo espectro de práticas e formas nas artes do espectáculo, resistindo à massificação e uniformização que tendem a impor-se no sector das indústrias culturais actuais. Isto, sem descurar a função de apoiar também a produção e as iniciativas da comunidade universitária.

O futuro tem pois de ser projectado a partir daqui. Enumero alguns dos princípios orientadores: reforçar a qualidade e a coerência da programação, repartindo-a de forma aproximadamente idêntica pelas áreas do teatro, do cinema, da música e da dança; em cada uma destas áreas, acolher produções de repertório clássico e criações contemporâneas; fazê-lo com a preocupação de acolher diversos géneros e práticas artísticas; alargar a colaboração com instituições similares e a programação em rede; manter os festivais anuais e bienais; construir também um público infantil e criar um serviço educativo; acolher debates, lançamentos e exposições que possam constituir um espaço público de comunicação sobre práticas sociais, científicas e artísticas contemporâneas; apoiar a apresentação da produção artística e cultural dos Organismos Autónomos e da Associação Académica de Coimbra e também de grupos de teatro locais, proporcionando condições para a itinerância de produções oriundas de outros pontos do país.

Além disso, a identidade do TAGV constrói-se igualmente através de projectos de programação e produção próprios, organizados sob a forma de ciclos, encontros, mostras e festivais. Estes projectos, não nos esqueçamos, têm uma importante dimensão adicional, pois nascem por vezes de iniciativas locais, permitindo cimentar relações de colaboração com associações de especialistas nas áreas em causa. O capital de conhecimento necessário à programação encontra-se disseminado na sociedade. É por isso importante perceber que uma parte da função de programar consiste em apoiar esta capacidade de iniciativa, em que paixão e conhecimento se aliam. A ligação com o tecido social estabelece-se através desta troca de papéis e das cadeias de colaboração entre indivíduos e instituições.

## ASSEGURAR A SUSTENTABILIDADE

Neste momento de transição para o que poderá ser uma nova situação jurídica e um novo modelo de gestão, terão prioridade iniciativas que visem melhorar a situação financeira do TAGV. Desde logo, garantir e reforçar a participação do Ministério da Cultura e da Câmara Municipal de Coimbra no orçamento, atendendo ao reconhecido serviço público prestado pelo TAGV. Ao mesmo tempo, explorar as possibilidades oferecidas pela Lei de Mecenato, procurando parcerias com o sector privado no patrocínio de espectáculos ou produções específicas. Ainda, constituir um projecto que possa enquadrar-se no financiamento do Cultura 2000, ou de outros programas europeus, procurando assim alargar a colaboração com instituições congéneres noutros países da União Europeia. E, por último, procurar que o TAGV integre redes de programação, regionais, nacionais ou internacionais, de forma a poder beneficiar da partilha dos recursos de produção.

Ao agregar a criação científica e a criação artística na sua *Agenda Cultural*, a Reitoria mostra consciência da importância do cruzamento de saberes para uma definição lata e integral do espaço cultural como espaço cívico, quer dentro da instituição, quer na relação da instituição com o meio. Parece por isso inteiramente coerente que, a par da qualidade científica do trabalho produzido, se pugne pela qualidade artística da programação apresentada. De outro modo, estaremos a prejudicar a possibilidade de o TAGV continuar a ser - mais do que mera sala de espectáculos - um espaço de participação no conhecimento e na fruição da criação contemporânea, no largo espectro que constitui hoje a criação. Sendo o TAGV um dos principais instrumentos da política cultural da UC, é imprescindível que a Reitoria e o Senado mantenham o nível de financiamento necessário para alcançar aquele objectivo no contexto actual. Caso contrário, correremos o risco de perder os frutos do trabalho desenvolvido nos últimos anos.

## PROGRAMAÇÃO COM IDENTIDADE

O TAGV deve poder aplicar na sua programação um conjunto de critérios que mostrem claramente a existência de uma intencionalidade e de uma política cultural para a comunidade universitária e para a cidade de Coimbra. Isto significa, entre outras coisas, a possibilidade de contratar espectáculos e criações numa modalidade contratual em que seja possível assumir os riscos financeiros. Só assim se pode criar uma relação dialéctica entre servir o público e formar o público. É certo que há áreas, como o cinema e os vários géneros de música rock, nacional e internacional, ou de música do mundo, em que é possível uma programação de alta qualidade mesmo nas condições actuais. O mesmo não se pode dizer, todavia, da música erudita ou do jazz, nem do teatro, e ainda menos da dança, seja em formas clássicas, seja em formas contemporâneas.

Sendo desejável que o TAGV desenvolva a capacidade de gerar receitas próprias, no entendimento de que parte do serviço público deve ser pago directamente pelo público a quem se destina, é também sabido que a programação não pode estar inteiramente dependente do mercado. Não nos devemos esquecer de que o objectivo último da nossa actividade é servir o público através da programação que apresentamos e que é a noção de serviço público, em última instância, que dá sentido àquilo que fazemos no TAGV. Seria bom que a sigla TAGV pudesse significar Teatro A Grande Velocidade - a grande velocidade em direcção à máxima qualidade dos seus serviços e da programação em todas as áreas. Ainda que não vogue tão rápido ou suba tão alto como a Fanfare Ciocarlia, o futuro imagina-se alijando o lastro.

MANUEL PORTELA  
Director do TAGV  
(Nov.º 2005)

## DESIGN. DO CHUMBO AO PIXEL MESA-REDONDA NO ARQUIVO DA UNIVERSIDADE

A casa onde, na Universidade de Coimbra, habitam os mais antigos documentos que, nas suas tintas gráficas, condensam as informações do passado mais remoto, abriu as suas portas a um debate sobre as mais modernas formas que, em processo de maturação intelectual, resultam das novidades do Design. A Universidade de Barcelona, em parceria com a empresa Alquimia da Cor, do Porto, elegeu a UC para palco de um dos debates programados de um curso de Verão de extensão universitária destinado a alunos das áreas da Formação, Comunicação e Design Gráfico e Intermédia. Assim, na tarde de 15 de Julho de 2005, na Sala D. João III, teve lugar um fórum de discussão aberto a toda a comunidade universitária.

Sendo uma das actividades do vasto programa de um curso ibérico que manifesta a desejável aliança entre os mundos universitário e empresarial, o encontro foi pretexto para juntar, em torno do tema “Do Design: Herança, Projecto e Conhecimento”, especialistas de diversas disciplinas e saberes científicos. As diferentes formações dos que compunham a mesa-redonda denunciavam já a pluralidade de análises que se desenvolveria e justificavam, em plenitude, o título genérico do curso, que apontava para a diacronia que levou as artes gráficas a caminhar entre o chumbo da “arte da imprimissão” e o mais moderno pixel que compõe a imagem da tela informática.

tério da Cultura para a Zona Centro), ao explicar o conceito de Design através dos seus fundamentos teóricos, trouxe à colação a importância da salvaguarda do valor da qualidade estética cuja fusão entre funcionalidade e forma o Design conseguiu. A necessidade de estetização do objecto de uso comum colocou a produção do Design como comungante das características das obras de arte, tema que o filósofo Pedro Pita abordou, inclusivamente, no que respeita a algumas das similitudes e dissemelhanças entre Design e outras manifestações estéticas produzidas pelo ser humano. Joaquim Antero Magalhães Ferreira, designer, docente na Faculdade de Belas-Artes da Universidade do Porto e representante da empresa Alquimia da Cor, evidenciou que o Design tem sido esquecido pelo Estado e acentuou que é necessário o justo reconhecimento universitário e social do trabalho do designer.

Como bem enfatizou o período de debate que sucedeu às intervenções, a própria solução lexical definidora do profissional de Design, embora já assumida pelos designers, encontra-se ainda longe de estar apreendida pela sociedade e tem oscilado, apesar do que este facto aduz de dificuldade na projecção social da profissão. Não estando isentas de sentidos diversos, num ou noutro momento da história, têm sido utilizadas, na língua portuguesa, as palavras desenhador, projectista, criativo, designer. A linguagem, como é cada vez mais sabido, não é imune a leituras e interpretações geradas pelo sentir social, daí advindo consequências para a própria profissão em causa.

A almejada abordagem transdisciplinar que presidiu à elaboração do programa encontrou na UC, designadamente na reunião científica acontecida no seu Arquivo, o terreno fértil para uma cabal concretização. A moderação do debate, a cargo de Maria José Azevedo Santos (directora do AUC e Professora da Faculdade de Letras), uma especialista em História da Escrita, suscitou a intervenção dos participantes daquele evento que formavam um auditório de acentuado interesse pela disciplina que, a partir da Era Industrial, veio conciliar o que a muitos pareceria paradoxal e incompatível: estética e indústria.

### O QUE É, AFINAL, O DESIGN?

Os intervenientes no debate puseram em comum a convicção de que falar de Design é encetar uma discussão epistemológica em estreita relação com as áreas humanísticas. Enric Tormo i Ballester (catedrático da Universidade de Barcelona e director científico do curso) acentuou a relação entre Design e as diferentes disciplinas científicas e das humanidades, em diálogo ecológico, em ordem a um desenvolvimento social e cultural, devolvendo à sociedade produtos que possibilitem o seu bem-estar. António Pedro Pita (Professor da Faculdade de Letras da UC e Delegado do Minis-



## O DESIGN (TAMBÉM) COMO PONTE

São hoje cada vez mais relevantes as novas soluções apresentadas pelo designer, enquanto criador de produtos vários (industriais ou não), em ordem às necessidades reclamadas pela complexa sociedade pós-industrial e pós-moderna. O presidente da reunião científica congratulou-se com a iniciativa e realçou a importância da inter-relação universitária que naquela mesa-redonda se exemplificava, assim como a relação que deve existir entre o conhecimento universitário (que se quer em actualização constante) e a área empresarial.

O debate demonstrou que o Design parece constituir-se área de excelência para a concretização destas convicções. Não tanto pela produção de objectos equacionada como um fim, mas, como bem acentuou o director científico do curso, como produtor de bem-estar, isto é, o fim último do Design não se encontrará nos objectos, mas antes no Homem que os utiliza e que deles se mune para viver e conviver num grupo que é a sociedade.

**MARCO DANIEL DUARTE**  
Colaborador nos cursos de pós-graduação  
da Universidade de Barcelona/Alquímia da Cor



## O ALASCA EM PORTUGUÊS EXPEDIÇÃO AO COLLEGE FJORD

O College Fjord é um dos muitos fiordes da região de Prince William Sound, na região costeira do Sul do Alasca. A uma latitude de 61° 15', tem uma orientação sensivelmente ENE-WSW, cerca de 38 quilómetros de extensão, por 3 a 5 quilómetros de largo. Na sua cabeceira divide-se em dois braços, o de Harvard e o de Yale, onde terminam glaciares de maré que drenam os gelos acumulados no sector meridional das Montanhas Chugach.

### VIAGEM DE EXPLORAÇÃO

Tendo por objectivos principais o estudo da história recente (Holocénico final) dos glaciares do College Fjord e, particularmente, a comparação das dinâmicas dos glaciares Yale (em retrocesso, como muitos dos glaciares do Alasca e do Globo) e Harvard (em progressão), dois dos autores deste artigo, conjuntamente com um colega geólogo norte-americano, entenderam submeter a financiamento pela National Geographic (*Global Exploration Fund*) um projecto que permitisse realizar uma expedição para recolha de informação de campo. Obtida a aprovação e conseqüente financiamento, a este pequeno grupo acabaram por se juntar outros quatro colegas (mais um da Universidade de Coimbra e três de universidades norte-americanas), que trouxeram novas experiências e valências para o projecto e que em muito contribuíram para o viabilizar do ponto de vista logístico e para o enriquecer e valorizar do ponto de vista científico.

Apesar de o local de trabalho se localizar relativamente próximo (cerca de 80 quilómetros, para Oriente) de Anchorage, a maior cidade do Estado do Alasca, a expedição [Verão de 2005] contava com algumas dificuldades logísticas inerentes ao território relativamente selvagem e incógnito que é conhecido como "a última fronteira", "o fim do Mundo" ou "o paraíso da vida selvagem". Assim, chegados a Anchorage e reunida a equipa foram feitos os preparativos logísticos para a expedição propriamente dita. De Anchorage rumámos a Whittier num comboio turístico enervantemente lento, mas único meio

para transportar de uma vez só toda a equipa, o equipamento e as provisões. Aqui foram alugados os barcos que, para além de transportar a equipa até ao College Fjord, foram fundamentais no trabalho de campo.

### RECOLHA DE DADOS NO TERRENO

Tentando aproveitar o pouco tempo disponível, encurtado ainda pelas más condições atmosféricas de alguns dias, a equipa desenvolveu trabalho variado de recolha de informação que consistiu na observação da morfologia geral e de pormenor, na observação de cortes naturais de formações superficiais relacionadas com o processo de evolução recente da área com recolha de amostras, na cartografia de formas glaciares, particularmente da posição actual das frentes dos glaciares de Yale e Harvard, bem como das mo-reias que permitem balizar anteriores posições das frentes glaciares, na tomada de pontos em GPS para localização rigorosa de algumas formas, na utilização do "sonar" para localização de alguns arcos morénicos submersos, na recolha de amostras para dendrocronologia visando tentar determinar a idade de colonização pela vegetação arbórea das superfícies deixadas a descoberto pelos glaciares no seu processo de recuo holocénico e, finalmente, na realização de sondagens nas turfeiras para recolha de amostras que permitam estudar a evolução paleoambiental após a retirada dos glaciares (através da palinologia) e balizar essa evolução através de datações radiométricas pelo método do Carbono 14 (C14).

Na sequência do trabalho de campo e das amostras recolhidas, ficou ainda muito "trabalho de casa" para fazer, nomeadamente o desenho da cartografia geomorfológica esquemática e geral da área do College Fjord, a análise sedimentológica das amostras de depósitos glaciares e lacustres, a análise dendrológica, a análise palinológica e, finalmente, as datações Carbono 14 que venham a ser possíveis dentro dos magros orçamentos disponíveis.

## A VIDA DOS GLACIARES E O AQUECIMENTO GLOBAL

Apesar do trabalho que falta realizar, alguns resultados preliminares podem ser desde já apontados. Assim, foi possível confirmar algumas das hipóteses já colocadas pela observação cartográfica e das imagens de satélite disponíveis. A principal delas diz respeito ao modo como o glaciar de Yale está em recuo rápido (5 a 6 quilómetros em cerca de 40 anos) face ao avanço, eventualmente menos rápido (pouco menos de 2 quilómetros no mesmo período) mas igualmente consistente, do glaciar de Harvard, mostrando que o processo de aquecimento global (natural ou antrópico) que parece conduzir ao retrocesso generalizado das frentes glaciares tem de ser lido num contexto de grande complexidade local e regional. Foi também possível observar um conjunto significativo de formas de desgaste e de acumulação bas-

tante frescas, particularmente na área deixada a descoberto pelo glaciar de Yale nos últimos 40 anos. O trabalho de campo realizado permitiu detectar, ainda, um conjunto significativo de moreias que marcam as fases de retrocesso glaciar durante o Holocénico. A sua cartografia, a par com os dados laboratoriais e as datações radiométricas, permitirá, seguramente, ir um pouco mais longe no conhecimento científico que se tem da evolução holocénica do Collee Fjord. Para nós fica, também, uma aprendizagem pedagógica que em muito ajudará à compreensão de alguns dos problemas maiores da Geomorfologia portuguesa, como é o caso da importância dos processos glaciares e periglaciares no modelado das nossas paisagens de montanha.

LÚCIO CUNHA, ANTÓNIO ROCHETTE E JOÃO SANTOS  
FLUC



## CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE FERNANDO LOPES-GRAÇA UM COMPOSITOR POR CONHECER E UM “MILITANTE DA CULTURA” POR REAVALIAR

Há apenas uns meses, escrevi um artigo para o suplemento de cultura do jornal *Público* que foi incluído na homenagem póstuma a Eugénio de Andrade. O motivo foi o facto de Lopes-Graça, compositor sobre o qual me tenho interessado enquanto investigadora durante os últimos anos, ter escrito quatro obras baseadas na poesia de Andrade. O meu texto incidiu sobre as correspondências artísticas que podiam ser estabelecidas entre ambos, bem ilustradas nas referidas composições. Uma delas, o ciclo vocal *As mãos e os frutos*, de 1959, conta-se entre o melhor do vasto catálogo de Lopes-Graça. Qual não foi o meu espanto quando, durante a redacção, reparei que a obra deverá ter sido cantada ao vivo desde a sua criação menos de uma dúzia de vezes. Ao longo de cerca de 50 anos, foi apenas cantada por dois intérpretes (Fernando Serafim e Ana Ester Neves) e as gravações disponíveis são actualmente objectos de colecção.

Trata-se de uma obra fulcral no percurso criativo do compositor. É um manifesto da sua íntima ligação com a literatura da sua época e do seu subtil e sensível conhecimento das virtualidades musicais da língua portuguesa. A sua beleza e o seu comovente conteúdo emocional fazem dela uma das composições mais importantes do século XX. E, contudo, durante cinco décadas, apenas terá sido ouvida por umas centenas de pessoas. Se tivermos em conta estas circunstâncias (infelizmente, não apenas limitadas a esta obra, mas a muitas outras), que significado tem a afirmação de que Lopes-Graça é uma figura incontornável da cultura portuguesa?

20

### UM COMPOSITOR PROLIXO

Para quem a imagem de Lopes-Graça se resume nas *Canções Heróicas* e nas harmonizações vocais, pode resultar surpreendente que o seu catálogo conste de perto de duzentos e cinquenta títulos, entre os quais seis sonatas para piano, várias obras para instrumento solista e orquestra, numerosas peças orquestrais e centenas de canções sobre poetas, portugueses e não só, de todos os séculos. Ainda, passados trinta anos sobre o 25 de Abril, presumo que também devem existir muitas pessoas para as quais Lopes-Graça nem sequer é o autor de canções “eruditas” de intervenção social e política, mas, no melhor dos casos, apenas o nome de uma rua, de uma escola ou de um auditório. Quantos haverá que,

ao surgir o seu nome numa conversa, comentem com apreço a sua terceira sonata ou o seu primeiro quarteto de cordas, ambas distinguidas com prémios de composição, ou o seu concertino para violoncelo, estreado em Moscovo pelo célebre Mstislav Rostropovich? Suspeito que poucos, inclusive entre aquelas pessoas que tiram habitualmente prazer da ida regular a concertos e da escuta de gravações.

### A EFEMÉRIDE COMO OPORTUNIDADE

Transcorridos mais de dez anos após o seu falecimento e entrando-se no ano em que se comemora o centenário do seu nascimento, ocorrido em Tomar em Dezembro de 1906, parece que se apresenta a oportunidade para tentar imaginar, fixar e divulgar uma imagem do compositor que, sem perder de vista a sua qualidade de “militante da cultura” (na expressão de António Pedro Pita), se centre na descoberta da música que escreveu. Deve ser dito e lembrado que Lopes-Graça é autor de uma obra coesa e marcante, onde se fala não apenas do “ser português”, mas da própria essência do ser humano, nas suas alegrias e nas suas tragédias. O compositor, suportando heroicamente e a seu próprio custo todos os obstáculos, fez música e pensou sobre a música em Portugal, confiante que outros iriam juntar as suas vozes à dele. Ofereceu um exemplo público de integridade, advogando a democratização de uma arte que até hoje parece estar ainda vedada ao grande público.

Em 1947, no conturbado período posterior à Segunda Guerra Mundial, quando era um empenhado apoiante do Movimento de Unidade Democrática, Lopes-Graça escreveu: “Se algum título eu aqui posso invocar, é apenas este: o de artista - um artista que sem deixar é certo de ser homem, e sem separar a sua arte do homem e de tudo quanto ao homem diz respeito ou interessa profundamente: os seus problemas, as suas lutas, o seu destino, a sua condição social -, só se acha contudo qualificado para falar das questões referentes à sua arte e dar a esta o melhor da sua actividade.” O presente ano de 2006 não deve ser desaproveitado. É uma ocasião extraordinária para tentar conseguir que sejam muitas mais as pessoas interessadas em apreciar desprendidamente a sua generosidade.



**“PROFESSORA, PORQUE OLHAM PARA NÓS?”**

Ao longo dos meus últimos 29 anos de vida, esta pergunta vem à minha memória variadas vezes e tenho tido dificuldade em conseguir para ela uma resposta simples, objectiva... Mas mantenho sempre o mal-estar que ela me causou, ao ouvi-la da boca de uma criança de nove anos, um dos meus alunos de então, que a completou com a seguinte frase: "...parece que somos bichos do Jardim Zoológico!"

Explicamos melhor: em 1976 comecei a trabalhar na Escola nº 28 de Coimbra. Era (e continua a ser, apesar de agora se chamar EB1-APPC, de Coimbra) uma escola da rede pública da cidade, com quatro lugares (que mantém), que tinha sido criada, no ano anterior, para o ensino dos utentes do Centro de Reabilitação de Paralisia Cerebral de Coimbra (CRPC), crianças portadoras de paralisia cerebral e/ou doenças neurológicas afins, pelo que foi inserida nas instalações desta instituição. Tinha sido a maneira de o Ministério da Educação da época colaborar com um grupo de pais de crianças por-

tadoras de deficiência que, em 1975, tinha conseguido organizar o Centro. Em Portugal, o Estado estava a começar a assumir a Educação para Todos, depois de uma tentativa legisladora, ainda antes do 25 de Abril, na reforma Veiga Simão. Desenvolvia-se o estudo, a observação científica e a aplicação das novas teorias de ensino e educação no que respeitava às crianças portadoras de deficiência e nos anos seguintes desdobraram-se os colóquios, os congressos, as conferências sobre estes temas.

**UMA PAISAGEM POBRE**

Até essa época, pouco se tinha feito a nível oficial, tirando a criação ou organização de alguns institutos de cariz essencialmente asilar ou assistencial e sendo a educação especial assegurada por entidades privadas. A formação dos profes-

sores especializados (a partir dos anos 40 do século XX) era suportada pelo Instituto António Aurélio da Costa Ferreira, que era, também, o responsável pelas classes especiais (criadas em 1947). Quanto às escolas do Magistério Primário, onde eu tirei o meu curso no início da década de 70, não contemplavam o conhecimento ou a simples informação de como lidar com as crianças com necessidades especiais (físicas ou mentais). Termos e/ou conceitos como integração, paralisia cerebral ou síndrome de Down, hemiparésia ou tetraparésia, espasticidade ou hipotonia, dislexia ou disgrafia... ou a simples palavra deficiência, não faziam parte do léxico do curso. Piaget, Freinet, Montessori ou Decroly (os Homens e as teorias), entre outros, eram-nos "apresentados", mas Borel-Maisonny, Maria Luísa Val do Rio ou João dos Santos, por exemplo, continuavam a fazer parte do nosso desconhecimento.

#### APRENDER A ENSINAR

Os anos foram passando e a minha formação em exercício e as minhas práticas pedagógicas foram-se aperfeiçoando, graças, muitas vezes, à colaboração, a diversos níveis, do CRPC. Ao mesmo tempo, o desenvolvimento da tecnologia (os computadores, com os programas e todo um manancial de material adaptável às dificuldades, principalmente motoras, dos meus alunos - *switch*, teclados de conceitos, Kenix...), o aparecimento e aperfeiçoamento dos Sistemas Alternativos e Aumentativos de Comunicação (Bliss, Makaton, PIC, SPC), bem como o surgimento do desporto adaptado (Boccia, Futebol em Cadeira de Rodas Eléctrica, Zarabatana...) e a evolução das técnicas de reabilitação, foram permitindo às crianças, jovens e adultos deficientes o desenvolvimento das suas capacidades cognitivas, perceptivas, motoras, aumentando o seu rendimento escolar, abrindo o leque das suas experiências e descobertas, e, essencialmente, facilitando a comunicação com os outros, tirando-os do isolamento a que muitas vezes eram votados.

Também nos últimos anos, a educação para crianças com necessidades educativas especiais tem vindo a orientar-se por princípios consignados em inúmeras resoluções de organismos internacionais (ONU, OCDE) e tem consagração legal, a nível nacional, em diversos diplomas, nomeadamente, a Lei

de Bases do Sistema Educativo, o DL 35/90, o DL 319/91 e o DC 105/97, para além da legislação que define e regula as medidas especiais de educação a aplicar a estas crianças e anula as barreiras que não as permitem desenvolver.

#### LEGISLAR NÃO CHEGA...

..É necessário que toda a sociedade tenha vontade de cumprir e de pôr em prática e, para isso, é fundamental a mudança das mentalidades que ainda hoje preferem a "caridadezinha" ao respeito pelos direitos dos outros.

A educação de uma criança é sempre difícil.

A educação de uma criança com deficiência é ainda mais difícil, seja para a família, para a sociedade ou para o professor. Podendo não ter oralidade ou comunicar com dificuldade, ter um andar mais desequilibrado ou utilizar uma cadeira de rodas, ter um atraso intelectual ou uma inteligência acima do normal, é fundamental não nos esquecermos de que uma criança com paralisia cerebral é, acima de tudo, uma CRIANÇA, com os seus gostos, os seus desejos, as suas birras... e que precisa, como qualquer outra, de brincar, de ser compreendida e acarinhada, de ter normas de conduta, de aprender a lutar pelos seus direitos e de cumprir os seus deveres, sempre de acordo com as suas capacidades, que devem ser estimuladas em detrimento das suas dificuldades, e sempre respeitando o seu ritmo de desenvolvimento e de aprendizagem.

Voltando ao meu aluno de há 29 anos, penso que, se fosse hoje, a melhor resposta que eu teria para lhe dar seriam as palavras de uma outra minha aluna, mais recente, que, em certa altura, me escreveu: "...Eu não me considero deficiente. Posso é ter paralisia cerebral, agora deficiente!... De quê?... Sou uma pessoa. Só não consigo andar sozinha e estou dependente de pessoas para fazer certas coisas. Mas também, quem não está dependente dos outros?... Por vezes somos considerados como bichos do outro mundo, como coitadinhos, como incapacitados. Quando saio é incómodo e chato, mas eu já não ligo."

A todos os meus alunos o meu bem-haja por tudo o que, até hoje, me fizeram viver e me ensinaram.

**FERNANDO TÁVORA: O DESAFIO DOS LIMITES**

Fui aluno de Fernando Távora no 1º ano do curso de Arquitectura da Escola de Belas Artes do Porto. Nesse mesmo ano, o meu interesse pelo trabalho de Távora despertou, através da visita a duas obras que me marcaram enquanto estudante e que, de alguma forma, estiveram sempre presentes ao longo do meu percurso escolar. São elas o Pavilhão de Ténis da Quinta da Conceição (1956-1960) e a casa de férias de Ofir (1957-1958). Obras que me tocaram pela particular aliança entre delicadeza e força, pela simplicidade e, ao mesmo tempo, pela forte presença destas arquitecturas de desenho moderno contaminadas por formas tradicionais: uma arquitectura-convocatória de outras memórias, afectividades, relações e analogias, sem fazer da referência um chavão e sem impor leituras encerradas.

Mais tarde, enquanto seu assistente no Departamento de Arquitectura da FCTUC (1991-1998), tive o privilégio de testemunhar a sua enorme sensibilidade e sabedoria no modo de encarar a vida. A sua arquitectura é o reflexo da forma natu-

ral e intensa de estar no mundo. Távora gostava de trabalhar a partir da vida. De trabalhar com o que o comove. Para Távora, todos os projectos, qualquer que seja o seu sucesso, são sempre paixões sérias. Como ele sempre dizia, “o estilo não conta, mas sim a relação com a vida”. A sua enorme clareza em relação à arquitectura deve-se à capacidade de criar ou evocar situações com que as pessoas pudessem facilmente identificar-se. Tudo porque sempre se preocupou com a vida das pessoas, com a forma de levar a arquitectura a reflectir e a entrar no nosso quotidiano.

**A ARQUITECTURA E PARA ALÉM DELA**

Das muitas conversas que tivemos retive, em particular, o seu apego à vida e a sua afeição pelas coisas; a sua capacidade de observação e de desenho reforçadas pela postura profundamente humanista. Nas suas aulas esteve sempre presente o

Quinta da Conceição, Matosinhos





humor subtil e inteligente com que contava as suas histórias, experiências e saberes. A sua personalidade cativante, comunicativa, quase lúdica, permitia um relacionamento empático com os alunos. Magnífico transmissor de conhecimentos, Távora sabia, como poucos, estimular a criatividade dos outros. O mundo de Távora foi sempre um universo de convergências: de culturas, de ideias, de gentes. Nas suas obras lêem-se marcas, registos de uma geografia do mundo recriada. A sua arquitectura, telúrica, atinge um nível de universalidade traduzida na sua essencialidade. Távora deixava-se influenciar pelo desejo de simplicidade na procura daquilo que é essencial. Os seus trabalhos permitem repensar a arquitectura e o lugar que nela existe para a emoção. A obra de Távora evoca sempre o passado. A sua arquitectura é atemporal.

No ensino, como pedagogo, e na arquitectura, preocupou-se com os valores do lugar e da história no Movimento Moderno. Távora soube sempre trabalhar com as preexistências, fazendo novo, tornando a arquitectura moderna sensível às formas e valores locais, estabelecendo a síntese possível entre a tradição e a modernidade. Távora propõe uma intervenção intensa em significado e conteúdo, sobrepondo ao existente valores actuais, conciliando as ideias do Movimento Moderno com as contingências locais.

## INTERVENÇÕES EMBLEMÁTICAS

Esta forma de actuar está bem vincada nas intervenções de recuperação e adaptação que executou em edifícios de grande valor patrimonial. Exemplo disso é a reconversão do Convento de Santa Marinha da Costa, em Guimarães, para pousada (1975-1984), onde ensaia de forma precursora a articulação de formas arquitectónicas contemporâneas com a história. Aqui, tal como em outros projectos, a história constitui um instrumento operativo para a construção do presente. Távora propõe a (re)leitura do lugar da intervenção, onde as preexistências são utilizadas como matéria de projecto. Nas suas obras, introduz um método pessoal de relação com a arquitectura e o mundo, mediada pelo desenho, introspectiva, ligada ao sítio. A sua arquitectura faz-se por sugestão do que já existe fixado pela história: o presente contém o passado. Em Távora encontramos a sensibilidade para, ao ler o edifício inscrito no lugar, perceber o que está em causa. Através de um modo ou tipo particular de intervenção, faz uma síntese e acrescenta novos valores e significados ao existente, sem o destruir ou anular. Gostava de dizer que o arquitecto é um “criador de felicidade”. Para Távora, a arquitectura é o lugar de contenção e o lugar onde se experimenta a liberdade.

JOÃO MENDES RIBEIRO  
Departamento de Arquitectura da FCTUC

Pavilhão de Ténis da Quinta da Conceição



## TEMPOS INTERESSANTES? MEMÓRIAS POLÍTICAS DE HOBBSBAMW

O historiador inglês Eric Hobsbawm publicou, em 2002, a sua autobiografia, intitulada *Interesting Times - A Twentieth-Century Life*, traduzida recentemente pela Editora Campo das Letras. Historiador assumidamente marxista e "comunista atípico", sintetiza em si a lucidez de uma vasta obra historiográfica com a vivência cosmopolita de um cidadão do mundo que viveu apaixonadamente quase todo o século XX. Intelectual original, recusou o conforto dos gabinetes de estudo e percorreu a Europa, o Norte de África, os países da América do Sul e os Estados Unidos, onde leccionou nalgumas universidades e conheceu intelectuais, políticos e a gente simples. Não duvidamos de que a sua vida intensa tivesse sido interessante e que a forma apaixonada como atravessou o século passado, no quadro de uma coerência ideológica e política indiscutíveis, criem no autor uma visão positiva dos seus tempos.

### VIDA E VISÃO HISTORIOGRÁFICA

De facto, depois de ter passado a sua infância em Viena, a adolescência na Berlim da República de Weimar - onde assistiu à ascensão de Hitler ao poder - e de ter concluído os estudos em Cambridge, Hobsbawm conheceu a guerra, o fascismo, o estalinismo (e o pós-estalinismo), as esperanças e utopias da década de 60, a globalização, a implosão da URSS e o domínio do mundo pelo imperialismo norte-americano. Enquanto escrevia as suas obras, não deixou de viajar, muito especialmente para França, onde se relacionou com a intelectualidade, e para Itália, entusiasmando-se, na década de 70, com os sucessos políticos do Partido Comunista Italiano na época de Berlinguer. Comunista desde 1932 e membro do PC da Grã-Bretanha desde 1936, continuou a sê-lo mesmo depois da extinção da organização nas ilhas britânicas, nos inícios dos anos 90. Apesar de ter visitado a URSS na época de Nikita Khrushchev (1954) - integrado num Grupo de Trabalho dos Historiadores do PC britânico -, e de jamais deixar de ser um observador político atento dos países "socialistas" (e da realidade política mundial), não tinha qualquer simpatia pelos modelos dos países de leste e, por isso, foi sempre um intelectual marxista heterodoxo.

No plano historiográfico, manteve relações com a *Escola dos Annales*, em França, criou amizade com Fernand Braudel, Ernest Labrousse e com o sociólogo Pierre Bourdieu. A revista

inglesa *Past & Present* ter-se-ia inspirado nos *Annales* franceses, facto que suscitou interesse por parte da historiografia alemã numa altura em que a ciência historiográfica americana tinha um interesse internacional menor. Nesta fase - anos 50 e 60 - a história económica exercia a hegemonia devido, em parte, à influência marxista de historiadores como Pierre Vilar. Hobsbawm não foi apenas um historiador da economia, uma vez que se interessou pela história política e cultural, como os seus livros mostram. Por outro lado, rejeitou a neutralidade da história, a visão eurocentrista, o tradicionalismo e aceitou os progressos da ciência desde a concepção globalizadora de Braudel à micro-história do italiano Carlo Ginzburg. Nestes tempos incertos para a ciência, preconiza a recolocação da história num lugar central entre as humanidades e as ciências matemáticas e da natureza.

### HISTORIADOR DE UTOPIAS

"Tempos Interessantes"? Não duvidamos de que o historiador considere, assim, a sua vida e actividade científica no século XX. Porém, a centúria passada é feita de contrastes e oposições entre as conquistas científico-tecnológicas, os imensos progressos realizados pela humanidade, mas também pelas tragédias e pela barbárie. Não podemos esquecer o nazismo e os fascismos, a II Guerra Mundial, com os seus 50 milhões de mortos, o genocídio dos judeus, ciganos, homossexuais, etc., e os imensos sofrimentos causados à humanidade por Hitler e pelos seus carrascos. Na altura, o judeu inglês Hobsbawm foi incorporado no exército britânico, mas não chegou a combater, uma vez que nem sequer saiu da sua pátria, mas conheceu bem a dimensão trágica do imenso conflito provocado pelos nazis que ele conheceu nos seus tempos de Berlim. Nos anos 30, numa capital alemã fervilhante de cultura e dividida entre castanhos e vermelhos, o historiador escolheu o caminho da utopia comunista mantendo-se, até hoje, fiel aos seus ideais de juventude. Daí que continue, no final da sua vida, a recusar a resignação perante a passividade das sociedades em que vivemos. Vejamos: "...não devemos depor as armas, por mais ingratos que os tempos se mostrem. É necessário continuar a denunciar e a combater a injustiça social. Se nos limitarmos a deixá-lo entregue a si próprio, o mundo não se tornará automaticamente melhor".

## LUIGI PIRANDELLO: O REGRESSO A COIMBRA

Em 26 de Setembro de 1931, Luigi Pirandello visitou Coimbra. Deu uma volta por Vale de Canas e pelo Penedo da Saudade, teve honras de recepção na Universidade e no Museu Machado de Castro, almoçou no Astória e, ao fim do dia, abalou para o Norte. O *Terceiro Encontro de Italianística. Luigi Pirandello e a recepção da sua obra em Portugal*, organizado pelo Instituto de Estudos Italianos da Faculdade de Letras a 20 e 21 de Outubro de 2005, teve por tema o estudo da sua obra e dos elos que a ligam à cultura portuguesa.

Pirandello nasceu na Sicília em 1867, numa localidade chamada Caos, perto de Agrigento, e faleceu em Roma no ano de 1936. Licenciou-se na Alemanha, em Bona, com uma tese sobre o dialecto da sua terra Natal, *Laute und Lautentwicklung der Mundart von Girgenti*. Foi tradutor de Goethe para italiano ou de Eurípides para dialecto siciliano, escreveu poesia, contos, novelas, peças de teatro e ensaios. Em 1934, recebeu o Prémio Nobel. “Um dos maiores humoristas, sem o saber, foi Copérnico, que desmontou não propriamente a máquina do universo, mas a orgulhosa imagem que dela tínhamos construído”, escreve no ensaio *L'umorismo*, de 1920, um tratado fundamental da estética moderna.

### UM ENCONTRO FEITO DE DESCOBERTAS

O *Terceiro Encontro de Italianística* desenvolveu-se em duas vertentes. A primeira, que diz respeito ao estudo crítico do escritor siciliano, trouxe a Coimbra dois dos maiores especialistas da sua obra, no plano internacional: Joseph Farrell, Director do Departamento de Italiano da Universidade de Strathclyde, Glasgow, que falou sobre “Pirandello and the theatre of the Grotesque”, e Pietro Frassica, Director do Departamento de Italiano e Francês da Universidade de Princeton, que mostrou como o epistolário de Pirandello é a outra face da sua escrita literária.

A segunda vertente do Encontro tratou o plano da recepção. Nas bibliotecas e nos arquivos portugueses, encontra-se muito material relativo a esse campo: notícias de espectáculos

teatrais, traduções, recriações, resenhas críticas publicadas na imprensa, etc. É um manancial de documentos que oferece ao investigador pistas muito profícuas, e que foram exploradas pelo *Terceiro Encontro de Italianística*.

Uma das grandes revelações que nele foi feita, é a existência de um epistolário inédito, que remonta aos anos vinte, entre Pirandello, os seus representantes, e um editor português interessado em adquirir direitos de tradução. Foi dado a conhecer pelo seu actual possuidor, Giuseppe Mea, da Faculdade de Letras do Porto, e será

publicado nas actas do Encontro. Também Maria José Lancastre, da Universidade de Pisa, antecipando as conclusões do livro que sairá em Itália em 2006, deu a conhecer um conjunto de informações acerca da viagem que Pirandello fez a Portugal em 1931, quando veio participar no V Congresso Internacional da Crítica, organizado por António Ferro, e assistiu à estreia mundial de *Sogno... ma forse no*, na tradução portuguesa, *Sonho... mas talvez não*, com interpretação de Amélia Rey-Colaço e Samwell Diniz. Foi por essa ocasião que veio a Coimbra, num passeio oferecido aos congressistas.

### ENCONTRO E REENCONTRO

No vasto panorama da recepção de Pirandello em Portugal, Fernando Pessoa é uma sombra omnipresente, tratando-se do grande poeta português da Modernidade. Muito provavelmente, nenhum deles leu a obra do outro. Mas a comparação entre ambos a partir de uma matriz comum, o Moderno, não se pode dispensar. Dedicou-lhe uma conferência Roberto

*Acabada a visita, os congressistas dirigiram-se para o Hotel Astória. E servido o almoço, com o seguinte menu: hors-oeuvre; cherne à Meunière; frango com arroz à portuguesa, bifes com molho de trofas e batatas fritas; doces, frutas, vinhos branco, tinto e do Porto, cafés e águas minerais.*

*Uma visita ilustre. Estiveram ontem em Coimbra os congressistas do V Congresso Internacional da Crítica.*

*Diário de Coimbra,  
27-10-1931*

FrancaVilla, da Universidade de Siena.

Quanto à recepção do Pirandello narrador, trata-se de um fenómeno tardio, o que pode ser explicado por motivos de ordem cultural, como mostrei, mas aos quais há a somar, a partir de agora, motivos de ordem contratual e de direitos editoriais, documentados pelo epistolário revelado por Giuseppe Mea. O âmbito no qual a recepção de Pirandello mostra facetas mais criativas é o do teatro, conforme o expôs Manuel Ferro, com referência à primeira metade do século vinte.

Motivos mais que suficientes para terminar este *Terceiro*

*Encontro de Italianística* com uma mesa redonda, moderada por Fernando Oliveira, na qual colaboraram João Pedro Vaz, que relatou a sua experiência de actor enquanto intérprete de *Os Gigantes da Montanha*, e Fernando Mora Ramos, encenador de três peças de Pirandello.

Este Encontro consagrou, afinal, uma ligação entre Pirandello e Coimbra. O escritor que visitou a Universidade em 1931, que foi traduzido por Eduardo Lourenço, Vincenzo Spinelli ou por mim própria, reencontrou o seu público.

RITA MARNOTO  
Instituto de Estudos Italianos, FLUC

*Depois Pirandello: Poeta das ideias que se fazem carne!  
Malabarista esfomeado de absoluto,  
arrastando os homens à compreensão irónica de todos os relativismos.*

*José Régio, Literatura livresca e literatura viva, "Presença", 9, 9-2-1928*



*Luigi Pirandello e Albert Einstein*

1935

Após a estrondosa recusa do Marquês de Pombal em apadrinhar a proposta de 1773 (Fig.1), de Vandelli e Matiazzi, apoiada por Francisco de Lemos Pereira Coutinho, Reitor-Reformador da Universidade de Coimbra, foram muito perturbados os processos pelos quais o terreno destinado ao Jardim Botânico foi sendo objecto de transformações, sendo para nós evidente que o papel pragmático que Pereira Coutinho assumiu até à Viradeira acabaria por determinar tudo o que paulatinamente se foi construindo até ao seu regresso à Universidade, na transição do século, mas sobretudo aquilo que, quatro décadas mais tarde, se haveria de consumir com muita intensidade.

Esse papel pragmático passou pela decisão, logo em 1773, de construir a muralha de suporte de terras, a qual simultaneamente resolveu o problema do entulho gerado pelas obras da Reforma e a criação de uma área plana propícia ao cultivo de plantas, e por uma consulta clandestina a Matiazzi, na qual foi definida a conformação do quadrado central, dos terraplenos que o envolvem e, em nossa opinião, também daqueles que sucessivamente haveriam de ligar o Largo da Feira dos Imundos ao quadrado central, naquilo que seria uma reformulação da proposta ciclópica rejeitada por Pombal.

As obras avançaram, com um acento mais forte após a polémica chegada de Brotero à direcção do estabelecimento, conseguindo-se então concluir o quadrado central, sob proposta de Manuel Alves Macamboa, um carpinteiro formado no estaleiro da Reforma. Em 1795, Macamboa assina a segunda proposta de organização geral do Jardim que até hoje nos foi dado conhecer. Destaque-se a solução para o eixo central do Jardim e para o seu prolongamento para o espaço urbano confinante com a proposta de edificação da casa do lente ou do jardineiro, colocando a entrada do Jardim no ponto médio do muro cego que uniria o aqueduto de S. Sebastião ao alçado frontal dessa casa do lente... como resolução urbanística da entrada nascente na cidade, podemos no mínimo considerar estar o carpinteiro Macamboa dotado de habilidades pouco atinentes às lides das madeiras.

### REGRESSO DO REITOR-REFORMADOR

Em 1799, a instâncias da comunidade universitária e após vinte anos de afastamento, Francisco de Lemos regressa ao lugar de Reitor, num período em que Brotero, entretanto convidado para dirigir o Jardim, se encontra no auge da sua carreira científica e está muito pouco interessado em aplicar verbas nas obras do Jardim, preferindo vê-las aplicadas nas múltiplas tarefas de carácter estritamente científico.

Procurando contornar esta oposição, o Reitor nomeia um assistente de Brotero, António das Neves e Mello, como Inspector das Obras do Jardim. Ainda assim, somente quando, em Abril de 1807, José do Couto, outro mestre formado nos estaleiros da Reforma, termina um desenho representativo do levantamento da situação existente no Jardim (Fig. 2), abrangendo no entanto toda a sua envolvente urbana, surgem sinais da gigantesca intervenção que planeava. Além da percepção produzida acerca da pouca obra realizada em trinta e cinco anos de trabalhos, este desenho evidencia que o Reitor, então com 72 anos, não estava interessado em ver o seu sonho de 1772 protelado por mais tempo: um outro desenho é inserido sobre a carta. Nele encontramos um longo perfil prospectivo, onde se determinam os aterros e os desaterros necessários à implantação da alameda que na proposta dos italianos se designava como Passeio dos Estudantes.

Em Agosto de 1807 foi elaborado, provavelmente por Couto, um projecto que serviria de base à gravura que Gregório de Queiroz apresentou em Outubro. Esta é indubitavelmente uma ilustração do projecto que permitiu a construção daquilo que hoje podemos contemplar em Coimbra. No entanto, e em virtude das Guerras Napoleónicas, somente em 1813 o Reitor regressará à Universidade para pôr no terreno este projecto, o qual, em nossa opinião, foi congeminado, que não riscado, quarenta anos antes com os dois italianos que foram afastados deste processo por Pombal.

Até 1822, ano em que o Governo determinou o fim imediato de todas as obras a decorrer no Jardim Botânico da Universidade de Coimbra, o Reitor, Neves e Mello e José do Couto encarregaram-se de construir o Jardim Botânico que conhe-

ceiros. Uma revolução obreira, encetada num momento em que as finanças pátrias se encontravam absolutamente exauridas..

## BOTÂNICO COMO ESPAÇO SOCIAL

De tudo o que o projecto de 1807 previa, não foi concretizado o trabalho hercúleo de artificialização do morro que pelo poente ensombra a parte mais a sul do Jardim nem, uma vez mais, a proposta de extensão do eixo do quadrado central até à entrada junto a Sant'Ana. A concretização da alameda perpendicular a este eixo - rematada em dois novos portões de acesso e com uma configuração altimétrica de uma riqueza percursiva inquestionável - e a construção da majestosa vedação confinante com o Passeio dos Estudantes ditaram uma irreversível alteração do carácter do Jardim, transformando-o num equipamento também da cidade e não apenas da Universidade. Tal como sucedera em Paris, e como viria a suceder em Madrid, os jardins botânicos transformavam-se nos locais de excelência do *frisson* social oitocentista.

Ao escrever este pequeno artigo, pretendemos não só contribuir para que os agentes de qualificação da nossa cidade sejam lembrados, ao serem melhor conhecidos os contributos por eles dados, como também colocar alguma ênfase na sustentação morfológico-histórica de teses por nós, e por muitos outros, defendidas anteriormente e relativas à necessidade de se proceder à abertura do eixo central do Jardim, utilizando-o para a concretização de uma das possíveis articulações cota alta/cota baixa; ou às questões que se prendem com a requalificação do Passeio dos Estudantes, devolvendo-o aos usos peripatéticos e outros, em articulação com o futuro das antigas cercas religiosas com ele confinantes, aproveitando para ligar áreas verdes centrais da cidade e para resolver intervenções pouco qualificadas; ou para, de forma mais extensiva, pois esse foi um período por nós não estudado com a mesma profundidade, reclamar a reinvenção da linha limite da Mata a um nível qualitativo semelhante àquele que, com esforço de muitos, mas com a visão esclarecida e a tenacidade de um só, foi erigido na hoje tão maltratada Alameda Dr. Júlio Henriques.

LUÍS PAULO SOUSA  
Arquitecto

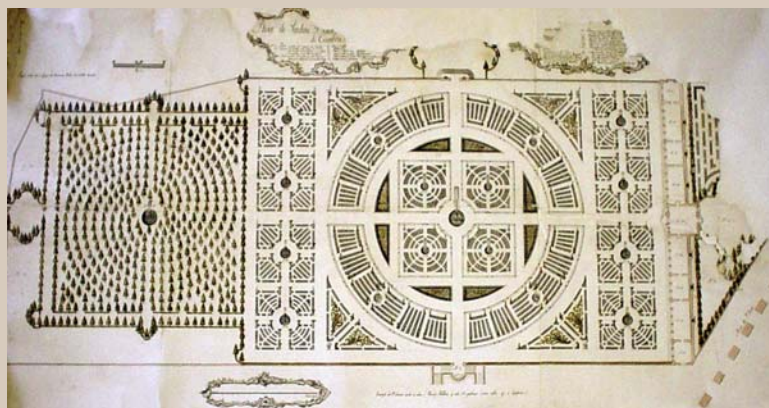


Fig. 1  
Projecto dos Professores italianos para o Jardim Botânico da Universidade de Coimbra  
"Risco do Jardim Botânico [...] Coimbra"  
[Giulio Matiazzi, 1773 ?]  
Biblioteca do Dep. de Botânica da FCTUC  
Fotografia de Fernando Taveira



Fig. 2  
Levantamento do Jardim Botânico da Universidade de Coimbra e arrabaldes nascente e sul da cidade de Coimbra.  
José do Couto, 1807  
Biblioteca do Dep. de Botânica da FCTUC  
Fotografia de Fernando Taveira

## OS ABISMOS DO MAR

Buarcos, 29 de Março de 1675. Domingos Francisco Faleiro, tabelião local, foi chamado a lavrar uma escritura de venda. Junto à praia de Buarcos e Redondos, no sítio da Água das Pombas, naufragara o navio *Santa Ana* sob o comando do piloto hamburguês Andre Ninemare. Restava apenas, consumado o naufrágio, vender os despojos: *velas, ovencadura, enxárcia miúda, âncoras, vergas e mastaréus*. Este registo é um testemunho dos infortúnios que espreitam quem se afoita ao mar e dele faz seu modo de vida.

### RETRATOS EM ARQUIVO

O fundo notarial do Arquivo da Universidade de Coimbra é particularmente rico em informações deste teor para as localidades de Buarcos, Redondos, Figueira da Foz e Mira. Não estão apenas retratados os naufrágios: há também as escrituras de fretamento de navios, as procurações de marinheiros que partem para longe, os contratos para construção de iates, corvetas e outras embarcações, descrevendo os palmos da quilha e da boca, os alefizes, a calafetagem e o tabuado. Ali perpassam abundantes exemplos da história da actividade marítima, em outras regiões que não apenas a costa mais próxima. Em 1685, a 6 de Junho, o inglês Thomas Vitmore faz uma procuração, através de Cosme Velho Pinto, tabelião de Buarcos, para arrecadar tudo o que ainda se achar do seu navio, naufragado na praia da Ervideira (Leiria), tentando recuperar barris de pimenta, alcatrão, breu, estanho, farinha, aguardente e vinho. Em 1782, a 22 de Abril, Francisco José Marques (tabelião de Buarcos) lava a escritura do fretamento feito por José de Paiva, mestre do iate *Senhor do Enterro - N.ª S.ª da Soledade*, ao negociante João Brás. O iate “estaque de quilha e costado”, abastecido de pipas de azeite, mais a sua equipagem, far-se-ia ao mar com destino a Londres.

A “entrada forçada” de patachos, bergantins, iates, escunas, rascas, paquebotes e outras embarcações, no porto da Figueira, podemos conhecê-la através de autos de protesto marítimo lavrados no juízo desta comarca. Referem-se as difi-

culdades da viagem, os ventos contrários, a fúria do mar que fez alagar embarcações, muitas das quais foram a pique à vista da Figueira. Não são apenas barcos portugueses, são o brigue russo *Wanskapen* que se afunda em 1851, no cabo Mondego, depois de ter viajado desde Tor Bay (Brixham) com destino a Alexandria; a galeota russo-finlandesa *Trantz*, em 1852; ou a galeota holandesa *Ida*, vinda de Newcastle, que naufragou em Buarcos em 1853. Os autos são então redigidos em russo, sueco e holandês, exigindo intérpretes aptos a auxiliar marinheiros que só falam a própria língua e dão consigo num país estrangeiro. Seguem-se, em alguns casos, os leilões dos salvados: mercadoria, ou já só pedaços dos barcos, como traquetes, velachos, velas latinas, velas de estai, cabos, enxárcias, mastros e vergames.

### HISTÓRIAS TRÁGICO-MARÍTIMAS

A “arribada forçada” e os naufrágios, descritos nos processos judiciais, demonstram como a beira-mar portuguesa convive com uma larga e enraizada tradição própria das histórias trágico-marítimas. São verdadeiros relatos de bravura como o do brigue *Saudade*, saído do Porto em 13 de Novembro de 1857, com destino à Baía. Obrigado a arribar à Figueira, em 4 de Dezembro, António Vieira, seu capitão, relata a tempestade, os estragos no navio, a carga e mantimentos que deitara ao mar: “[...] duas capoeiras com cinquenta galinhas, uma balsa com doze arrobas de carne de vaca e outra com arrobas de carne de porco, um pote e pedra para filtrar água [...]”. O ano de 1857 é dramático em naufrágios. Em 13 de Janeiro é a vez do barco espanhol *N.ª S.ª do Carmo* naufragar junto ao forte de Santa Catarina, em Buarcos: “fue tan grande la mara, que nos etcho a la playa...” relata o seu capitão D. Joze Casals. Ainda em 1857, a 26 de Abril, o brigue francês *Narcisse Marie*, que levantara âncora de Cardiff, transportando carvão para Cagliari (Sardenha), sucumbe na praia da Tocha. O auto de protesto, do capitão A. Thibaut, termina com os horrores do acolhimento na costa: “tous ces gens étaient des pillards... tous ces hommes, les uns monter à bord, les autres

frapper dans le navire à coup de hâches..." Afinal, haviam sobrevivido aos perigos do mar e parecia que a morte os espreitava em terra.

Outros relatos são feitos por homens que assumiram o comando, por morte do próprio mestre. É o caso do caíque *Nova Andorinha*, que zarpara de Albufeira com destino a Viana do Castelo, em 31 de Dezembro de 1866. O mar varrerá do convés cinco pessoas da tripulação, incluído o mestre, David Gonçalves. Acabaram por varar na costa, a 17 de Janeiro de 1867, entre Vieira e Pedrogão, na praia do Cabeço das Pedras, local onde faleceu um outro, sobrevivendo cinco homens exaustos.

Os livros de óbitos de Buarcos, Redondos, Tavarede e Figueira testemunham as incontáveis vidas que se perderam em viagens marítimas. Cumpriu-se o mar! E os párcos registam sufrágios pelos que sucumbiram longe da sua pátria: (Buarcos) a 6 de Abril de 1606, "veo nova que falleceo [...] no mar vindo do Brasil"; "[...] veo nova que falleceo em o Cabo Verde",

a 30 de Maio de 1620; ou ainda, a 18 Março de 1667, "[...] morreo por desastre no mar na nau de Manuel Duarte".

Ao fervor religioso, que auxiliava tantos homens na luta com os mares, se deve a construção de ermidas e capelas ao longo da costa. Nos autos de licença para capelas, que correm na Câmara Eclesiástica de Coimbra, encontram-se inúmeros exemplos. Assim, em Lagoa (Ílhavo), o sargento-mor Luís Dias Aveiro, regressado a Portugal, irá construir em 1727 uma capela dedicada a N<sup>ª</sup> S<sup>ª</sup> da Conceição, por o ter salvo quando "embarcando se para os Brasis teve hum grande trabalho no mar dando a costa com grande perigo de vida, no qual conflito se encomendou a N<sup>ª</sup> Sr<sup>ª</sup>".

Aqui ficam, em texto aberto, algumas notas colhidas à flor do destino de um povo de marinheiros que, vertendo o seu salário de lágrimas no mar salgado, enfrentando os perigos e o abismo do mar, cumpriram as palavras do poeta da *Mensagem*.

ANA MARIA LEITÃO BANDEIRA  
Arquivo da Universidade de Coimbra

Pormenor do recibo de embarque de mercadoria, com destino à Figueira da Foz, no iate *Esperança*, do mestre João Henrique. (Lisboa, 1822.02.04) (AUC-Comarca da Figueira da Foz – Comercial, mç. 1815-1856 – n.º 5)





## A ÚLTIMA OBRA DE ALMADA NEGREIROS

Mercê, porventura, de evocações simbólicas, originadas a partir do título (“Começar”), a história da arte regista como derradeira obra de José de Almada Negreiros a composição mural que este autor ideara para a Fundação Calouste Gulbenkian entre 1968 e 1969. O rigor das datas revela, no entanto, que a última criação artística de Almada Negreiros fora a que terminara nos meados do ano de 1969, na então chamada Secção de Matemática da Universidade de Coimbra. Revela também que esta sua obra se inscreve num contexto único que associa Arte e Política, contexto que bem mereceria estar melhor divulgado.

A estratégia do painel figurativo, presente em todos os edifícios de aulas da Cidade Universitária de Coimbra, será também utilizada no Departamento de Matemática. Com um programa iconográfico perfeitamente dentro dos cânones estabelecidos, celebrador do ramo do saber que naquele lugar se ensina, os painéis da Secção de Matemática revelam, em relação aos anteriormente pintados nas Letras e na Medicina (v. *Rua Larga*, nº 9 e nº 10), uma ruptura, pelo menos, estética. Para isso contribuiu o seu autor que, muito embora fosse esta a sua última realização artística e por isso enfermasse de questões técnicas, trouxe à Cidade Universitária de Coimbra uma pintura plena de vigor, vibrante nas cores e afastada do figurativismo académico dos pintores Joaquim Rebocho e Portela Júnior.

Almada emprestará às paredes do edifício uma linguagem artística bem longe do ideal de Severo Portela, pintor nas Letras e na Medicina, que entendia a pintura mural como “ilustração arquitectónica, quanto possível também integrada na traça do edifício”; Almada propõe evidentes diferenças plásticas de, sobretudo, vigor cromático entre a coloração dos muros do prédio e a paleta de cores que escolhe para com elas figurar “a Matemática desde os caldeus e egípcios até aos nossos dias” e “a Matemática portuguesa ao serviço da epopeia nacional”.

No processo de elaboração dos painéis da Matemática não vemos qualquer diferenciação em relação ao processo seguido na execução dos murais das Letras e da Medicina. Também aqui teve lugar de preponderância um lente da casa que

esboçou em linguagem verbal o que deveria ser figurado em linguagem plástica. O programa base a plasmar, mercê certamente da exigência dos seus conteúdos, seria alargado «a pedido de Mestre Almada Negreiros» para as cinco páginas escritas e assinadas em Abril de 1966 por José Bayolo Pacheco de Amorim, o professor que representava a Secção junto da Comissão de Obras da Universidade. É o próprio Almada a escrever que a «Memória Descritiva é afinal o próprio programa estabelecido pelo Professor Pacheco de Amorim [...]»; sem ela «não será possível seguir a par e passo a descrição gráfica da pintura em cada painel».

Interpretando através do desenho, de recorte sempre vigoroso, as personagens ou figurações representantes de cada uma das culturas que à Matemática legara contributo, concordamos com Pacheco de Amorim que, «com a marca bem viva do seu estilo inconfundível, Almada Negreiros ofereceu-nos uma interessante interpretação» da evolução da Matemática. Derivando a evolução dos antigos Acusmáticos e Matemáticos, representa, através do desenho ou da palavra pintada, os mais importantes momentos da evolução da ciência dos números. Assim aparece a esfinge dos caldeus da Babilónia, a figura de um egípcio, de um grego e de um árabe. Ocupando o dispositivo de circunferências que simbolizam o decurso do Cronos, surgem vultos individualizados, como Isaac Newton (ou Leibniz?) e Albert Einstein.

Se neste painel a referência à importância de Portugal na construção do saber matemático se reduz à silhueta do recorte do país na Península Ibérica e à legenda que acompanha um dos círculos maiores que simboliza o Tempo, o painel que se pintou na parede fronteira é exclusivamente dedicado ao elogio da Matemática no contexto das descobertas portuguesas. Aí se opera uma composição que se socorre de três vultos relacionados com o saber dos números, de modo a evocar a Matemática “como primeira servidora da Glória da Nação”. A embarcação sugerida faz-se escaparate de uma movimentada encenação evocativa de Portugal desenhado nos seus contornos geográficos (numa folha com padrão matematicamente quadriculado), centro de um mundo desdobrado em planisférico mapa de simbologia do infinito. No

cimo da cena, como que num trono, a silhueta de Portugal aparece rodeada de luzeiros (as figuras do Infante D. Henrique e de Pedro Nunes); no fundo da figuração, como capitão da nave, pinta-se Fernão de Magalhães. Mesmo que através de uma linguagem plástica mais inovadora, o espaço inaugurado em 1969 opera, como os edifícios da década anterior, uma celebração apologética de carácter hagiográfico: os heróis de Portugal são uma vez mais apresentados como *exemplar*.

Almada, pintor de primeira água, submeteu a sua linguagem plástica à linguagem verbal da Universidade. Só depois fez as maquetas e, após aprovação destas, deitou mãos à obra. Já bastante debilitado na sua saúde, foi muito ajudado pelos alunos da Escola Avelar Brotero. Não obstante alguma fraqueza relacionada com a execução técnica dos frescos, pensamos continuarem válidas as palavras do professor de Matemática escritas sobre as maquetas dos murais: “a forte personalidade do artista domina a composição [...] que ficará sendo, sem dúvida, uma das melhores obras de arte [...] da Cidade Universitária de Coimbra”. O cotejo entre as maquetas (incorporadas no espólio do Museu Nacional de Machado de Castro) e os frescos permite verificar significativas alterações. A mais profunda é a de a figura do último “apóstolo” da ciência matemática aparecer trajada de forma diametralmente diversa daquela que havia sido aprovada. Na maqueta, Einstein envergava trajo de gala, digno de um laureado com o Nobel. O fresco, segundo o que a documentação deixa apurar, pintado entre 27 de Junho e 8 de Julho daquele ano de 1969, ostenta já um Einstein mais velho, no final da vida, de

roupagem bem mais descontraída, da cor verde de uma esperança ténue, onde quase poderíamos ver, se não um retrato físico, um retrato psicológico do pintor. Conjecturamos que esta mudança se relacione com o despoletar da Crise Académica de 1969, que se desencadeou, precisamente, a partir da inauguração do edifício da Secção de Matemática onde aquele Einstein foi pintado. Naquele dia 17 de Abril, dia em que o presidente da Associação Académica fora impedido de usar da palavra, os muros ainda não estavam pintados. Ao regressar a Coimbra para os pintar, Almada não ficará imune às transformações trágicas ocorridas a partir do dia 17 de Abril.

Da observação atenta de um velho pintor, ao elaborar a última obra da sua vida, resultou um Einstein contestatário, de camisolão largo, de gola alta e de calças igualmente largas, de virola, envergando o vestuário típico das mais jovens modas dos anos 60. Era, com efeito, um Einstein bem diferente daquele que, na maqueta que havia sido aprovada, vestia trajo de gala. A razão da mudança é, necessariamente, a de ter sido pintado em plena Crise de 1969.

Se este painel anuncia já uma época de mudança, essa concretização pictórica terá lugar no último dos edifícios a ser ocupado. O prédio que rematará o conjunto construído na zona cimeira da acrópole coimbrã seria aberto já em período de Democracia; o painel nele colocado espelhará a esperança que os anos de 1974 e 1975 depositavam nos dias vindouros (ver o próximo número da *Rua Larga*).

MARCO DANIEL DUARTE

Doutorando em História da Arte na Faculdade de Letras da UC



## CARTA AO DIRECTOR GRAFITTI NA ALTA DE COIMBRA

Foi com surpresa e desagrado que vi no número 9 da revista *Rua Larga* (Julho de 2005) um artigo intitulado "Graffiti: *street art* às portas da Universidade", acompanhado por uma dupla página de fotografias de inscrições políticas, *tags* e *grafittis* pintados nas paredes de alguns edifícios da Alta.

Publicado onde foi, o artigo em causa pode ajudar à persistência - e até ao incremento - de uma actividade cuja contribuição para a degradação da imagem pública da Universidade e da imagem cívica da cidade não pode ser subestimada.

Como é geralmente sabido, arte é aquilo a que quisermos chamar arte. Práticas ou objectos que hoje são considerados "arte" não o foram no passado (e vice-versa). Deste modo, não é isento de consequências designar como arte uma actividade como a de pintura de *grafittis*, *tags* e inscrições (políticas ou outras) - ainda por cima confundidas umas com as outras pelos autores do artigo.

O *grafitti*, salvo muito raras excepções, é uma actividade que deixou de apresentar qualquer capacidade inovativa, qualquer interesse cultural e qualquer pertinência cívica há mais de 30 anos. Quando se desenvolveu nos EUA das décadas de 1960 a 1980 podia ainda justificar-se. Hoje, por todo o mundo, não passa da repetição estafada de fórmulas mortas cujo único objectivo é a afirmação de grupos ou de indivíduos na cena pública, um acto individualista ou tribal, de puro

vandalismo, que nenhuma caução artística pode desculpar. As *tags* e as inscrições, essas, são puro lixo.

Na Alta Universitária, *grafittis*, *tags* e inscrições somam-se aos carros parqueados por todo o lado, aos pendões e cartazes, ao estado de degradação de muitos espaços colectivos e de muitas fachadas, para dar a uma área que pretende ser património mundial o aspecto de um subúrbio qualquer.

Que ainda haja quem pense que os *grafittis*, *tags* e inscrições são um assunto "controverso" é sintomático do nosso atraso cultural e da chantagem emocional e ética que as ideias de juventude ou de culturas "alternativas" continuam a exercer sobre a sociedade portuguesa. Não são um assunto "controverso", tal como não é controverso o julgamento que devemos ter sobre actividades como partir montras ou destruir bancos de jardim. *Grafittis*, *tags* e inscrições não são *street art*: são um crime que como crime deve ser tratado. Os seus autores, longe de serem saudados, deviam ser multados e obrigados a, à sua custa, limparem aquilo que sujaram.

Nem a afirmação cívica nem a afirmação artística se podem fazer à custa do interesse colectivo e dos espaços que localizam esse interesse. É tudo e é muito simples.

Coimbra, Setembro de 2005.

PAULO VARELA GOMES  
Professor Associado, historiador da arte e da arquitectura (FCTUC)

## EXPOSIÇÃO MULTIMÉDIA BLINDATE - BLINDSPOT

No dia 21 de Janeiro, inserida na programação de Outono do Pavilhão de Portugal em colaboração com a Fundação de Serralves e patrocinada pelo Instituto de Investigação Interdisciplinar (III) da Universidade de Coimbra, terá lugar a exposição multimédia "Blindate-Blindspot", no Pavilhão de Portugal. No âmbito desta exposição, será apresentado um projecto multidisciplinar sobre a percepção, envolvendo artistas portugueses e estrangeiros em parceria com cientistas da Faculdade de Medicina da UC. Este projecto é apoiado pelo Ministério da Cultura, através do Instituto de Artes e pelo Ministério da Cultura da Áustria e conta ainda com o apoio do Pavilhão do Centro de Portugal em Coimbra.

## CONCURSO DE FOTOGRAFIA DA FPCE

Até 24 de Fevereiro, qualquer membro da academia de Coimbra (docente, aluno ou funcionário), desde que não seja profissional da fotografia, pode participar no concurso subordinado ao tema "O livro e a biblioteca: realidades e virtualidades". A iniciativa é da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação e o regulamento pode ser consultado no seguinte endereço: <http://www.fpce.uc.pt/novidades/regfoto.pdf>.

## ACÇÕES DE FORMAÇÃO DA FEUC

A APEU (Associação Para a Extensão Universitária da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra), no âmbito da sua actividade de extensão universitária, vai levar a cabo o seminário Alterações ao CIRS, CIRC e CIVA pelo Orçamento de Estado de 2006, os cursos de curta duração em Marketing "Negociação" e "Da Negociação à Fidelização" e a 5ª edição do Curso de Especialização em Finanças Empresariais. Mais informações em <http://www4.fe.uc.pt/apeu>.

## MESTRADOS NA FCDEF

A Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física iniciou dois cursos de mestrado: Biocinética do Desenvolvimento e Exercício Físico e Saúde para Populações Especiais.

## O ARTISTA COMO INTELECTUAL

O Centro de Estudos Interdisciplinares do século XX (CEIS20) organiza, entre 27 e 29 de Abril de 2006, um Congresso Internacional comemorativo do centenário do nascimento de Fernando Lopes-Graça, intitulado "O Artista como Intelectual".

O palco escolhido é o do Auditório da Reitoria da UC.

## SEMINÁRIO SOBRE O MÚSCULO ESQUELÉTICO

Decorreu a 26 e 27 de Setembro o curso avançado de Fisiologia Molecular do Músculo Esquelético organizado pela Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física. Pretendeu-se com este curso avançado aprofundar os conhecimentos sobre a fisiologia molecular do músculo esquelético e factores associados, peça fundamental na compreensão do movimento humano, com implicações na actividade física e saúde, promovendo a melhoria da qualidade de vida e bem-estar.

## ESCRILEITURAS

Ao longo de 2006, o Teatro Académico de Gil Vicente (TAGV) propõe uma curiosa iniciativa na área da literatura: com as *escreleituras* pretende-se associar as mecânicas da escrita e da leitura. Esta proposta consiste em convidar um(a) escritor(a) a ler um texto de outro(a) escritor(a). A primeira sessão tem lugar dia 26 de Janeiro, no Café-Teatro, e o leitor convidado é Abel Barros Baptista, para dar corpo a "A chinela turca", conto de Machado de Assis.

oficina  
Dos Saberes

R I B A L T A



## TUNA ACADÉMICA DA UC HISTÓRIA DE MÚSICA E ASSOCIATIVISMO

A Tuna Académica da Universidade de Coimbra (TAUC) é uma associação cultural da Universidade de Coimbra, sem fins lucrativos, que se dedica a “cultivar e desenvolver a arte musical”. A TAUC foi oficialmente fundada em 1888, tendo dado o seu primeiro concerto em Maio desse mesmo ano, em Aveiro. Pensa-se que tenha nascido impulsionada pela visita da Estudantina Universitária de Santiago de Compostela a Coimbra. No entanto, podemos encontrar raízes deste organismo numa série de agrupamentos estudantis, de vida efémera, que existiram associados à Universidade ao longo de todo o século XIX. A Sociedade Dramático-Musical, fundada em 1870, terá sido, de todos esses agrupamentos musicais, aquele que mais directamente esteve ligado à criação da TAUC. Aliás, dela fizeram parte Simões de Carvalho Barbas e Francisco Lopes Lima de Macedo, que viriam a ser respectivamente o primeiro e segundo maestros da TAUC. Em 1873, a Sociedade Dramático-Musical funde-se com a Sociedade Dramática, ficando a pertencer ao Theatro Académico. Este acaba por se dissolver fruto do aparecimento de grupos como o Orfeon Académico de Coimbra, em 1880, que atraem para si o interesse e dinâmica dos estudantes. Mais tarde, em 1888, aparece a TAUC, conhecida inicialmente por Estudantina de Coimbra. Com cerca de 40 estudantes, a TAUC era uma orquestra composta por violinos, violoncelos, contrabaixo, flautas, clarinetes, oboé, bandolins, bandolas, bandoloncelo, guitarras clássicas e percussões. Do seu repertório constavam arranjos de aberturas, selecções e árias de óperas famosas, peças de dança como valsas, tangos, mazurcas, polcas, etc., e rapsódias de música popular e tradicional portuguesa. A sua actividade musical esteve sempre muito vocacionada para acções beneméritas e filantrópicas, facto que lhe mereceu a atribuição do grau de Comendador da *Ordem de Benemerência*, em 1939. Dos primeiros 50 anos de existência, de entre centenas de concertos dados por todo o país e estrangeiro, podemos destacar alguns pontos altos: a deslocação, ainda em 1888, ao antigo Palácio de Cristal do Porto; dois concertos em

Novembro de 1894, em benefício da Sociedade Filantrópica, em que colaborou com o jovem pianista Viana da Motta e com o qual viria ainda a apresentar-se em finais de Janeiro de 1915; dois concertos em Lisboa, no Teatro de S. Carlos, em Abril de 1910, em conjunto com o Orfeon Académico de Coimbra; e a deslocação ao Brasil no Verão de 1925, onde foi recebida com enorme entusiasmo.

### A TUNA, O FADO E OUTRAS MÚSICAS

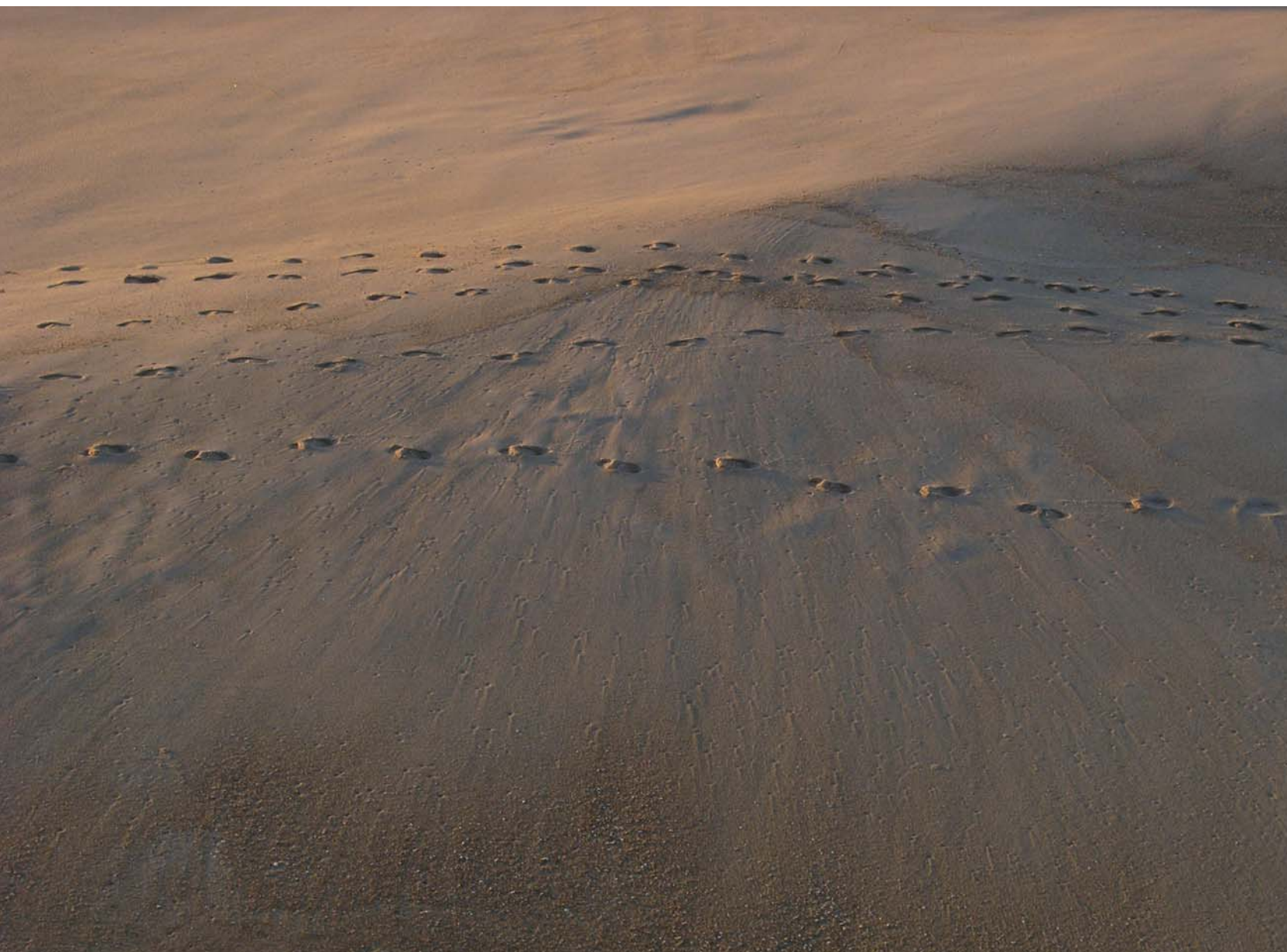
Em 1897, estando a presidência da direcção a cargo de Egas Moniz, surge pela primeira vez um grupo de fados associado à TAUC. Esta vivência do fado prosseguiu até aos dias de hoje, tendo por ela passado grandes nomes do fado coimbrão como Augusto Hilário, Artur Paredes, Edmundo Bettencourt, Paradela de Oliveira, Jorge Tuna, Luis Goes, José Afonso, Adriano Correia de Oliveira, António Portugal, etc. No seio da TAUC, para além da tuna e do grupo de fados, existiram sempre diversos grupos musicais, e até teatrais, que participavam e completavam os concertos da orquestra. Logo no primeiro concerto, em 1888, há registo da actuação de um grupo dramático que representou uma comédia no final da actuação da tuna. Ao longo da história vários foram os grupos que fizeram parte da TAUC: a Orquestra de Câmara, o Grupo de Tangos, o Grupo Dramático, o grupo de música antiga *Ars Musicae*, o *Ensemble* de Plectros Carlos Seixas, o grupo de música popular Contos Velhos Rumos Novos, para além dos já mencionados grupos de fados. A existência destes grupos variou, como ainda hoje acontece, conforme a disponibilidade de músicos na Universidade. No entanto, para além da existência ininterrupta da tuna, merece uma atenção especial o *Ensemble* de Plectros Carlos Seixas. Fundado em 1966 pelo Professor Tobias Cardoso, este *Ensemble* recebeu diversos primeiros prémios no Festival Internacional de Neerpelt – Bélgica (1966, 1973 e 1977) e a medalha de mérito *Pro Musica* atribuída pelo Mi-

nistério da Cultura Belga. Em 1970, realizou uma *tournée* pelo Oriente intitulada "500 anos de Música Portuguesa", tendo actuado em Macau, Tóquio, Quioto e Banguecoque, onde realizou um concerto no Teatro Real, sob os auspícios da Rainha Mãe da Tailândia.

Hoje em dia, a TAUC prossegue a sua actividade mantendo em funcionamento: a tuna, com uma formação semelhante à da fundação (designada por Orquestra da TAUC por uma necessidade de diferenciação relativamente às actuais "tunas académicas"); uma escola de música onde, para além dos instrumentos clássicos, se ensina Guitarra de Coimbra e interpretação de fado de Coimbra; a orquestra de Jazz *Rags Big Band*; e um grupo de fados de Coimbra.

A luta pela manutenção desta associação secular é feita quase diariamente. O mundo competitivo actual e a desconsideração que alguma sociedade académica demonstra pelo trabalho e importância de associações como a TAUC, têm feito diminuir o número de jovens interessados em participar na vida associativa. No entanto, a TAUC continua pronta para mais desafios e para representar, musicalmente, a Academia Coimbrã.

ANDRÉ FILIPE OLIVEIRA GRANJO  
Maestro da Tuna Académica da UC



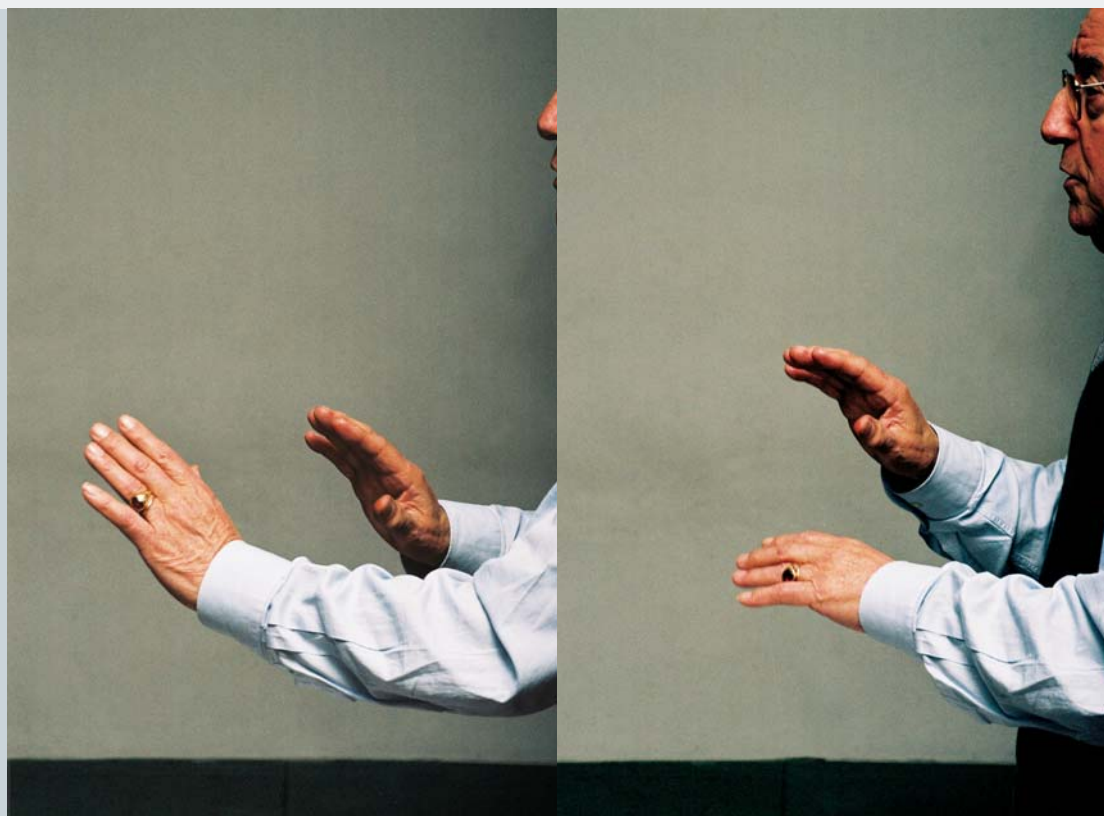
## CORO D. PEDRO DE CRISTO GÉNESE E PROPÓSITOS

A génese do coro D. Pedro de Cristo constitui um dos exemplos da fecundidade das crises. A Bíblia Sagrada, logo no III.º capítulo do *Génesis*, explica que a gravidez ocasionará incómodos e que o dar à luz é acompanhado de "muitas dores" (Gen. 3, 16).

Transposta esta situação para a sociedade, diremos ser natural que as coisas boas sejam originadas nas crises de que a sociedade ciclicamente vai sofrendo (mau será que as dores não sejam de parto - que as crises sejam estéreis).

A "crise académica" de 1969-70 foi, provavelmente, a maior crise da sociedade portuguesa do séc. XX, talvez deva mesmo pensar-se que ela, ao manifestar-se, em 1969, já tinha pelo menos dez anos de gestação. O certo é que foi em 1969 que a crise se manifestou exactamente no ambiente populacional dos que nada podiam perder, para além de o atraso de algum tempo no início de uma carreira profissional - os estudantes universitários.

Pelo que respeita ao meio académico coimbrão, e exceptuando as eleições para as direcções da Associação Acadé-





mica, vivera-se, desde há gerações, um ambiente pacato, interrompido pelo surgir do CITAC, no que respeita à arte teatral (o TEUC ia-se renovando através de actualizações moderadas de Gil Vicente, mas sem provocar conflitos abertos). A música era praticada por dois organismos, ambos já “velhinhos”, mais interessados no espalhar do ambiente saudosista dos antigos estudantes do que no cultivar da arte musical.

#### O TERRAMOTO CULTURAL PÓS-1969

Em 1969 abriu-se a terra, escancarou-se o vulcão (a “terra académica” já havia estremecido em 1962-63). O Centro

Académico de Democracia Cristã (CADC) não podia ficar imune a este fogo, ao mesmo tempo devorador e purificador. Também ali parecia ter-se registado algum conformismo, apesar do ar novo que a equipa de assistentes eclesiásticos insuflava com o poder que beneficiava do prestígio cultural e moral de um chefe natural que se chamou Urbano Duarte. A casa abriu-se, arejou, em todos os aspectos, as mentalidades pluralizaram-se. Foi neste ambiente de pensamento plural que se organizaram núcleos à volta da actividade central que se chamou “Centro de Estudos Teológicos”, que, volvidos poucos anos, havia de metamorfosear-se em “Instituto Justiça e Paz”. Os frequentadores eram convidados a participar na Eucaristia que se celebrava aos sábados de tarde no



salão do primeiro andar e, entre os frequentadores, tinha-se formado um grupo que entoava cânticos apropriados à celebração. Foi este o núcleo do Coro D. Pedro de Cristo.

Sem preocupação de estatutos ou regulamento, começaram os ensaios de programa misto sagrado e profano, com a intensidade que o entusiasmo impelia, ao ritmo binário (dois por dia) e em andamento *allegro com fuoco*, em 10 de Março de 1970.

Foi durante os próprios ensaios, sem necessidade de formalismos, que foram escolhidos o nome e o ideário.

Como a primeira obra de fundo tinha por autor D. Pedro de Cristo, foi com toda a naturalidade que, por unanimidade, surgiu o nome deste compositor de Santa Cruz de Coimbra como patrocinador do grupo. E o programa também se foi desenrolando, sob o signo da exigência de qualidade (então quase nada em voga) e de um aceitável portuguesismo sem nacionalismos limitativos.

## CARACTERÍSTICAS DO CORO

A apresentação do Coro D. Pedro de Cristo realizou-se, em 19 de Junho de 1970, nos claustros do Mosteiro de Santa Cruz, com a colaboração da Paróquia de Santa Cruz e da Câmara Municipal de Coimbra.

Estava formado o Coro D. Pedro de Cristo, em todos os aspectos: quanto ao programa musical, já que iria dedicar de futuro a sua actividade a autores do mesmo quilate, desde os polifonistas Thomas Morley, J. Arcadelt, O. Lasso, Banchieri, Palestrina, passando pelos românticos (com especial destaque para Schubert e Brahms) até aos modernos Strawinski, Sousa Santos, Manuel Faria e Joel Canhão; quanto à mentalidade, já a base da sua organização produziu algum espanto e erradas interpretações: era muito seme-

lhante à de uma democracia de base, sem direcção, sem eleições - todas as resoluções, a começar pelas respeitantes a todas as apresentações em recitais ou actividades semelhantes, eram decididas por votação feita no final de cada ensaio.

E mais ainda: no que respeitasse a actividades de natureza mais delicada, como relacionadas com religião, um só elemento podia impedir a participação do coro, restando apenas a possibilidade de, após troca aberta de pontos de vista, chegar a acordo com os seus companheiros.

Esta regra era de importância capital, dada a particularidade de no Coro participarem elementos de diversas religiões, ou até sem religião alguma (agnósticos); o futuro impunha uma convivência perfeita - único meio de conservar o ambiente de compreensão e amizade, principalmente naquela participação frequente em liturgias católicas e actividades ecuménicas.

Mais recentemente, o coro viu-se na necessidade de se organizar sob a forma jurídica de associação e, consequentemente, de passar a ter uma direcção e restantes elementos organizativos; mas a prática de democracia de base mantém-se, com efeitos promissores de convivência amigável.

O espírito que caracteriza a sua orientação social foi expresso no programa do recital de 19 de Junho de 1970, espírito esse que permanece ainda: "O Coro D. Pedro de Cristo, para além da cultura dos seus componentes e convivência através do canto, propõe-se contribuir para a animação e renovação das liturgias, bem como para a difusão da arte musical para um público que geralmente não participa em espectáculos. Do mesmo modo, procurará ser uma mensagem de Boa Nova, de alegria, junto dos inválidos, dos presos, e das crianças e de todos quantos estão privados da partilha de manifestações deste género".

## CONSELHO DA CIDADE DE COIMBRA O QUE É, PARA QUE SERVE, COMO FUNCIONA

Em 2001, na sequência da aprovação da *Carta Constitucional de Coimbra* pelo 1º Congresso da Cidade, realizado em 25 e 26 de Maio, criava-se o Conselho da Cidade.

Organizado pela *Pro Urbe*, associação cuja actividade, sempre coerente e empenhada na defesa dos interesses da cidade, se impusera à consideração geral, o Congresso foi um êxito, mantendo durante dois dias numerosa participação de cidadãos e de organizações sociais.

O que era um Conselho da Cidade, para que serviria, como iria funcionar? Questões, entre outras, sobre as quais se especulava. O entusiasmo e a convicção colocados nas respostas, nas sugestões e experiências transmitidas pelo presidente da *Pro Urbe*, Boaventura Sousa Santos, pelo Presidente da Câmara de Porto Alegre, no Brasil, Tasso Genro, e por Vital Moreira, autor do texto da *Carta*, discutido e aprovado no segundo dia do Congresso, constituíram momentos altos da reunião e passos decisivos no processo da cidadania activa em Coimbra.

Dos relatórios apresentados por diversos grupos de trabalho sobre o estado actual dos sectores vitais para o desenvolvimento de Coimbra e para o bem estar dos seus habitantes, ressaltava a necessidade dos cidadãos se obrigarem ao exercício empenhado do seu direito à informação e à participação activa na vida da comunidade.

### FUNCIONAMENTO DO CONSELHO

A Carta Constitucional identifica e caracteriza a cidade; define os direitos e deveres específicos dos cidadãos, no âmbito desta comunidade urbana em que residem; explicita as formas de expressão democrática; institui o Conselho da Cidade, enumera as suas competências e fontes possíveis de financiamento; sublinha a independência que deve manter em relação aos órgãos do poder e aos partidos políticos.

O Conselho da Cidade reúne uma vez por mês, em sessões abertas a pessoas singulares e colectivas que nelas, ou nos grupos de trabalho, desejem participar por sua iniciativa ou convite.

Embora debatendo-se com inúmeras dificuldades logísticas, a Comissão Executiva tem sabido honrar o compromisso inicial de pugnar pelo direito dos cidadãos à discussão das

questões fundamentais para Coimbra, tais como o planeamento e o desenho e equipamento urbanos, a mobilidade, as vias e meios de transporte, a saúde, o ambiente, a justiça, a economia, o emprego e a cultura.

Nesse sentido se inscrevem os debates públicos por ela organizados e os percursos por zonas da cidade em transformação, como o planalto de Santa Clara, as margens do Mondego, as Estações do caminho-de-ferro ou a Arregaça. Com o mesmo objectivo político se têm tomado posições frontais em relação ao Hospital Pediátrico, ao Programa Polis, ao Metro Ligeiro, à Ponte (então chamada Europa) e à Penitenciária.

### RECONHECIMENTO DA ACTIVIDADE

Os convites dirigidos ao Conselho da Cidade pela Câmara Municipal para que emita parecer ou participe na análise de projectos e obras de especial relevância ganham crescente intensidade e, embora isso não signifique para o Conselho a atribuição efectiva do estatuto de *partenaire* (Arnstein, 1969), é claro sinal do reconhecimento que logrou junto dos órgãos locais de poder e da comunicação social.

No entanto, não se deve escamotear o défice de participação dos próprios cidadãos, incluindo alguns dos eleitos em 2001 para o Conselho e muitas das entidades que espontaneamente a ele aderiram. Mais do que os múltiplos afazeres pessoais e as inúmeras solicitações da vida actual, parece forçoso concluir que o limitado envolvimento da comunidade se explica pelo facto de o processo da democracia participativa se encontrar ainda em fase embrionária.

Com efeito, intuitivamente ou por forma esclarecida, a maior parte dos cidadãos não acredita na eficácia da participação, entendendo que o acesso ao planeamento e a consulta não passam de manobras manipuladoras e apaziguadoras por parte da administração local. Por seu turno, os governantes mostram dificuldade em criar e desenvolver mecanismos que permitam e encorajem a cidadania activa.

Combater a desconfiança mútua e exigir mais de ambas as partes é, certamente, a tarefa essencial e permanente do Conselho da Cidade, na convicção de que a participação crítica na vida de uma comunidade será, sempre, uma forma iniludível de poder.

**EGAS MONIZ****HISTÓRIA DA CIÊNCIA E CULTURA CIENTÍFICA**

Como diria João Lobo Antunes, Egas Moniz “quis tudo e quase sempre o conseguiu” (João Lobo Antunes, “Prefácio”, in A. L. Pereira, J. R. Pita e R. M. Rodrigues, 1999, p. 7).

Uma visita à Casa-Museu Egas Moniz, em Avanca, é meio caminho andado para aceder à trajectória existencial do médico-cientista, desde a vida privada e social à vida científica. A casa, com todo o recheio, testemunha um modo singular de estar na vida, com qualidade, durante décadas muito trágicas da história do século XX. Tudo o que se vê é arte, seja pintura, porcelana e outras, cada livro e cada peça de mobiliário, tudo foi desejado e conquistado por Egas Moniz.

De facto, Egas Moniz foi um médico bem sucedido. Abriu consultório em Lisboa, logo após a formatura em Coimbra e conquistou uma vasta e muito diversificada clientela de todo o país. Recorreu a todas as práticas terapêuticas disponíveis na época, desde o electrochoque à psicanálise adaptada ao seu estilo. Aliás, Egas Moniz foi pioneiro na recepção de Freud em Portugal (cf. A. L. Pereira e J. R. Pita, *Freud em Portugal: os trabalhos de Seabra Denis na “Biblioteca Cosmos”,* a publicar in “Transformações Estruturais no Campo Cultural Português, 1900-1950”, org. de António Pedro Pita e Luís Trindade).

**LEGADO CIENTÍFICO DE EGAS MONIZ**

António Caetano d'Abreu Freire Egas Moniz (1874-1955) é uma das figuras mais fascinantes da vida científica portuguesa da primeira metade do século XX. Natural de Avanca, Estarreja, Egas Moniz formou-se em Medicina pela Universidade de Coimbra, foi professor na Faculdade de Medicina de Coimbra e, em 1911, ingressou na recém-criada Facul-

dade de Medicina da Universidade de Lisboa. Exerceu actividade política activa até 1918 e, a partir dos anos vinte, assumiu a investigação científica e a actividade docente como interesses fundamentais.

Na investigação científica, primou pela organização e pelos objectivos a alcançar. Inventou a angiografia cerebral em 1927, e em 1935 deu a conhecer ao mundo científico a leucotomia pré-frontal. Prémio da Universidade de Oslo em 1945 pela descoberta da angiografia cerebral, Prémio Nobel de Medicina e Fisiologia em 1949 pela descoberta da leucotomia, Egas Moniz provava, assim, que Portugal era capaz de entrar nas páginas da história da medicina e da ciência; não como país reproduzidor, mas na qualidade de país criador de ciência e de tecnologia, apesar de todas as dificuldades que teve de superar para merecer o reconhecimento das comunidades médico-científicas internacionais, sempre vigilantes, críticas e exigentes. O caso excepcional de Egas Moniz alterou a imagem de um Portugal científico repetidor da inovação científica alcançada nos países ricos em organização, equipamento laboratorial e recursos humanos. Até hoje, foi o único Prémio Nobel português na área da investigação médico-científica. De resto, o país apenas foi contemplado com mais um Prémio Nobel: José Saramago, Prémio Nobel de Literatura, como é bem sabido.

Egas Moniz soube imprimir na sua investigação científica e tecnológica uma dinâmica de mestre e por isso fez escola dentro e fora do país, tendo colaboradores excelentes, como o neurocirurgião Almeida Lima, e discípulos vários. Na síntese de João Lobo Antunes, “... é lícito falar-se na Escola Angiográfica Portuguesa, cujo núcleo foi constituído por Egas Moniz, Almeida Lima e os seus colaboradores directos, mas teve irradiação colateral de relevo: Reynaldo dos Santos, que introduz a aortografia e a arteriografia dos membros,

Lopo de Carvalho, que demonstra a circulação pulmonar, a escola do Porto liderada por Hernâni Monteiro, dedicada ao estudo da circulação linfática, e João Cid dos Santos, que investiga a circulação da veia dos membros" (*in* "Prefácio", *ob. cit.*, p. 7).

## LEUCOTOMIA CONTROVERSA

Desde as primeiras horas, a leucotomia pré-frontal foi alvo de polémicas apaixonadas (cf. José Morgado Pereira, "O início da leucotomia em Portugal e a querela entre Egas Moniz e Sobral Cid", *in* A. L. Pereira e J. R. Pita, *Egas Moniz em livre exame*, 2000). Recentemente, saíram a público muitos textos tendo como base a obra de El-Hai, *The lobotomist: a maverick medical genius and his tragic quest to rid the world of mental illness* (New York: Wiley, 2005). Esta obra inspirou, por exemplo, a recensão-artigo de Barron H. Lerner, "Last-Ditch Medical Therapy - Revisiting Lobotomy", publicada em *The New England Journal of Medicine*, vol. 353, n.º 2, July, 2005. A mesma revista, uma das revistas médicas mais conceituadas em todo o mundo, fora responsável pela legitimação científica da psicocirurgia, isto é, da lobotomia que foi praticada por Walter Freeman nos EUA entre os anos 30 e os anos 70. Como é sabido, a lobotomia não é o mesmo que leucotomia pré-frontal e não esqueçamos que a terapêutica medicamentosa neuro-psiquiátrica surge no início dos anos 50, pelo que houve 20 anos de abusos, em muitas partes do mundo mas sobretudo nos EUA.

Quando Egas Moniz faleceu, em 1955, os primeiros psicofármacos constituíam, de certo modo, uma alternativa terapêutica à leucotomia pré-frontal. Hoje, a psicofarmacologia continua a fazer progressos no plano das possibilidades terapêuticas e avanços ao nível do estudo das funções cerebrais. Em cerca de 50 anos surgiram centenas de substâncias farmacêuticas com poder de agir sobre diversos estados mentais. Assim sendo, finalizamos reproduzindo um

comentário avisado de Jean-Charles Sournia: "A história da medicina é um cemitério de ideias interessantes abandonadas devido aos seus riscos e insucessos. Um violento abalo eléctrico conduz a um coma provisório do qual o indivíduo sai com ideias novas. Assim, nos anos 40 e 50, os electrochoques foram muito utilizados no tratamento de certas aberrações mentais. A crueldade e os riscos do método (mesmo praticado sob anestesia geral) e os seus insucessos a médio prazo fazem com que hoje em dia se reserve a convulsivoterapia para situações muito precisas, e só depois do insucesso dos medicamentos. A psicocirurgia aplicava-se nos anos 50 aos casos de esquizofrenia ou de depressão grave. Através de secções nervosas efectuadas no lobo frontal, ela transformava os doentes agitados ou perigosos em pacíficos cordeiros. As transformações da personalidade eram tão graves e aleatórias que estas lobotomias incertas foram abandonadas" (Jean-Charles Sournia, *História da medicina*, Lisboa, Instituto Piaget, 1995, p. 356).

Nota:

Os autores (Investigadores e Coordenadores Científicos do Grupo de História e Sociologia da Ciência do CEIS20) têm em curso neste centro de investigação da UC um projecto intitulado "Egas Moniz: vida e obra de um Prémio Nobel/EMPNOBEL", financiado pela FCT, no qual se integra o presente artigo.

Referências Bibliográficas:

PEREIRA, Ana Leonor; PITA, João Rui; RODRIGUES, Rosa Maria - *Retrato de Egas Moniz*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1999.

PEREIRA, Ana Leonor; PITA, João Rui (Org.) - *Egas Moniz em livre exame*, Coimbra, MinervaCoimbra, 2000.

ANA LEONOR PEREIRA (FLUC)  
JOÃO RUI PITA (FFUC)



20 LARGO

Há uns tempos, quando vinha de viagem, telefonou à mulher e disse-lhe que queria fazer uma experiência e passar o Inverno na rua, sem abrigo. Do outro lado da linha, a resposta veio imediata e incisiva: “tu nunca serás um sem-abrigo. Quando estiveres farto, dá-me um telefonema e eu vou-te buscar. Tu tens uma casa. Podes vivenciar um tempo o medo de dormir no passeio, que venham com uma navalha ou uma seringa, que te roubem o cobertor, mas no dia em que estiveres doente, imagina que apanhas uma bronco-pneumonia, estás com febre, é evidente que eu vou-te buscar e levo-te imediatamente para o hospital”. Fernando Nobre, presidente da AMI (Assistência Médica Internacional) concluiu que o que faz a verdadeira miséria, a profunda humilhação do excluído é isso mesmo: não ter saída, não ter luz.

**R•L** *Que ideia esteve na base da fundação da AMI, há 21 anos? O que estava a fazer na altura e o que o fez mudar de rumo?*

**F.N.** Na altura, era cirurgião nos Hospitais Universitários de Bruxelas, era assistente da Faculdade de Medicina da Universidade Livre de Bruxelas e era administrador dos Médicos Sem Fronteiras. Acontece que em 1983 a equipa da *Grande Reportagem*, dirigida então pelo José Manuel Barata-Feyo, tomou conhecimento de que havia um médico português que andava a fazer missões humanitárias pelos Médicos Sem Fronteiras, localizou-me e decidiram que, numa próxima oportunidade, iriam acompanhar-me numa missão. E assim

foi: em 1983 seguiram-me numa missão no Chade. Na sequência dessa missão, a *Grande Reportagem* terá tido um grande impacto em Portugal, a ponto de o então ministro da Saúde, o Sr. Maldonado Gonelha, me ter escrito para Bruxelas dizendo que se algum dia eu fosse a Lisboa, ele teria muito gosto em falar comigo. E eu vim a Lisboa, onde tinha uma irmã a viver [nós nascemos em Luanda], e encontrei-me com o ministro. Na sequência dessa conversa e de outras, nomeadamente com o meu amigo António Gentil Martins, na altura bastonário da Ordem dos Médicos, decidi criar uma instituição do mesmo género dos Médicos Sem Fronteiras em Portugal. E decidi vir para Portugal, país onde nunca tinha vivido, onde tinha vindo pela primeira vez no Verão de 1975, e pronto, decidi vir à aventura, criando esta instituição. Honestamente, garanto que não me passou pela cabeça o que ia dar, também porque na altura isso não me preocupou, porque o caminho faz-se caminhando. Na altura, despedi-me da Faculdade de Medicina, dos meus Hospitais, pus tudo o que eu tinha num camião e vim para Portugal tentar exercer a minha profissão – eu sou cirurgião geral e urologista – e tentar desenvolver esse projecto, que era um novo filho que eu tinha.

**R•L** *Voltando um pouco atrás, ao tempo anterior a essa reportagem e a esse convite, já fazia missões dentro da organização dos Médicos Sem Fronteiras... O que é que o levou, a um médico com uma carreira promissora, a pôr a hipótese das missões?*

**F.N.** Antes de estar com os Médicos Sem Fronteiras Bélgica, que ajudei a fundar, comecei em meados dos anos 70, com os Médicos Sem Fronteiras França, porque era o único movimento que existia. Só depois, no início dos anos 80, é que fundámos os Médicos Sem Fronteiras Bélgica. Mas as minhas primeiras missões humanitárias foram feitas com a organização francesa. O porquê... Agora *a posteriori*, eu entendo que tive muita sorte na minha vida porque pude formar-me, pude fazer o que eu queria, tive a sorte de nascer numa família que me permitiu ter acesso a isso tudo, mas no fundo de mim próprio sempre tive um sonho: um dia voltar para África, onde eu tinha nascido, e dirigir um hospital no mato, da mesma maneira que tinha feito, há 70 anos, o Albert Schweitzer, no Gabão. Acontece que o meu sonho, com as independências e tudo isso, tinha-se tornado numa impossibilidade para mim. Daí que quando eu tomei conhecimento da existência dos Médicos Sem Fronteiras - que na altura era uma minúscula associação, nada do que é hoje, em que é a primeira organização humanitária mundial não-governamental - senti que era isso que eu queria. O que pensei ser um carreirinho na minha actividade profissional, porque a auto-estrada era a Faculdade, os Hospitais, etc., a pouco e pouco a auto-estrada foi-se fechando, e o carreirinho foi-se abrindo e eu lá me decidi ao ponto de me despedir de tudo em Bruxelas, onde eu residi 20 anos, não foram dois nem três, com mulher belga e filhos nascidos lá... Mas acho que isso correspondeu a uma espécie de missão, a um chamamento, de algo profundo que

continha em mim, como médico, de exercer em condições mais difíceis, mais precárias, mais complicadas...

**R•L** *Já a própria escolha de um curso como Medicina revela um pouco dessa vocação de ser útil ao outro...*

**F.N.** Desde que eu tenho conhecimento de existir – e a minha mãe, antes de ir embora, sempre o dizia – eu nunca quis ser outra coisa. Tirando um pequeno interlúdio na adolescência em que eu pensei fazer Belas-Artes. Mas o sonho de sempre era ser médico.

**R•L** *Não há sequer uma história familiar ligada à Medicina?*

**F.N.** Eu sou o primeiro médico na família, não há outro. A minha família é mais no ramo da Igreja, ou da Economia, ou militar, e eu não, sempre quis ser médico. O meu avô, que tanto exigiu que o meu pai fosse médico e o meu pai nunca quis ser médico porque queria ser economista e gestor, acaba por morrer sem saber que ia ter um neto médico. Mas eu sempre só quis ser isso por causa da minha visão, que mais tarde se foi consolidando, de ser médico mas ao serviço dos mais desfavorecidos, porque eu entendo que fui um dos mais favorecidos. Ainda bem, e agradeço muito aos meus pais, e tento dar essa possibilidade aos meus filhos, mas para mim a Medicina era uma missão e como tal tinha de ser em relação àqueles que mais precisavam. Não podendo ser à maneira que eu sonhei, comecei a fazê-lo com os Médicos Sem Fronteiras, em missões humanitárias, até que criei esta casa e a desenvolvi.

**R•L** *A vocação primeira da AMI é uma vocação internacionalista, para com os mais desfavorecidos fora do país. Porque é que, a determinada altura da história, mais ou menos a meio, quando a AMI celebrava dez anos de existência, essa vocação se volta também para dentro de Portugal? Como é que se dá, em si e na organização, essa viragem?*

**F.N.** Para já, a tomada de consciência de que na Europa há o famoso “Quarto Mundo”, o dos excluídos, e estamos a ver o que isso pode dar como consequências em França, por exemplo. Eu, que nunca tinha vivido em Portugal, passados uns anos de cá estar tomei consciência de que no meu país também havia problemas sociais graves. A partir do momento em que a AMI passou a ter condições mínimas para também poder virar-se cá para dentro, achei que a exclusão, a miséria, a pobreza, embora com particularidades de país para país, no fundo é o mesmo problema. E decidimos, na AMI, que poderíamos ser mais um elo na longa cadeia solidária também em Portugal, que tem já 500 anos, com as Misericórdias, etc. Daí que, em 1994, decidimos avançar também para o combate à exclusão no nosso país, com a abertura de centros sociais, o primeiro foi inaugurado em 1994 em Lisboa, e desde então temos aberto um, em média, por ano. São dez e mais três estão já em obras, quase prontos para ser lançados. Porque o combate é sempre o mesmo: contra a exclusão, contra a miséria, contra o esquecimento. Lá fora ou cá dentro, o combate é o mesmo.

**R•L** *Isso leva-nos ao terceiro pilar da acção da AMI, que é o alertar das consciências, não só combater a pobreza onde ela existe, mas também onde ela não existe, chamando a atenção para a sua existência...*

**F.N.** Para mim é tão essencial como os outros dois pilares. Não é por acaso que eu tenho participado nos fóruns sociais mundiais, em Porto Alegre, este ano irei a Caracas, onde ele irá decorrer. Não é por acaso que tenho participado todos os anos na Assembleia Geral das Nações Unidas com a Sociedade Civil, porque entendo que a Sociedade Civil tem um papel fundamental que é o de alertar consciências, sensibilizar sobre valores que me parecem essenciais. Eu sou daqueles que defendem que, efectivamente, um outro mundo é possível, que há alternativas ao modelo que aparentemente nos é apresentado como o único possível, dogmático – só há este caminho, não há outro. Eu, como sou um rebelde por natureza, quando me começam a querer demonstrar que só há um caminho, isso incomoda-me logo... Eu acho que há outro, porque independentemente de a economia ser importante, eu entendo que há outros valores, tão ou mais importantes do que a economia, que são a parte cultural, social, cívica, etc., e que esses valores têm de ser integrados num todo. E essa é a grande luta e o grande confronto, daí que o esforço de sensibilização seja permanente: nas múltiplas conferências que faço pelo país, nas entrevistas que dou, nos artigos para as revistas e jornais. Eu entendo que o homem não é uma figura de estilo, o homem tem de ser





posto no cerne de todas as questões. Ele tem de ser o objectivo da sociedade – o Estado e a economia, entenda-se, o mercado, tem de estar ao serviço do homem, porque o homem é o fim, em si, da sociedade humana. E não o que outros defendem, que para mim está errado, que é pôr o Estado e os cidadãos ao serviço do mercado e fazer do mercado um fim em si. Para chegarmos ao desvario – e não é minha a expressão que vou utilizar, é do senhor Greenspan, presidente da Reserva Federal Norte-americana – que falou do “vírus da ganância”. E é isso mesmo: a humanidade está enferma com o “vírus da ganância”, que quer que os seres humanos estejam ao serviço do mercado, e não pode ser. E sem discursos partidários, que esses não me interessam, eu entendo que podemos construir um outro mundo. É um combate e nós estamos nesse combate.

**R•L** *Com essa maneira de ver o mundo, já por diversas vezes deve ter sido apelidado de idealista e de romântico... Como é que lida com isso?*

**F.N.** Utopista, idealista, romântico, politicamente incorrecto... Daí não poder assumir certas funções de Estado, etc... Mas costumo sempre dizer que sou idealista e que tenho muito orgulho nisso; se sou um romântico... nem sempre, mas maioritariamente sim, ainda agora certos filmes conseguem comover-me às lágrimas; utopista também, porque eu acho que é preciso utopias para avançar isto tudo. Mas não sou, sobretudo, pessimista. Tenho uma frase que é: não sou pessimista, sou um optimista informado. E estou minimamente

informado porque faço questão de andar com os olhos abertos, viajo imenso, leio imenso, participo em imensas conferências internacionais, e ao longo dos últimos 25 anos acho que já fiz uma fotografia, se não exacta, pelo menos é a minha fotografia, de que o modelo que está a ser hoje defendido predominantemente não é o modelo que mais interessa ao género humano.

**R•L** *E tem soluções para resolver isso? Se mandasse e pudesse fazer qualquer coisa, que duas ou três coisas concretas seriam essenciais para resolver os principais problemas do mundo?*

**F.N.** Apontaria, antes de mais, uma educação de qualidade e extensa. Acho que quanto mais as pessoas forem informadas, educadas, mais compreenderão os mecanismos que, para já, passam despercebidos à maioria das pessoas; segundo, é evidente, levar uma política de verdadeiro desenvolvimento aos países menos favorecidos; exigir uma boa governação, a saber, não pactuar de modo nenhum com corrupção e má governação. A partir daí, e fazendo um esforço de consciência, já que a nossa civilização ocidental foi responsável por muitos genocídios - basta falar do genocídio dos índios nas Américas, norte, centro e sul, e do genocídio dos aborígenes na Austrália, para não falar também dos genocídios em África -, se nós tivermos coragem de levar a mão à consciência, não para nos supliciar e para nos autoflagelar, mas para assumir o que fizemos, no mínimo pedimos perdão por isso. Reconhecida essa situação, vamos tentar relançar relações inter-

culturais, inter-estados, inter-nações, de modo a que possamos amanhã viver todos o melhor possível. E vamos sobretudo evitar o desenvolvimento de políticas de ódio, de exclusão: porque se há coisas de que a humanidade precisa é de pontes e de diálogo. Porque os exemplos têm de vir de cima – precisamos de política com luzes, não precisamos de políticas com mísseis e com bombas, se não não vamos a parte nenhuma. Um certo discurso de verdade e de reconhecimento de erros cometidos por nós poderia ajudar a relançar o diálogo e as pontes.

**R•L** *Entre essas pontes que também tem ajudado a construir nas missões em que participou em praticamente dois terços dos países do mundo, há alguma lição que tenha tirado em especial para esses projectos de construção do diálogo?*

**F.N.** Já estive em mais de 130 países, ainda há uns 70 a que tenho de ir. Não sei se vou ter tempo para ir, mas acho, dos que eu visitei em todos os continentes – do deserto à floresta Amazónia, dos Himalaias até não sei mais aonde – acho que tirei uma lição. É que o género humano, esteja onde estiver, seja rico ou pobre, está à procura do mesmo. Todos os pais, todas as mães estão à procura do mesmo. Pelo menos é a visão que eu tenho: é tentar educar a sua família o melhor possível, tentar não ter fome, tentar dar aos filhos meios de subsistência, tentar conhecer o amor que anda um pouco arredado de muitas zonas. Porque ao fim e ao cabo, geneticamente, somos todos idênticos. Eu, como

cirurgião, já operei em tantos países do mundo... Quando abro um ventre ou faço uma amputação, é sempre o mesmo, seja preto, amarelo, vermelho ou azul. Talvez a nossa cultura ocidental, porque tem medo da morte, não pense nem um minuto sequer por semana na morte. Porque se a morte nos estivesse mais próxima - não para ser tétrico - talvez víssemos que é um acto normal da vida, é talvez a grande justiça do mundo que vamos ter todos de enfrentar. E se pensássemos um minuto por semana, talvez isso nos permitisse sermos menos soberbos, menos arrogantes. Temos a ilusão de que até temos poder... E eu já vi morrer milhares de pessoas - no meu campo no Ruanda morriam mais de 2200 por dia... - e sei também como é que vou partir, se estiver consciente até lá. Naqueles minutos que antecederem a morte (eu sou muito cru, mas acho que às vezes é preciso ser cru para as pessoas abrirem os olhos...), o corpo, que já recebeu a mensagem da morte, começa a relaxar; nomeadamente o esfíncter... E se tivermos urina na bexiga ou fezes na âmpola rectal, nós vamo-nos sujar. Quer sejamos presidentes, reis, ex-primeiros-ministros, seja o que for. Por isso, quando eu vou falar com alguém do poder e vejo essa pessoa tomar atitudes arrogantes, no meu interior ponho-me a sorrir, porque penso no meu interior "espera lá, tu estás assim agora, mas naqueles minutos que antecederem a tua partida, tu vais ver que tu não és coisa nenhuma, que tu és uma ninharia". E se nós tivéssemos essa humildade de pensar que efectivamente somos ninharias, o que não deve ser impeditivo de tentarmos fazer o

melhor possível, isso levar-nos-ia a uma atitude de humildade, de franqueza, de olhar para as pessoas, de tentarmos estabelecer algumas pontes, e permitir-nos-ia ver que estamos cá de passagem, por isso não vale a pena estar a acumular tanto porque não vamos levar isso nos nossos bolsos. Por isso, talvez fosse boa ideia redistribuir um pouco melhor as cartas.

**R·L** *E com tantas forças adversas a essa sua maneira de pensar, a puxar precisamente para a acumulação, nunca se cansa de remar?*

**F.N.** Acho que a linha condutora da acção, quando temos um ideal, impede-nos de sairdesse caminho. Lembro-me de ter uma carta do meu pai, depois de eu já ter feito missões, em que ele me dizia: "pronto, agora já mostreste que és corajoso, agora já não tens mais nada a mostrar a ninguém, agora tem juízo, cuida da tua família, do teu consultório e da tua carreira universitária". Não sei onde ele está hoje, mas não trilhei o sonho que ele tinha para mim... Trilhei outro e por isso às vezes também tenho as minhas frustrações, sei que posso protestar mas não posso abandonar este caminho porque é algo que está nos meus genes, algures. Por mais que espereie, sei que é esse o meu caminho e tenho de ir com ele até ao fim.

**R·L** *Quando está nesses estados de desilusão, onde é que vai buscar estímulo para continuar?*

**F.N.** Não preciso de ir muito longe. Aqui em Portugal, vou a um centro social da AMI,

porque lá entro sem pedir autorização a ninguém. E quando eu lá entro à hora da refeição e vejo pessoas, compatriotas ou não, no meu país, que estão com fome e que estão à mesa a engolir o prato que lhe estamos a servir; aí sinto que isto tem razão de ser. Porque considero e acho que a pobreza no nosso país é a nossa grande vergonha. Porque, que haja ricos e pobres, tudo bem, mas não posso aceitar que haja pelo menos 20 por cento da população do meu país que vive em situação de pobreza. Isso não aceito. Isso é um estigma de pobreza em Portugal que tem de marcar os governantes e todos nós. Quando estou farto disso, das invejas, dos malabarismos, das intrigas, das dificuldades de poder ter fundos para continuar a desenvolver um projecto, farto de engolir sapos, muitas vezes tenho de dizer ao Fernando Nobre para se submeter ao presidente da AMI. Mas é o mesmo nos outros países; quando estou confrontado com a verdadeira miséria, penso "tenho mas é muita sorte, estou para aqui a espernear para quê?". Quando ligo o telemóvel, aparece sempre uma frase que diz "o que tem de ser tem muita força". Eu durmo três, quatro horas por noite, estou aqui [na AMI] desde as seis da manhã. Por isso, às vezes, quando o despertador toca e me apetece ficar na cama mais um bocadinho, essa frase vem-me logo ao espírito.

## A UC NA EXPEDIÇÃO FOTOGRÁFICA DO MUSEU DE SOUTH KENSINGTON

A expedição fotográfica e artística em causa (1866) teve lugar numa época em que esta forma de registo começava a disponibilizar, ao público dos museus da Europa, imagens de monumentos raramente vistos e até então só possíveis de idealizar através dos desenhos feitos por viajantes intrépidos e ocasionais, superando doenças e difíceis vias de comunicação. O fotógrafo deste projecto foi Charles Thurston Thompson (1816-1868) e o seu mentor foi John Charles Robinson (1824-1913), superintendente das colecções do museu de South Kensington, que fazia as pesquisas necessárias para identificar os espólios que as deveriam integrar, tanto na Inglaterra como no estrangeiro. Daí que estivesse nas suas funções indicar os monumentos e as obras de arte a serem reproduzidos pela fotografia, com vista a integrarem um acervo fotográfico de monumentos de alto valor histórico e estético que pudessem, por essa via, constituir alternativa e competir com a predominância dos monumentos franceses na história da arte então divulgada.

### VIAGENS DE PREPARAÇÃO

J. C. Robinson fez três viagens de prospecção à Península: a primeira, de 22 de Setembro de 1863 a 18 de Janeiro de 1864; a segunda, de finais de Agosto a finais de Novembro de 1865 - na qual fez os contactos e preparou a vinda de Thurston Thompson - e uma terceira, de Setembro a inícios de Novembro de 1866.

Durante a segunda viagem, Robinson conheceu o Marquês de Souza Holstein (1838-1878), presidente da Sociedade Promotora das Bellas Artes, entidade emissora de todas as licenças necessárias para a reprodução de obras de arte em Portugal. Por esta altura, foi

recebido por D. Fernando de Saxe Coburgo Gotha (1816-1885), que lhe mostrou as obras de arte da Coroa portuguesa e que ficou muito agradado por Robinson lhe enviar um fotógrafo, ao qual viria a conceder todas as facilidades. Obteve, assim, autorização para fotografar uma parte dos objectos de arte da colecção de D. Fernando. Robinson tentou, então, que Thurston Thompson se deslocasse de imediato a Portugal, mas uma epidemia de cólera fê-lo hesitar e a viagem foi adiada. No entanto, Souza Holstein informou-o, em Novembro de 1865, de que todas e quaisquer obras de arte escolhidas para reprodução estariam à sua disposição. A viagem de Thurston Thompson só se realizaria no Verão de 1866.

Na sua segunda viagem, Robinson passou por Coimbra para recolher informações, em Santa Cruz, para um estudo intitulado "The early portuguese school of painting" - sobre os quadros atribuídos a Grão Vasco e à antiga escola portuguesa de pintura - estudo esse que foi inicialmente publicado na revista *Fine Arts Quarterly Review*, no nº 2, com data de Outubro de 1866 (pgs. 375 a 400). Logo no mês seguinte, e por proposta de Souza Holstein à Sociedade Promotora de Bellas Artes, foi aprovada a sua tradução e publicação, que viria a verificar-se em 1868. Este trabalho seria comentado na obra *Escritos Diversos*, de Augusto Filipe Simões (1835-1884), lente de Medicina, bibliotecário da Universidade e membro da Comissão Organizadora da Exposição de Arte Ornamental de 1882, realizada em Lisboa, nas Janelas Verdes, e fotografada por Carlos Relvas. J. C. Robinson colaborou nesta exposição emprestando 14 objectos da sua colecção particular, facilitando contactos com outros colecionadores e disponibilizando empréstimos do Museu de South Kensington.

O fotógrafo da expedição foi, como dissemos, Charles Thurston Thompson (1816-1868), filho de John Thompson, gravador em madeira, actividade que também exerceu. Apoiou Henry Cole, seu cunhado, secretário do conselho de educação da grande Exposição Universal de Londres, no Crystal Palace, em 1851.

### TÉCNICA FOTOGRÁFICA

Na fotografia, a técnica utilizada era a do colódio húmido, inventada por Frédéric Scott Archer (1813-1857) em 1851, que implicava a preparação dos negativos sensibilizados, imediatamente antes da exposição, e a sua revelação a seguir; o que se traduzia na necessidade de transporte de todo o equipamento necessário, desde a câmara ao laboratório, passando pelos produtos químicos e pelos vidros que serviam de suporte à emulsão. Os vidros utilizados por Thurston Thompson tinham uma espessura de um quarto de polegada e uma superfície de três pés quadrados e provavelmente seriam os de maiores dimensões na época. Estas características implicavam um apreciável tamanho da câmara.

Durante a Exposição Universal de Paris, em 1855, Thompson fotografou o interior dos pavilhões e foi autorizado, pelo governo francês, a fotografar objectos de arte do Museu do Louvre. Fez trabalhos para o Museu Britânico e para o Museu de South Kensington, a partir de 1853, integrando o seu quadro de pessoal em 1859. Participou na Exposição Universal de Londres de 1862, onde apresentou fotografias gigantes de desenhos de Rafael e de quadros de Turner, com as quais pretendia ilustrar a utilização de negativos de grandes tamanhos.

O Museu de South Kensington assumia a obrigação de disponibilizar fotografias com fins educacionais. Thompson tinha a tarefa de fotografar o que estava inacessível ao público, fazendo-o ao ar livre, para o que necessitava de boas condições atmosféricas, o que em Inglaterra não era fácil. Nesta época, as provas fotográficas eram, por vezes, coladas nos livros que ilustravam. Desta forma, foi autor das fotografias que ilustram as seguintes obras: *The Book of the Royal Horticultural Society*, de 1862, e *A series of portrait miniatures selected from the loan exhibition at the South Kensington Museum*, de 1865.

## COIMBRA FOTOGRAFADA

Thurston Thompson chegou a Portugal no Verão de 1866, com a incumbência de fotografar obras de arte que lhe eram indicadas por J. C. Robinson, que anteriormente tinha estabelecido os contactos necessários e, em Setembro de 1866, lhe pediu para fotografar Santiago de Compostela e, de seguida, o Porto, Coimbra, a Batalha e Lisboa.

Em Coimbra, fotografa Santa Cruz, a Sé Velha, a Universidade, Sub-Ripas, as igrejas de S. Salvador e de S. Tiago e o pórtico do colégio de S. Tomás, num total de 36 imagens, assim distribuídas: 19 de Santa Cruz, 9 da Sé Velha, 4 da Universidade e uma de cada um dos restantes temas.

Quando Thurston Thompson fotografa Coimbra, em Setembro de 1866, decorrem obras no Paço das Escolas, permitindo datar a sua passagem. As obras em curso consistiam na terraplenagem da zona central (que anteriormente era atravessada por um caminho alteado que ligava a Porta Férrea à Porta de Minerva), o que se pode ver numa fotografia de Antero Frederico de Seabra (1821-1883), datada de Novembro de 1861, como se infere pelo pano preto que cobre o escudo real por altura da morte do Rei D. Pedro V. Nestas obras – destinadas a adaptar o Paço a residência do Reitor, o Visconde de Seabra

(1798-1895) – associadas à terraplenagem, foram escavadas duas valetas concêntricas que rodeavam o Largo e delimitavam um percurso que o contornava libertando, ao mesmo tempo, a zona central para arborização, realizada no ano seguinte.

Os primeiros tempos desta arborização ficaram documentados pelas imagens de um outro fotógrafo estrangeiro, J. Laurent, para além das provas coladas no *Panorama Photográfico de Portugal*, de Augusto Mendes Simões de Castro (1845-1932). As valetas mereceram críticas na imprensa conimbricense, nomeadamente nos jornais *O Paiz*, *O Conimbricense* e *O Tribuna Popular*, alertando para o perigo de se partirem as molas das carruagens que entrassem no largo.

A fotografia do Paço das Escolas, de Thurston Thompson, mostra as valetas recém-abertas, que foram concluídas na terceira semana de Setembro de 1866, conforme notícia de *O Paiz* de 23 de Setembro de 1866.

Outras transformações iriam ocorrer de seguida: a substituição do relógio da Torre, em Abril de 1867, e a plantação de uma araucária no centro do Pátio, que, pela análise do seu crescimento, permite datar as imagens deste espaço até ao seu derrube, em meados do século vinte.

## EM PARIS E EM LONDRES

As imagens de Coimbra serão mostradas na Exposição Universal de 1867, em Paris. Foi oferecida uma colecção ao Reitor e outra ao Secretário da Universidade, Manuel Joaquim Fernandes Thomaz (1810-1880), colecção esta que será vista em Coimbra na Exposição Distrital de 1869, sendo oito destas imagens copiadas e reproduzidas por casas fotográficas de Coimbra – a *Photographia Académico Conimbricense*, de Francisco Teixeira de Araújo, e a *Photographia Conimbricense*, de José Maria dos Santos (1838-1900) – e coladas no *Panorama Photographico de Portugal*, entre 1869 e 1873.

Uma das imagens do Claustro do Silêncio de Santa Cruz será passada a gravura por J. Pedrozo e publicada em 1872 no seu livro *A gravura em Madeira em Portugal*.

Thurston Thompson morreu nos inícios de 1868, com 52 anos, e o seu lugar no Museu de South Kensington foi ocupado por Mrs J. A. Cowper, uma mulher fotógrafa, pelo que a autoria das provas obtidas a partir das imagens por si capturadas nem sempre lhe pertence. O fotógrafo desapareceu, mas as imagens fizeram o seu caminho.

A 2 de Abril de 1873, numa reunião da Comissão de Archeologia do Instituto de Coimbra, o lente e conselheiro João José Mendonça Cortez (1838-1912) propôs e fez aprovar que se lembrasse ao Reitor a conveniência de mandar vir, para a Biblioteca da Universidade, a obra *Catalogue of a series of Photographs... by Thompson*, London, 1862-1872. Nesta iniciativa deverá estar a origem dos dois álbuns com as fotografias de Coimbra de 1866, existentes na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, com os títulos *Monumentos Architectónicos de Coimbra 1 e 2*. O primeiro álbum contém vinte e duas provas e o segundo catorze. A encadernação de, pelo menos, um destes álbuns foi feita em Lisboa, na Livraria Ferin. Provas desta reportagem de Coimbra existem também em outras instituições, nomeadamente no Victoria and Albert Museum, em Londres, continuador do Museu de South Kensington, e na Conway Collection. Em Portugal, para além dos álbuns da BGUC, terá também existido um na Academia Nacional de Belas-Artes.

Na Biblioteca Nacional, existe um álbum com vinte provas do Mosteiro da Batalha, cujas imagens foram, como vimos, obtidas na mesma altura que as de Coimbra.



TORRE E VIA LATINA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA.

Antero Frederico de Seabra  
Paço das Escolas, 1861  
Colecção Alexandre Ramires



COIMBRA, PORTUGAL, UNIVERSITY; THE COURT-YARD.

Thurston Thompson  
Paço das Escolas, 1866  
Biblioteca Geral  
da Universidade de Coimbra



Photographia Académico-Conimbricense  
Paço das Escolas, 1869  
Colecção Alexandre Ramires





J. David  
Paço das Escolas, 1881  
BGUC



Capa do  
I.º Álbum de Coimbra  
BGUC

Tribuna Popular  
1866, 19 Setembro  
BGUC

N.º 1:110      Quarta-feira, 19 de Setembro de 1866      Xl anno

# O TRIBUNO POPULAR

<p><b>ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILA</b></p> <p>Por anno ..... 3200          Por semestre ..... 1600          Por trimestre ..... 800          Cartão de leitura por folha ..... 20</p>	<p><b>ANUNCIOS</b>—Preço de cada linha 50 réis.</p> <p><b>PUBLICAÇÕES LITTERARIAS</b>—Deixar sempre o dia de publicação na Secretaria de or. correspondente de cada obra.</p> <p>Este periódico publica-se ás quintas-feiras e sábados de cada semana.</p> <p>Quanto ao preço, mandado à redacção, según se são publicadas, não sendo tratadas.</p>	<p><b>ASSIGNATURAS COM ESTAMPILA</b></p> <p>Por anno ..... 3500          Por semestre ..... 1750          Por trimestre ..... 875          Cartão de leitura por folha ..... 20</p>
---	---	---

**RESPONSÁVEL**.— José dos Santos Moraes e Sá.

**Terreplanamento** — A instancias do digno vice-reitor da Universidade, o ex.<sup>mo</sup> sr. dr. José Ernesto de Carvalho e Rego, se anda procedendo ao terreplanamento do pateo da Universidade, que pretendem arborisar na estação competente. Analisámos esta obra que está em comêço, e que muito honra o zêlo e dedicação de quem a promoveu; e apesar de a acharmos bem delineada nalgumas cousas, não podemos contudo concordar em que aquelle vasto e bello pateo seja circundado de valetas que mais se assimelham á fôssos do que a outra cousa.

Não seria mau que se obstasse ao aspecto mau que produzem as taes valetas, que a ficarem como vão principiadas podem dar causa a alguns desastres, e já mais tendo d'alli entrar carruagens.



Thurston Thompson  
Biblioteca Joanina, 1866  
BGUC

## O conhecimento como aventura

Rui Bebiano \*

Muitos recordarão *L'Aventure c'est l'Aventure*, comédia de Claude Lelouch sobre um quinteto de criminosos hábeis e oportunistas que procura enriquecer de forma rápida no mundo em transformação da política e do *show-business* do pós-1968. A maioria não terá visto o filme, mas o título passou a integrar a linguagem coloquial. Usamo-lo para nos referirmos à aceitação do momento no qual ocorre o inesperado ou se experimenta um estado de espírito caracterizado pela fraqueza da razão. A vivência de algo de singular e de emocionante, que elide o quotidiano e prescindir de grandes explicações.

Para diversas gerações, a palavra *aventura* remete também – afastada a forma efémera de relacionamento amoroso – para um imaginário assente em ficções exemplares, marcadas por uma certa atracção pelo singular e pelo accidental. Os livros de “literatura de rapazes”, muito populares a dada altura, de Fenimore Cooper, Karl May, Emilio Salgari, George A. Hary ou Júlio Verne, integram esse arquivo imenso e epopeico, inscrito na matriz pessoal, ao qual é possível retornar em momentos de crise ou de demanda da identidade. Em *A Misteriosa Chama da Rainha Luana*, o seu recente romance autobiográfico, Umberto Eco transporta

o narrador, recém-despertado de um AVC que lhe fizera perder a memória, até uma biblioteca familiar, guarnecida de romances de aventuras e de revistas de banda desenhada, que o devolvem a uma fase anterior da vida, sendo através dos nexos que com eles vai estabelecendo que recupera a parte do passado que o acidente lhe havia roubado. Esta situação excepcional – traduzida numa viagem pelo tempo até às representações da infância e da adolescência – surge aqui como episódio revelador da dose de preconceitos e de interditos que, no quotidiano do adulto, ocultam uma leitura matricial do mundo remetida para os subterrâneos da personalidade.

Com Verne, clássico da literatura de aventuras por mais de cem anos, muitos foram os que descobriram o interesse pelo conhecimento ao seguirem a construção e o uso de maquinismos fantásticos, concebidos de acordo com as conquistas científicas do tempo mas de formulação arrojada. Todavia, aquilo que mais terá feito o êxito dos seus livros, diferido no tempo e transgeracional, foi a dimensão ousada e prospectiva dos heróis que colocou em cena, próxima aliás da experiência dos exploradores europeus seus contemporâneos na descoberta de povos e territórios ignotos, pela aventura como factor emulador da iniciativa individual e

das conquistas do conhecimento. Ainda que profundamente eurocêntrica, a visão verniana anunciava uma capacidade humana capaz de funcionar como modelo de uma navegação pelas rotas do risco e do encontro com o desconhecido.

Os caminhos do encontro com a aventura são hoje muito diferentes, disseminados por um conjunto amplo e variado de suportes tecnológicos, relativamente democratizados em muitos países, tanto ao nível da palavra escrita como no campo do som e da imagem. Descoberta na sua dimensão lúdica pela iniciativa empresarial, tem vindo a ser integrada, a partir do trilho aberto pelo rali Paris-Dakar, em pacotes turísticos “radicais” ou actividades de entretenimento que parodiam, a um nível puramente formal, as suas virtualidades disruptivas. A publicidade, mesmo aquela feita a actividades de uma natureza institucional reputada circumspecta, como o recrutamento para as forças armadas e a polícia, ou a matrícula em determinados cursos, tem recorrido a idêntica estratégia, procurando atrair candidatos pelo simulacro de “aventura” e de diversão que garantem estarem em condições de oferecer. Partilha-se assim da aventura, sem dela se recolherem os riscos e o grau de incerteza, sendo agora considerável o número de lojas e de sec-

ções de hipermercado que vendem guias, manuais, mapas e toda a sorte de peças de roupa e de acessórios destinados ao “aventureiro” prevenido.

Mas ao mesmo tempo, e paradoxalmente, ela tende a ser depreciada, talvez até mais hoje do que nunca, nos meios que têm por missão ocuparem-se com a produção e a transmissão dos saberes. A busca de factores de avaliação exageradamente normalizados e essencialmente quantitativos, pautados por critérios que procuram sobretudo privilegiar a adequação ao meio empresarial e às actividades produtivas, tende a graduar o valor social do conhecimento em função apenas da

sua utilidade prática. Desvalorizam as experiências de conhecimento puro, ou a expansão de um entendimento criador e subjectivo do mundo, entendidas como práticas descartáveis, demasiado arriscadas, que devem dar lugar a um saber medido pelas expectativas do mercado e o reconhecimento dos meios de comunicação social.

Existe um *diktat* da política científica e cultural dos governos sobre o universo do conhecimento criador e livre, o qual pretende impor uma separação entre o útil e o inútil, o “bom” rentável e o “mau” dissipador, tanto nos domínios do ensino

como da investigação. Que, todavia, não podem prescindir – sob pena de se desumanizarem e de se tornarem erráticos – de uma dimensão não quantificável. Situada no horizonte desse “extremo-alhures”, do qual fala Le Breton, que conduz os seus actores, no processo de busca e de criação, através dos caminhos irregulares, recheados de peripécias e de encontros inesperados, transfigurando a demanda do entendimento numa acção não-programável e aventureira. Mas imprescindível.

\* FLUC e CES





R E T R A T O  
D E C O R P O  
I N T E I R O

## O engenho musical de José Andrade Campos

“Um som sozinho não conta nada, é como uma pessoa”. Assim começa a conversa com José Leandro Andrade Campos, professor no Departamento de Engenharia Mecânica (DEM) da FCTUC. Ao *Retrato de Corpo Inteiro* interessava a sua vertente de estudo de explosivos que, na componente lúdica, também o levou a organizar inúmeros espetáculos de pirotecnia. Mas também a faceta de instrumentista, estudioso do fenómeno musical, e o curso de Musicologia que tirou enquanto fazia o doutoramento em Poitiers foram conduzindo as palavras. Acabámos por ficar pela música e, para além das palavras, fica o som e a imagem do órgão que idealizou e que foi construído obedecendo ao propósito de ocupar o menor espaço possível. Está em sua casa, encostado a uma parede que também foi imaginada para o albergar. Mas no DEM também há espaço para a música... A conversa começou a partir de um único som e a história da polifonia. Sem ser precisa nenhuma pergunta.

**J.A.C.** A primeira vez que as pessoas viram que um som sozinho não valia nada foi quando viram o eco desse som. E a primeira vez que isso aconteceu foi no Baptistério de Pisa. Quando se faz um som, ele fica, durante o eco, no Baptistério e permite que se cante outro e faça um harmónico por cima. Foi assim que nasceu a polifonia – muitos sons, ao mesmo tempo. O Baptistério tem uma coisa muito gira: ao fechar as janelas, permite-se que a luz entre por um determinado furi-nho em cima (por onde entrava a água para os baptizados). Como um som sozinho não vale nada, teve de se pensar um som com

outros sons, porque é o efeito relativo dos sons. Quanto a um som sozinho, só uma pessoa que tenha ouvido absoluto é que pode distinguir a sua altura, intensidade, timbre, etc. Mas um som deixa o seu efeito, a sua permanência. Se, quando um som vai a progredir em eco, cantarmos outro som, começamos a ver um acorde, que são dois sons ao mesmo tempo. E já achamos isso mais giro. Se esses dois tiverem eco e se cantarmos um terceiro, conseguimos ver um acorde. Sabemos que há acordes perfeitos e acordes imperfeitos – são distâncias entre sons.

Quantz foi o preceptor de Frederico II (rei da Prússia, 1712-1786), e era um músico. Nessa altura não havia relógios... O tempo é a primeira noção de conhecimento que temos. O tempo não existe. Há um devir do tempo, de acontecimento para novo acontecimento. Mas teve de se arranjar uma maneira de ordenar os acontecimentos, uma vez que há muitos ao mesmo tempo. O problema grande para o tempo é com a música. A primeira vez que se pôs a questão do tempo foi precisamente com a música. Um tipo que dançasse uma jiga em França podia ser mais lento do que outro a dançar a jiga em Itália. Não havendo relógios é muito difícil dizer em que tempo é cada nota. Era preciso fazer uma identificação dos tempos para a música: os compassos. A própria palavra “com passo” é a distância para dançar.

**R•L** *E a medição do tempo vem das necessidades provocadas pela música?*

**J.A.C.** A primeira vez em que se põe a questão do tempo na música foi com Quantz, que tinha um livrinho, um ensaio para tocar a flau-

ta e outros instrumentos, os princípios e técnicas de execução musical do século XVIII para todos os músicos, instrumentistas, cantores e acompanhadores. Teve de haver uma identificação do tempo e tudo ele faz em função do batimento do coração de um homem normal, “segundo o senhor...”. Daí a origem da palavra “segundo” – segundo é um batimento. Quantz tinha uma espécie de bastão que encostava, quando ouvia música, para ouvir o coração. Ele acabou por dizer que em determinada corte se dançava de determinada maneira e em outra se dançava de outra, porque fez a comparação entre os tempos. Não havia relógios, nem poucos nem muitos, e como não havia, era difícil acertar:

**R•L** *E qual é a importância de Quantz na história da música?*

**J.A.C.** Quantz está para a música como Kant para a filosofia. Acaba por ter um livro excelente que fala sobre os instrumentos e os andamentos. Como é que se faz um *adagio*, um *adagio spiritoso*, acaba por dizer como é que se faz o andamento de cada um. E o livro tem uma particularidade muito curiosa que é permitir ver partituras à medida que se vai lendo a explicação, através de um sistema muito simples, que é o das folhas de partituras se desdobrarem, ficando sempre visíveis. E isto foi entre 1697 e 1773.

**R•L** *Passando para a actualidade, como é que a música está presente no seu dia-a-dia?*

**J.A.C.** Há um projecto que nós – conjunto de amigos ligados à mecânica – temos e



que vamos fazer... Fazemos imensos tubos de órgão em PVC para tentar encontrar a maneira mais simples de fazer um tubo. O que conta num som é a altura, a intensidade e o timbre.

**R·L** *Que é o que o ouvido absoluto de que falámos consegue captar e identificar...*

**J.A.C.** Há muitos músicos que têm ouvido absoluto. Quando se fala do som do lá conseguem emití-lo. Porque, normalmente, o que fazemos é uma coisa diferente: temos um som e o nosso som é passar a música aquilo que usamos como voz de falar. Foi assim que aconteceu, por exemplo, na Idade Média com os monges. As pautas não tinham cinco linhas e quatro espaços, tinham ou três ou seis, e punham-se gravações em que a marcação central era passar do falar ao som. E uns cantavam acima ou abaixo, e era uma questão de grafismo. Mais tarde, por uniformidade, teve de fazer-se uma coisa que se chama temperar os instrumentos, que é fixar bem os sons e a partir daí é fácil.

**R·L** *Voltando aos tubos de órgão...*

**J.A.C.** Então, mais tarde descobriu-se que a altura do som é função do comprimento da coluna de ressonância e um tubo aberto tem meia frequência enquanto num tubo fechado, o som tem de ir e vir, torna-se numa oitava, o dobro da frequência. É pela altura que se consegue fazer a frequência de um tubo. Além do tubo é preciso ter alguma coisa que perturbe a continuidade – é preciso perturbar um bocadinho... Se o fizer relativamente à passagem de ar dentro do tubo, acaba por gerar-se um som. Todas as pessoas ligadas à música têm sonhos de fazer instrumentos, de reparar instrumentos...



**R·L** *Quando é que começou a interessar-se por este universo? Já vem de família o gosto?*

**J.A.C.** Comecei a interessar-me aos seis, sete anos. Tive muitos anos de aulas com uma senhora que era excelente – Maria de Lurdes Themido – que era professora de piano e depois ainda tive aulas com o professor Sousa Santos e fui continuando sempre.

**R·L** *E também toca flauta transversal...*

**J.A.C.** Toco flauta e toco piano. E órgão também... Piano é sempre uma coisa muito boa. No piano, quem gera o som é o martelo. Costuma-se dizer que o violino foi feito por Deus e o piano foi feito pelo homem. O violino tem uma forma espantosa, não é enformado, o tampo é escavado da madeira. Como é de origem árabe, com uma corda que corresponde a uma tripa esticada e umas crinas de cavalo para dar o som, este acontece quando faço força com o arco, e é a tensão da corda, que volta outra vez ao sítio. O violino, para transmitir o som entre o tampo de cima e o tampo de baixo, tem uma peça de madeira que se designa por "alma". Depois, ao tocar, o violinista faz a mesma coisa com o dedo para criar diferenças: ninguém gosta de um som morto, de um som contínuo. Gosta-se de um som que tenha aleatórios. Nós temos de criar perturbações e o que conta na música são as flutuações aleatórias. O cantor, quando canta, apoia o diafragma, comprime e faz uma vibração em torno de uma frequência de base. No piano também há coisas que são giras: um piano tem escapamento, isto é, temos de criar a perturbação com os martelos, que depois fogem, fazem o crime perfeito. No piano é

um bocado isso... a pessoa não pode agarrar na tecla e bater na corda. O martelo é que tem de bater na corda e fugir o mais rapidamente possível. Chama-se a isso o escapamento, ou o escape. E os primeiros pianos, que eram piano forte, ficaram fantásticos, porque através de um sistema de alavancas e de compensação, o martelo bate e pelo efeito de bater faz com que ele fuja logo. E deixa a corda a vibrar: Muito mais tarde, na altura da Exposição Universal de Paris, passou a haver escapamento duplo, porque um só não dava para fugir a tempo. À medida que as construções foram andando, houve construtores que ficaram brutalmente especializados em mecânica, tanto para resolver os problemas do escapamento como depois também ao nível das caixas.

[Conduzidos a uma das oficinas do Departamento de Engenharia Mecânica, foi-nos mostrado como se fazem tubos de órgão em PVC.]

**R·L** *Estes tubos são apenas experimentais...*

**J.A.C.** Sim, depois, quando se chega à forma ideal, nessa altura é que se passa a um formato definitivo. O que interessa é estudar um tubo, o resto é produzir. Um órgão tem 52 notas. Por cada nota e um registo é um tubo. Eu tenho de ter 52 tubos para cada timbre. Depois é o formato do tubo. Para o mesmo comprimento, é a mesma altura de som, se for tapado é uma oitava abaixo, se for aberto é uma oitava acima. A espessura do tubo dá-nos o timbre. Se tiver uma barriga, dá-nos o timbre da voz humana; se estiver em cone, é um tubo diferente, chamado chaminé.

**R·L** *Esse conhecimento sobre o funcionamento dos órgãos de tubos fez também que estivesse envolvido no restauro dos órgãos da capela de S. Miguel (UC) e do Palácio de S. Marcos. Como é que se processam os trabalhos de restauro?*

**J.A.C.** Pega-se no órgão antigo, desmonta-se todo. Depois, refazem-se os planos do órgão e a seguir é preciso refazer os tubos que faltam, um a um por cada registo. No órgão há a montra, como nas pessoas, aquilo que aparece na fotografia; depois há o interior do órgão.

**R·L** *Os ensaios com tubos têm uma finalidade concreta, há um projecto à vista ou é apenas ir fazendo testes?*

**J.A.C.** O PVC é um material que é muito fácil de trabalhar; dá para ter precisão e repetir os tubos todos. Além disso, não é sensível a humidades e a outros factores. E permite fazer um órgão que não tenha um formato convencional... Imagine-se um órgão com um tubo central, como uma árvore, e depois com tubos pequeninos em cima e que vão alargando para os tubos em baixo. E depois podem pôr-se rotativamente com interruptores e luzes a acender consoante os tubos que estão a tocar. Imagine-se isto na rua, porque o material é resistente... É giro.

## A D Ó N I S

I  
Nunca se me apagará da memória a viagem na segunda do Inter-Regional entre Lisboa e Coimbra, ao fim da tarde de um incendiado domingo de fins de Maio. A companhia do cachorrinho não poderia ter sido mais agradável. Durante o percurso ascendente, tratei-o por *Alex*. Mas, logo que o confiei aos pais adoptivos, ficou *Adónis*.

O nome mitológico constava da cédula de nascimento: chegará um destes dias, trazendo a descrição dos pais e dos quatro avós que lhe afiançarão um aristocrático *pedigree*. Deilhes a saber o nome original apenas por descargo de consciência e dever de padrinho. Nem tido nem achado na sua escolha, apenas colaborei nas andanças pouco complicadas da adopção e transferência do infante do internato materno infantil.

Sugeri-lhes o diminutivo *Alex*, nome de guerra e de clandestinidade, pelo qual não só o tratara durante a viagem como igualmente o havia debitado à curiosidade de tantos passageiros perguntadores. Só lhes escondi a nobre denominação da estirpe que vai entroncar na frondosa árvore dos *Huskies*, de Kiev, capital da Ucrânia. Os mais sabedores intuam-no só de olhá-lo.

A mãe adoptiva declarou que *Alex*, nem pensar. Era nome de cão que deixara saudades desde a morte por atropelamento na via pública. Não queria manchar a sorte nascente do cachorro, baptizando-o com a mesma graça de um predecessor vítima de um destino trágico. Seria abrir a ferida ainda mal cicatrizada.

Ficou *Adónis*, o nome do velho deus babilónico da fertilidade, depois adoptado pelos gregos que o colocaram na sua mitologia com ademanos efeminados, simbolizando a beleza juvenil. Apesar de aparentemente fortuita, esta circunstância tornou-me meio apreensivo.

Estando ainda o infante naquela idade em que o sexo é indefinido, poderia acontecer que, no momento da aclaração, tanto poder cair para um lado como para aquele de onde nunca mais se logra sair. E, confesso, não gostaria de o ver mais tarde num programa televisivo, já adulto e homossexual assumido, ladrando contra a repressão exercida pelo espírito machista da maioria da canzoada...

Muita sorte teve o *Adónis* em lhe ter calhado este destino coimbrão. Até o próprio comboio antiquado concorreu para o tom picante da aventura. Já há muito que eu não viajava num trem dessa natureza. (A última já foi há anos, num Setembro tão acalorado ou mais do que esse dia de Maio e até fiz versos. Viajava só no compartimento e a musa veio visitar-me. Embalava-me com ritmo, e pouco depois surgia o primeiro alexandrino de doze sílabas bem escandidas: "P'ra ti o mar tranquilo da minha ternura"... Lembras-te?).

O Inter-Regional vinha entupido de militares. Calor e muito barulho, bebedeiras e palavras, leitores de cassetes e música *pimba* em altos berros, ensurdeciam os passageiros e atemorizavam o *Alex*, resvalando ainda nas primeiras sílabas da canidade.

Mal o comboio partiu de Santa Apolónia, o cachorro deu logo sinal de que existia. Ganiu ou ladrou, não posso precisar. Viajava numa jaulazinha colocada na prateleira por cima da cabeça. Os outros passageiros – quatro, além de mim, três homens e um outro que nunca consegui saber a que sexo pertencia – sorriram e mostraram desejo de ver o prisioneiro contestatário. Fiz-lhes a vontade e retirei-o das grades. Ficaram estupefactos, incluindo o tal ou a tal, que fez o favor de nunca abrir a boca, para que se lhe não visse o sexo.

Imponente, o *Alex* trazia a personalidade saindo-lhe do pêlo lustroso. Magotes de viajantes

passavam no corredor no endireito do bar. Tamanho era o calor que a porta do compartimento estava aberta, para que a corrente de ar aliviasse a transpiração abundante.

Por esta altura iniciou-se a romaria ao compartimento. Soldados de regresso aos quartéis passavam em direcção à carruagem-bar, olhavam e logo entravam para vê-lo e fazer-lhe festinhas. De entre eles, um paraquedista tratador de cães: "Que lindo bicho o senhor aí leva! Na semana passada, apreeci um em Cascais; pediram-me cento e dez contos; achei de mais e resolvi arranjar um na Bósnia; parto para lá daqui a dias num contingente militar. Quanto lhe custou?" E eu, mentindo: "Oitenta e cinco contos..." E ele: "Não foi nada caro, pelo menos está abaixo do preço que se pede por aí".

Até ao Entroncamento, a divisória transformou-se na gruta do presépio, tantas as visitas de militares e de paisanos. Um pouco antes de Santarém, entrou o revisor: Estava o cachorro sentado à minha ilharga, porte altivo, elegante, garboso. Perguntou-me se não tinha uma caixa para guardar o cão. Apontei-lhe a jaula no cimo da prateleira. "Está muito bem; se a não tivesse, tinha de lhe cobrar meio bilhete; mas, se entretanto chegar algum passageiro, ceda-lhe o lugar; caso contrário, tenho mesmo de lhe cobrar meia passagem..."

Faltavam três passageiros para que o compartimento ficasse lotado. O *Alex* veio sempre ali comigo. Às vezes encostava-se mais a mim, sobretudo nos momentos trepidantes em que zunia um comboio na linha paralela. Veio sempre sentado sobre as patas traseiras, dando fé de tudo, olhando para a paisagem através da janela, armazenando sensações novas que tinha tido o privilégio de sentir ao

ser-lhe concedida esta oportunidade de viajar de comboio ao mesmo nível de qualquer passageiro.

Muito terá ele que contar aos irmãos adotivos quando chegar a casa e se for deitar com a nova família. Com certeza que ninguém vai pregar olho durante toda a noite, tantos serão os episódios de viagem a narrar. Na estação do Entroncamento, entraram duas estudantes de enfermagem. Ainda ficou vago o lugar à minhailharga. Ambas fizeram umas ternuras na cabeça do cachorro. Deve ter gostado, porque se encostou um pouco mais, os olhos luzindo de gozo. Eu sentia que ele se me estava afeiçoando. Talvez até tivesse já iniciado, em si ou em sol, a eleição da minha pessoa como dono efectivo e afectivo.

A estudante que se sentou ao lado do *Alex* abriu uma sebenta, *Lições de Pediatria*, pude ler na capa. Pouco depois, vi eu com estes olhos o cachorro passando as páginas ao livro com a patinha direita. Esperto como é, viu logo que se tratava de matéria médica que lhe interessava por se tratar da fase etária que atravessava. E ia partilhando a leitura com a fortuita companheira de viagem com muito entusiasmo e compenetração. Só visto. Quando ambos chegavam ao fim da página, o cachorrinho apressava-se a virá-la delicadamente, a fim de continuar a leitura da matéria pediátrica...

Cheguei a Coimbra pouco antes das onze da noite. Dirigi-me logo a casa dos pais adotivos. Esfuziante alegria. Total a surpresa no tocante à mãe, que estava longe de sonhar com aquela prenda de aniversário. Mal me viu com o cachorro ao colo, abriu os braços e veio buscá-lo. Ele reagiu com uma forte mijadela. Farto já estava ele de ser bem-educado ao longo de tantas horas. Durante o tempo em que lá estive, o agora *Adónis* portou-se sempre bem. Comeu bolachinhas de água e sal, bebeu leite, brincou com os companheiros. Só a *Eunice* emitiu uma rosnadela de ciúme. Sentiu que a dona estava apaparicando em demasia aquele estranho que chegara,

vira e vencera. No fundo, e ela reparou, o *Adónis* estava sempre com o olho em mim, notava-se que estava pressentindo uma orfandade efémera...

Gostei que lhe tivessem mudado o nome. Assim, poderei sempre ter saudades do *Alex*, o meu excelente companheiro de viagem entre Lisboa e Coimbra, numa tarde acalorada de Maio.

No dia seguinte telefonei a saber como tinha ele passado a noite. Não me enganei. Toda a canzoada residente só adormeceu sobre a manhã. Estiveram os dois cães e as duas cadelas a ouvir, boquiabertos, as aventuras que o *Adónis*, tão jovem e já tão privilegiado, lhes tinha para contar.

## 2

Não tive mão em mim e fui ver o cachorro *Adónis*, o *Dóni* para os amigos, e gostei de o ver crescido e cada vez mais cheio da personalidade siberiana da sua raça, muito doidivas e estabonado, como compete a um bicho quase a largar os cueiros, pouco ou nenhum tempo lhe resta para estar quieto e comer com assento, debica aqui e ali, até gosta de meter o focinho nas gabelas dos companheiros só para se exibir e rir-se depois, com os seus pêlos luzidios e bem penteados, do espanto dos colegas que o respeitam ao ponto de nunca lhe ladrarem, mas está bem nutrido, que a dona, por causa desse fastio, até lhe comprou *Schmackos*, um suplemento alimentar para infantes, de que ele gosta imenso, até lambe os beiços e chora por mais, de resto basta mostrar-lhe, como eu próprio vi, o saquinho com a guloseima para ele saltar, eufórico, de encontro à dona que anda sempre a apaparicá-lo com carícias e outras delícias, os ingredientes com que afinal se constrói o amor entre os seres pertencentes ao velho reino animal. Não sei se me conheceu se não, se ainda se lembra da nossa agitada viagem de comboio de há três semanas, só sei que me tratou com muito agrado e delicadeza, saudou-me, lambendo-me a cara e as

mãos, enquanto eu estava sentado no sofá, poisou depois o focinho sobre os meus joelhos com semicerrados olhos sonhadores, cada vez mais da cor do céu sem nuvens, mas, com a dona, é que é digno de assistir-se ao espectáculo da sua alegria. Mal ela se senta, ele salta-lhe para os braços, beijam-se mutuamente, ele apalpa-lhe os braços, que até têm as marcas das suas estreloçadas carícias, mas, após a exaltação, ali ficam ambos no concheço do colo um do outro, passando o serão até ele se enchourçar de sono e ir com os companheiros para o ninho da cave. Dizem-me os donos que aquele cachorro trouxe juventude à casa, que os outros, devido à idade e posição, já se tinham deixado de brincar. O *Dóni*, com o seu feito exuberante, veio pôr os pontos nos ii no que respeita às actividades lúdicas – obrigou-os a todos a brincarem com ele, que os brinquedos de borracha que a dona lhe comprou só são úteis para quando se encontra sozinho ou se fosse filho único. Só a cadela *Barby*, uma podenga portuguesa, acometida de doença grave e prolongada, é que, por vezes, lhe mostra cara de poucos amigos. Mas não admira. Quem tem um cancro, salvo seja, como ela, tem direito a que a deixem sossegada enroscadinha no seu cantinho, mesmo assim estava ontem mais riquinha de cara e mais esperta, que ela tem tido uma constante assistência médica e medicamentosa, que faria inveja a muitos humanos. Até já foi operada por um cirurgião de renome no Hospital da Universidade. Não há cura, mas também não querem os donos fazer-lhe uma eutanásia, ser-lhes-ia fácil, preferem, porém, viver pendurados em fios de esperança... A notícia do nascimento da ninhada da *Beta* foi recebida com alegria, a dona do *Dóni* preparou-o psicologicamente, dizendo-lhe que, dentro em breve, iria ter uma companheirinha da sua estirpe canina, mas ele, ainda sem apetites carnis, não fez grande caso e continuou na santa brincadeira no colo dela...

# LUGAR DOS LIVROS

## Os Lugares do Lazer

TÍTULO: Os Lugares do Lazer

ORG.: Rui Machado Gomes

AUTORES: Rui Machado Gomes, Elísio Estanque, Carlos Ferreira, António Figueiredo, João Teixeira Lopes, Robert Malina, Salomé Marivoet, Aristides Rodrigues, Norberto Santos, Manuel J. Coelho e Silva, Jorge Umbelino.

EDIÇÃO: Instituto do Desporto de Portugal

Se fossemos tentados a resumir em poucas palavras o tema deste livro diríamos que ele trata *do tempo e da sua circunstância*. Tempo que adquiriu valor económico e social, tempo que penetrou as sociedades modernas sob a forma de reestruturação radical e permanente dos ritmos de vida, das alternâncias entre trabalho e lazer, das durações e dos ciclos de vida. Tempo, portanto, que reestruturou as próprias condições de existência. Este processo de formação dos *tempos modernos* é inextricável das condições

em que se realiza e, de entre estas, das *actividades* a que os sujeitos se dedicam nos seus tempos quotidianos e dos espaços que usam para as concretizar. Nestes termos, a diversidade e a heterogeneidade dos tempos sociais apenas pode ser surpreendida na globalidade das suas circunstâncias.

O livro que agora se apresenta resulta de uma colaboração de três anos entre professores e investigadores de várias proveniências disciplinares e institucionais no Curso de Mestrado em *Lazer e Desenvolvimento Local* da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra. Contributos da História, da Sociologia, das Ciências da Educação, das Ciências do Desporto e da Geografia confluíram numa colaboração interdisciplinar profícua, tomando o lazer como objecto de estudo e problematização. Neste sentido, a alegoria dos *lugares* é dúplice porque o pensamento produzido nestes textos provém de

lugares disciplinares e institucionais com vizinhanças pouco comuns.

O conjunto de onze textos tem formas bastante diversas: estudos empíricos, reflexões teórico-conceptuais, recensões temáticas e ensaio são algumas delas. Também neste aspecto a diversidade de pontos de vista acrescenta, não diminui. O livro não se apresenta na qualidade de *reader* temático e sequer tem a pretensão de fazer o *estado da arte* ou apresentar trabalhos que se incluam coerentemente num determinado paradigma ou corrente de pensamento. Desta opção colhe as suas virtudes e limites. Desde logo não pode deixar de ser fragmentário e lacunar em algumas temáticas. Não parece que esse seja um aspecto negativo da obra. Pelo contrário, o ecletismo decorrente dos interesses muito diversos dos colaboradores espelha bem a situação actual deste campo de pesquisa nas suas potencialidades, limitações e diversidade.

## Cognição, Linguagem e Literatura. Contributos para uma Poética Cognitiva.

TÍTULO: Cognição, Linguagem e Literatura. Contributos para uma Poética Cognitiva. Cadernos do CIEG • N.º 16

AUTORES: Ana Margarida Abrantes e Peter Hanenberg

EDIÇÃO: CIEG/ MinervaCoimbra  
Coimbra • 2005

A investigação sobre a natureza e os processos da cognição humana tem impulsionado estudos em áreas diversas, que ambicionam um conhecimento mais profundo da sua dimensão biológica – o

cérebro – e dos processos de pensamento – a mente. Esta dicotomia é na verdade uma complementaridade, e como tal exige da ciência uma aproximação e um diálogo de que a designação plural desta área de investigação – ciências cognitivas – é um sintoma. A abertura da ciência a si própria manifesta-se ainda no aparecimento de estudos interdisciplinares, de que este caderno é um exemplo. Os estudos de Peter Hanenberg (“Sobre a utilidade das teorias cognitivas na aplicação à literatura e historiografia”), Per Aage Brandt (“Modelos Narrativos e

o Significado” e “As metáforas e o significado no soneto 73 de Shakespeare”) e Ana Margarida Abrantes (“Fundamentos cognitivos da narrativa autobiográfica – o exemplo de Peter Weiss”) são o resultado da intersecção entre as ciências cognitivas e a investigação em história e em literatura. Deste diálogo não são apenas as últimas que saem fortalecidas. Também o estudo das artes pode dar um contributo importante para um maior conhecimento sobre os mecanismos da cognição humana.

TÍTULO: *Eine wie Tausend* (1889) de Conrad Alberti: a primeira versão alemã publicada d'*O Primo Basílio* de Eça de Queirós. Cadernos do CIEG • N.º 17.

AUTOR: Astrid Rebelo Pinto Wiesbaum Paiva Boléo

EDIÇÃO: CIEG/MinervaCoimbra  
Coimbra • 2005

O presente estudo, que é uma versão levemente refundida da dissertação de Mestrado da autora, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e defendida em Julho do ano passado, tem como tema central a análise crítica da primeira versão alemã do romance eciano *O Primo Basílio*, editada

em Berlim em 1889. Tratando-se de uma adaptação surgida em circunstâncias algo peculiares – pois há indícios de que o seu autor, o escritor realista Conrad Alberti, a tenha elaborado a partir de uma tradução alemã, inédita e desaparecida, de Henriette Michaëlis (irmã de Carolina Michaëlis de Vasconcelos) –, o estudo dedica-se à descoberta e explanação das concepções estético-literárias de Alberti e à averiguação da sua relevância para a refundição fortemente abreviante e nacionalizante de *O Primo Basílio*. A análise efectuada, que se inscreve na teoria polissistémica dos «Descriptive Translation Studies» de Telavive, permite uma compreensão mais

profunda dos motivos que levaram o autor a proceder às alterações introduzidas no texto alemão.

Incidindo também no romance de Conrad Alberti *Das Recht auf Liebe*, publicado em 1890, o qual igualmente explora o tema do adultério feminino, o estudo pretende demonstrar as repercussões da adaptação da obra queirosiana na produção literária posterior do autor alemão. São analisadas as personagens do romance acima mencionado e comparadas com as de *Eine wie Tausend*, análise essa que revela – particularmente no que diz respeito à heroína – que Alberti criou uma espécie de contraponto à protagonista feminina da adaptação.

TÍTULO: Estudos Italianos em Portugal  
Nova Série • N.º 0

EDIÇÃO: Instituto Italiano de Cultura em Portugal  
2005

“A incentivar o Instituto Italiano de Cultura a retomar a publicação – não obstante as óbvias dificuldades decorrentes dos escassos recursos humanos e financeiros de que dispõe –, estiveram quer o interesse e o apoio que nos foram sendo manifestados, ao longo destes anos, quer a decisiva colaboração do Instituto de Estudos Italianos da Universidade de Coimbra, numa efectiva conjugação de esforços para o reaparecimento da revista a partir de sólidas bases científicas”: é com estas palavras que se abre o número da histórica revista *Estudos Italianos em Portugal* que acaba de ser editado.

O Instituto Italiano de Cultura, adstrito aos serviços culturais da Embaixada de Itália, iniciou a publicação da revista em 1939, dela tendo saído, até 1990, 53 números. Consagrada ao desenvolvimento de temas que se enquadram no âmbi-

to das relações luso-italianas, ocupou um lugar de primeiro plano na cultura portuguesa do século XX, tendo contado, ao longo dos anos, com a colaboração de vários docentes e investigadores da UC. Depois de uma ausência do panorama editorial que se estendeu por quinze anos, reencontra agora o seu público, com uma nova série, sob direcção de Giovanni Biagioni, Director do Instituto Italiano de Cultura, e com coordenação editorial de Rita Mamoto, Directora do Instituto de Estudos Italianos da FLUC. Neste número 0, é publicado um conjunto de artigos consagrado a domínios que vão do cinema à literatura, à pintura, ao teatro ou à história da medicina, de autoria de críticos portugueses e italianos, que recobre um arco temporal que vai desde a Idade Média até hoje. O Papa João Paulo II é recordado numa secção especial, com dois estudos que aprofundam a sua ligação a Fátima. A atenção dispensada à actualidade fica bem patente nas secções dedicadas à publicação de textos criativos, “Obra aberta”; à recensão de ensaios críticos; à compilação de informações sobre

## Estudos Italianos em Portugal

os livros italianos traduzidos para português em 2004, no domínio da literatura ou do ensaio, e também sobre os livros a publicar, nesses mesmos domínios, em 2005; a uma resenha das actividades organizadas pelo Instituto Italiano de Cultura, ou que receberam o seu apoio, de forma a potenciar valências da interrelação luso-italiana, como sejam, espectáculos teatrais, musicais, conferências e colóquios; e ao *Segundo Encontro de Italianística*, organizado pelo Instituto de Estudos Italianos da FLUC. Por sua vez, à presença portuguesa em Itália é consagrada uma resenha da representação na bial de Veneza.

A reestruturação editorial da revista tem por correlato a renovação do seu aspecto gráfico, com a sobriedade classicizante que lhe foi conferida por João Bicker. Se a capa consagra as cores comuns às bandeiras de Portugal e da Itália, a impressão é feita em caracteres Bembo, tipo usado pela primeira vez por Aldo Manuzio em 1495, na obra de Pietro Bembo *De Aetna*.

## Génese e consolidação da Ideia de Europa

TÍTULO: Génese e consolidação da Ideia de Europa. Contributo para o seu Estudo: de Homero ao fim da época clássica. Vol. I.

COORD.: Maria do Céu Fialho, Maria de Fátima Sousa e Silva e Maria Helena da Rocha Pereira

EDIÇÃO: Imprensa da Universidade  
Coimbra • 2005

A verbalização da consciência de identidade, no contexto do espaço que é para nós, hoje, o da Europa, é de matriz helénica e tem os seus primeiros testemunhos no mais antigo dos textos poéticos da nossa civilização – os *Poemas Homéricos*. Desde sempre tal consciência foi experienciada em correlação com a de alteridade, assente, inicialmente, num critério de ordem meramente linguística. *Barbarophonos* opõe-se, em Homero, àquele que fala grego e essa oposição é aí sentida em relação a um espaço oriental próximo. Pode, assim, dizer-se que a consciência de identidade helénica, que se converterá, dentro da cultura grega, na de identidade europeia, nasce com um olhar a oriente – de Homero a Xenofonte é perseguido esse olhar neste livro.

Assim o demonstra o conteúdo deste volume, bem como o modo como os conceitos correlativos de Heleno e Bárbaro vão ganhando amplitude. Bárbaro será o Outro, de uma Ásia cujo espaço pode compreender o próprio Egipto, que se rege por códigos de comportamento diversos e não passíveis de conciliação com os gregos. Entre a curiosidade e o fascínio por essa diversidade, consoante Heródoto o demonstra, e uma consciência de supremacia cultural, cujos valores se afirmam com particular veemência em tempo de crise e de ameaça, como é o caso do das guerras medo-persas, os testemunhos dos autores oferecem um inesgotável manancial de leituras. Em Ésquilo, *Persas*, as representações de alteridade podem espelhar a potencialização da imagem negativa ou a projecção da idealização da identidade, no caso de Dario.

O efeito de estranhamento extraído da caricatura da língua e hábitos do não-grego, proporciona matéria para criação do cómico no teatro aristofânico, mas, simultaneamente, assiste-se a um tipo de efeitos similares extraídos da caricatura do não-ático. É que também, desde cedo,

a experiência de identidade contém fissuras e paradoxos, que levam a equacionar a questão, tão típica do drama eurípidiano: quem é, afinal, o verdadeiro bárbaro, retomando a abertura, já perceptível em Ésquilo, à questão das fronteiras da identidade.

Tais fissuras encontram suporte na diversidade semântica, ainda visível em Platão, entre *xenos*, o estrangeiro grego fora do contexto da sua pólis, e *barbaros*, o não-grego. Confrontamo-nos com uma Hélade que se entende como um todo e, simultaneamente, como um conjunto de micro-universos fechados, os das *pólis*, unidos por fortes denominadores culturais comuns. Percebem-se, todavia, mecanismos de exclusão e inclusão, dinâmicas de gradação identitária no universo da pólis em relação aos seus cidadãos e aos *xenoi* aí acolhidos. Desde sempre, identidade e diversidade jogam-se entre dois universos diferentes mas também, com cambiantes, contradições, enriquecimento e hostilidade, no próprio *cosmos* identitário.

TÍTULO: O Teatro de Ésquilo

AUTOR: Fátima Silva

EDIÇÃO: Imprensa da Universidade  
Coimbra • 2005

O objectivo principal deste estudo é avaliar a produção de Ésquilo numa perspectiva dramática e cénica. Sem abdicar da análise interpretativa de alguns aspectos

relevantes do pensamento esquiliano, são sobretudo as componentes de força da estrutura dramática e os recursos de cena verdadeiramente caracterizadores de um certo gosto teatral que têm a prioridade. Assim, coro e personagens, na proporção que lhes é dada e nas formas de identificação usadas, ocupam um espaço vasto deste estudo, ao lado de

alguns processos consagrados como tipicamente trágicos – sonhos, silêncios, reconhecimentos, espectáculo da morte. Um breve capítulo sobre o drama satírico desvenda essa outra face da produção de um poeta que, para os olhos modernos, se define por excelência como autor de tragédias.

## O Teatro de Ésquilo

## Com Paulo Quintela à Mesa da Tertúlia. No 1º centenário do seu nascimento

TÍTULO: Com Paulo Quintela à Mesa da Tertúlia. No 1º centenário do seu nascimento

AUTOR: Cristóvão de Aguiar

EDIÇÃO: Imprensa da Universidade  
Coimbra • 2005

No decurso da obra, o autor não dissertou sobre o professor universitário que durante anos ocupou a cátedra de Filolo-

gia Germânica e preenchia, com a sua presença física e intelectual, toda a Faculdade de Letras. Nem tão-pouco procurou analisar a vasta obra traduzida de várias línguas para português de lei, da poesia ao teatro, do romance ao ensaio, deste modo demonstrando ser um dos maiores tradutores da Língua Portuguesa. Preferiu evocá-lo nos prodigiosos instantâneos à mesa da tertúlia, na *Brasilei-*

*ra* ou no cantinho do Bar das Letras; nos curtos passeios, em dias ensolarados, ao longo da Avenida, paredes-meias com sua casa; nas tardes de convívio, na sua sala de estar. Das tardes inesquecíveis que passou com Paulo Quintela, escutando-o, extasiado, foi aos poucos alimentando a memória e temperando o ânimo, sendo esta crónica o fruto dessas conversas estendidas pela tarde dentro.

## Técnicas de Diagnóstico com Raios X. Aspectos Físicos e Biofísicos

TÍTULO: Técnicas de Diagnóstico com Raios X. Aspectos Físicos e Biofísicos

AUTOR: J. J. Pedroso de Lima

EDIÇÃO: Imprensa da Universidade  
Coimbra • 2005

Esta obra pretende ter informação sobre física e tecnologia das técnicas de imagem com radiação X que se adapte às tendências das actuais licenciaturas e mestrados, nas áreas da Radiologia, Física Médica, Engenharia Biomédica, etc. No contexto deste livro, as técnicas destinadas à exploração de estruturas anatómicas internas, por meio de imagens obtidas com feixes de raios X dirigidos através dos pacientes, são as únicas consideradas e numa perspectiva meramente física.

A componente científica da técnica de imagem com raios X foi privilegiada

mantendo, no entanto, uma feição didáctica que parte das bases e toma em conta, tanto quanto possível, as características multidisciplinares dos assuntos.

Uma fracção do livro anteriormente publicado pelo autor nesta área, *Física dos métodos de imagem com raios X*, foi mantida sem alterações de fundo, outra foi substancialmente melhorada, outra eliminada e um conjunto de novos temas introduzidos, tais como a radiologia de intervenção e os métodos multimodais. Algumas incorrecções foram redimidas.

Pensamos que este livro poderá ter um impacto estimulante nos alunos dos diversos cursos pois tem a preocupação de explicar ou, pelo menos, de deixar pistas, de modo a que todos os assuntos sejam entendidos sem lacunas que empobrecem o conhecimento. Por outro lado, acreditamos que a obra seja útil

para todos os profissionais da área da radiologia, já que aborda temas com interesse, quer gerais quer de especialidade, como as técnicas da TC e mamografia, a protecção radiológica, a radiologia de intervenção e a acção biológica dos raios X.

O trabalho é iniciado pelo estudo dos fenómenos que ocorrem na ampola. Seguem-se os aspectos da produção dos raios X, a sua interacção com a matéria, o contraste radiológico, as características e propriedades dos filmes radiológicos e dos intensificadores de imagens, a dosimetria das radiações, aspectos da biofísica da visualização de imagens, as modernas técnicas de imagiologia utilizando raios X, a interacção dos raios X com a matéria viva e, por fim, a protecção radiológica com um capítulo especial dedicado à radiologia de intervenção.

## Biofísica Médica

TÍTULO: Biofísica Médica (2ª edição revista)

AUTOR: Pedroso de Lima

EDIÇÃO: Imprensa da Universidade Coimbra • 2005

O presente trabalho é constituído por sete capítulos. O primeiro trata da biofísica de membranas. Este capítulo começa nas propriedades físicas das membranas, passa pelas funções renal e pulmonar e acaba nos fenómenos bioeléctricos. O segundo capítulo trata das propriedades dos gases, das suas misturas e dos contactos dos gases com os líquidos e

tecidos. Consideram-se aplicações à respiração pulmonar, onde se destacam modelos mecânicos incluindo o da função alveolar.

O terceiro capítulo é uma introdução à biomecânica. São transmitidos os conceitos sobre o equilíbrio mecânico. Alguns aspectos da dinâmica dos sólidos são abordados de modo elementar. O interesse da biomecânica é realçado com exemplos de aplicação.

O capítulo quarto aproxima os alunos da mecânica dos fluidos e dos problemas do caudal dos líquidos em tubos cilíndricos com comportamento elástico

complexo. Apresenta-se um conjunto de aplicações com interesse médico à circulação sanguínea do homem.

O capítulo quinto introduz conceitos elementares de física atómica, física nuclear e física das radiações, da acção biológica e da protecção contra radiações ionizantes, das aplicações de radionuclídeos em medicina e da física da luz solar.

O capítulo sexto incide sobre bioenergética. Alguns modelos de cinética de enzimas são também considerados.

Finalmente, o capítulo sétimo trata de conceitos elementares de electricidade adaptados às aplicações médicas.

## Termodinâmica e Propriedades Termofísicas

TÍTULO: Termodinâmica e Propriedades Termofísicas

COORD.: Lélío Q. Lobo e Abel G. M. Ferreira

EDIÇÃO: Imprensa da Universidade Coimbra • 2005

*Termodinâmica e propriedades termofísicas* é uma obra em dois volumes onde os autores expõem e desenvolvem o curso homólogo que têm leccionado na Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra a alunos de Engenharia Química e especialidades afins. No volume 1 (*Termodinâmica das*

*fases*), que ocupa três quartos da matéria coberta, são tratados assuntos que varrem todo o espectro do equilíbrio de fases, desde os princípios e relações em que a termodinâmica se fundamenta até ao cálculo concreto dos equilíbrios mais relevantes no domínio das aplicações – (1+g), (1+l) e (s+l) – para substâncias puras e para misturas. A perspectiva é a da termodinâmica clássica. Faz-se referência a métodos experimentais e examinam-se os diagramas de equilíbrio de fases, essenciais para a compreensão qualitativa dos fenómenos no domínio da Química-Física. É dada relevância ao

tratamento quantitativo por equações de estado. O volume 2 (*Teoria cinética e propriedades de transporte dos gases*), que complementa a exposição anterior, orienta-se para a fundamentação teórica subjacente aos métodos de estimativa das propriedades de transporte de fluidos, sobretudo no estado gasoso. Para ligação, é feita referência (em Apêndice) à teoria das forças intermoleculares. Em ambos os volumes, o texto é acompanhado por numerosas ilustrações e tabelas de valores e é complementado por cerca de uma centena de exercícios de aplicação, detalhadamente resolvidos.



## J A N E I R O

20  
 • **Concerto de Ano Novo**  
 Artur Pizarro com Orquestra  
 Gulbenkian  
 TAGV, 21h30

24  
 • **Reunião do Júri do “Prémio  
 Universidade de Coimbra”**  
 (3ª edição, 2006)  
 Palácio de S. Marcos

26  
 • **escreleituras**  
 Abel Barros Baptista lê  
 “A chinela turca”,  
 de Machado de Assis  
 TAGV (Café-Teatro), 18h00

27  
 • **“Bicicleta de recados”**  
 Poesia pelo Trigo Limpo, Acert  
 TAGV, 21h30

## F E V E R E I R O

4  
 • **“Socorro, estou grávida”.**  
 Direcção de Celso Cleto e  
 interpretação de Sofia Alves.  
*Teatro*  
 TAGV, 21h30

7  
 • **“Aquém da Bíblia e além de  
 Darwin”**  
 João Rui Pita, Manuel Viegas  
 Abreu e Paulo Gama Mota  
 Ciclo “10 livros que abalaram  
 o mundo”  
*Debate*  
 Anf. Museu Zoológico, 17h30

9  
 • **“Memórias de um Sábado  
 com Rumores de Azul”**  
 Companhia Paulo Ribeiro  
*Dança*  
 TAGV, 21h30

15 e 16  
 • **“Orgia”**  
 Pier Paolo Pasolini  
 Companhia Artistas Unidos.  
*Teatro*  
 TAGV, 21h30

22 e 23  
 • **“Os sonhos de Einstein”**  
 Teatro da Trindade  
*Teatro*  
 TAGV, 21h30

## M A R Ç O

1  
**Início da VIII Semana  
 Cultural da UC**  
 “De Mar a Mar”, 1 a 11 de  
 Março.  
 Sessão Solene comemorativa  
 dos 716.º Aniversário da UC  
 Auditório da Reitoria, 14h30

1  
 • **“História Trágico-Marítima”,**  
 de Fernando Lopes-Graça.  
 Concerto de aniversário da UC,  
 Orquestra Sinfónica ARTAVE  
 TAGV, 21h30

2  
 • **“Agosto”,** de Jorge Silva Melo  
 (1988).  
 Início do ciclo de cinema  
 “Mar Português”  
 TAGV, 21h30

3  
 • **“Planeta Água - h<sub>2</sub>O foto-  
 biografia”**  
 Inauguração da exposição, com  
 fotografias de Paulo Magalhães.  
 Pav. Centro de Portugal, 21h00

4  
 • **“O Mar como factor estraté-  
 gico do desenvolvimento de  
 Portugal”**  
*Mesa-Redonda*  
 CAE, Figueira da Foz, 17h00

4  
 • **“Tanto Mar”**  
 Poesia portuguesa dos cinco  
 continentes, selecção literária  
 de Paulo Filipe, direcção musi-  
 cal de Laurent Filipe.  
 CAE, Figueira da Foz, 21h30

5  
 • **“À Flor do Mar”,**  
 de João César Monteiro (1986)  
*Ciclo de cinema*  
 “Mar Português”  
 TAGV, 21h30

6  
 • Leitura de poemas e lança-  
 mento do n.º 6 da **revista**  
**“Oficina de Poesia”**  
 TAGV (Café-Teatro), 18h00

7  
 • **“Mediterrâneo, Orientes e  
 Globalização”**  
*Colóquio internacional*  
 Arquivo da UC, 9h30

7  
 Inauguração de **Exposição de  
 Caligrafia Persa e Árabe.**  
 Arquivo da UC, 18h00

7  
**Espectáculo de Música  
 Iraniana**  
 Hushang Djâvid, acompanhado  
 pelo instrumentista/percussio-  
 nista Ehsan Kavé.  
*Música*  
 TAGV, 21h30

8  
 • **“Zéfiro”,**  
 de José Álvaro Morais (1994),  
 seguido de debate sobre o tema  
 “O mar no cinema português”,  
 com Luís Sousa Martins, Paulo  
 Cunha e Álvaro Garrido.  
*Ciclo de cinema*  
 “Mar Português”  
 TAGV, 21h30

9  
 • **“Água e Sal”,**  
 de Teresa Villaverde (2001)  
*Ciclo de cinema*  
 “Mar Português”  
 TAGV, 21h30

10  
 • **Fórum da Água e da Saúde,**  
 Casa Municipal da Cultura,  
 10h00

23  
 • **“Três livros, três translações  
 físicas”**  
 O “avó” (Galileu), o “pai”  
 (Newton) e o “filho” (Einstein),  
 com João Maria André, Paula  
 Oliveira e Carlos Fiolhais.  
 Ciclo “10 livros que abalaram o  
 mundo”.  
*Debate*  
 Arquivo da UC, 17h30

www.coimbraeditora.pt



Livraria FERREIRA BORGES - Rua Ferreira Borges, 77 Coimbra  
 Livraria AAC-COIMBRA - Rua Padre António Vieira, Edifício AAC Coimbra  
 Livraria CHIADO-LISBOA - Rua Nova do Almada, 99 Lisboa  
 Livraria JURÍDICA - LISBOA - Centro Comercial Aco-Ins, Av. João de Deus, 6 A Lisboa  
 Livraria FDL - LISBOA - Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa  
 Livraria JURÍDICA DO PORTO - Rua Cláudio dos Reis, 31 Porto  
 Livraria FOP - PORTO - Faculdade de Direito da Universidade do Porto



AB VNO AD OMNES  
**Coimbra Editora**



**ALMEDINA**

**Livraria . Editora**

[www.almedina.net](http://www.almedina.net)

Almedina Atrium  
 Pr. Duque de Saldanha  
 1 - Loja 71 - 2º piso  
 1050-094, Lisboa

Almedina Ferreira Borges  
 Rua Ferreira Borges, 121-127  
 3000-180, Coimbra

Almedina Arrábida  
 Arrábida Shopping, Loja 158 A/B  
 Praceta Henrique Moreira,  
 244, Afurada | 4400-475  
 Vila Nova de Gaia

Almedina Braga  
 Campus de Gualtar  
 Universidade do Minho,  
 4710-057, Braga

**ALMEDINA-DIREITO À CULTURA**



# RUA LARGA

REVISTA DA REITORIA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Assinatura anual da Revista Rua Larga: Assinatura Anual (4 números) • Estudantes e Antigos Estudantes da UC: 15 € (IVA incluído) • Outros: 18 € (IVA incluído) • Avulso (cada número): 5 € (IVA incluído)  
Números Anteriores: 5 € (IVA incluído)

Os preços incluem os portes de correio nacionais.

A assinatura anual inclui a entrega dos quatro exemplares. A assinatura pode ter lugar em qualquer altura do ano, passando a anuidade a contar a partir desse momento, independente do ano civil.

Para assinar a Rua Larga contactar a Associação dos Antigos Estudantes da Universidade de Coimbra, Largo da Portagem, 27, 4.º, 3000-337 Coimbra. Telefone: 239824810. Email: [aaecoimbra@sapo.pt](mailto:aaecoimbra@sapo.pt)

Assinaturas pela internet em [www.uc.pt/rualarga](http://www.uc.pt/rualarga)

## NOVAS TIPOLOGIAS DE RELACIONAMENTO COM A UNIVERSIDADE DE COIMBRA

A Universidade de Coimbra promove, dinamiza e apoia o estabelecimento de relações, projectos e parcerias com o mundo exterior, contribuindo para a aproximação e aprendizagem recíprocas.

Nesse sentido, encontram-se definidas diferentes formas de relacionamento, incluindo a utilização de marcas próprias, onde se incluem as seguintes:



**Parceiro:** As entidades *Parceiras* ligam-se umbilicalmente à Universidade de Coimbra através de uma relação mutuamente aprofundada, desenvolvendo em conjunto projectos diversificados, de dimensão e impacto significativos.



**Aliado:** As entidades *Aliadas* assumem uma relação de proximidade com a Universidade de Coimbra, que as apoia e acompanha em diferentes iniciativas e na resolução de problemas específicos.

mais informações em <http://www.uc.pt/gats>



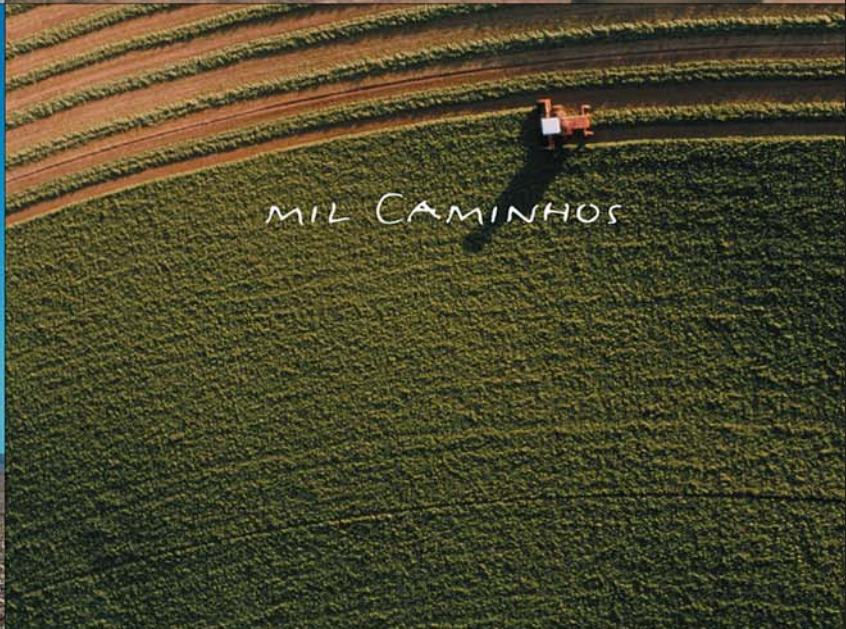
**totta**

**Caixa Geral  
de Depósitos**

**universia**



**bluepharma**  
Indústria Farmacéutica, S.A.



**Millennium**  
bcp

A vida inspira-nos